

DRESA GUERRA

AMOR

IMPERDOÁVEL





PERIGOSAS NACIONAIS

DRESA GUERRA

AMOR IMPERDOÁVEL

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Dresá Guerra

Copyright © 2019 Editorial Hope ®

Editora Responsável: Jéssica Milato

Revisão: Messias Meshi

Revisão Final: Editorial Hope

Designer Gráfico capa: Babi Dameto

Designer Gráfico diagramação digital: Jéssica
Milato

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)

(Ficha catalográfica feita pela Editora.)

G934, Guerra Dresá

Amor imperdoável | 1ª ed. - Editorial Hope

Araras, 2019

ISBN: 978-85-5788-109-9

1. Romance. 2. Literatura Brasileira. I. Título.

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL E
PARCIAL DESTA OBRA, DE QUALQUER
FORMA OU POR QUALQUER MEIO
ELETRÔNICO, MECÂNICO, INCLUSIVE POR
MEIO DE PROCESSOS XEROGRÁFICOS,
INCLUINDO AINDA O USO DA INTERNET,
SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA

PERIGOSAS ACHERON

NA PESSOA DE SEU EDITOR (LEI 9.610 DE
19/02/1998).

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES,
PERSONAGENS, LUGARES E
ACONTECIMENTOS DESCRITOS SÃO
PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DO AUTOR.
QUALQUER SEMELHANÇA COM
ACONTECIMENTOS REAIS É MERA
COINCIDÊNCIA.

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO
RESERVADOS PELO:
GRUPO EDITORIAL HOPE ®

www.editorahope.com

www.venhafazerhistoria.com

Navegue aqui

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

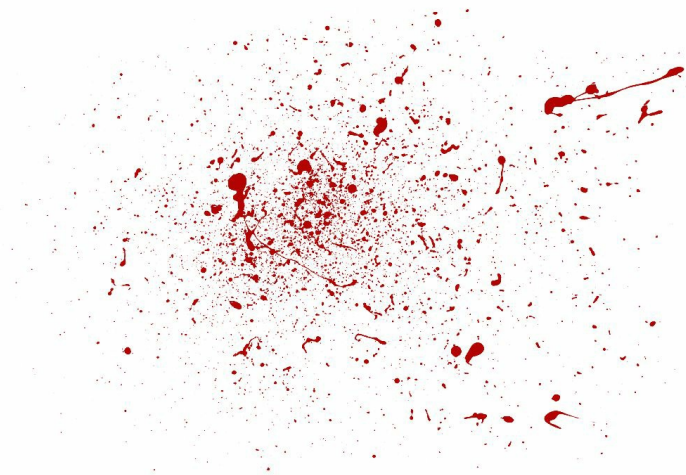
[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[AGRADECIMENTOS](#)



Para todos aqueles que enxergam razão nas coisas
feitas pelo coração.

Há sempre alguma loucura no amor.

Mas há sempre um pouco de
razão na loucura.

Ame. Perdoe. Viva!

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

*“A saudade é o que faz
as coisas pararem no tempo”.*

Mário Quintana

Eduardo

É estranho como a nossa mente pode nos pregar peças. Como acreditamos que não nos lembramos mais de uma coisa, e em um momento completamente aleatório, a lembrança vem com força total.

Eu já vivi muitos momentos de perigo. Na minha profissão, é normal ter a vida por um fio. Por várias vezes, já estive cara a cara com a morte. E em nenhum desses momentos, a minha vida passou pela minha frente. Tudo que eu via era o rosto dela. Tudo que eu sentia era aquela saudade e a culpa por ter deixado ela ir embora. Só me passava uma coisa pela cabeça: se eu morresse agora, nunca haveria uma segunda chance.

Ela nunca soube, talvez nunca saberá, mas era sempre nela que eu me refugiava e buscava

forças para continuar. Mesmo que ela não estivesse mais comigo. Mesmo que eu a tivesse mandado embora há sete anos... Era ela a lembrança que sempre vinha quando eu acreditava que já tinha esquecido. E era para ela o meu último pensamento, caso eu não conseguisse sobreviver. Hoje não seria diferente.

A adrenalina já passeia pelo meu corpo e os barulhos dos tiros ecoam na minha mente. A correria, os gritos e a tensão cobrem o lugar. É só mais uma noite comum na minha vida de policial militar no Rio de Janeiro.

Estamos no meio de um arrastão na Linha Amarela. Na realidade, eu e meu parceiro fomos pegos de surpresa. Era hora de ir para casa, e já podíamos sentir o gostinho da folga que enfim viria. No meio do caminho, notamos a correria e o desespero das pessoas. Como estávamos na viatura, nem haveria chance de nos escondermos. E mesmo que houvesse, policial não pode contar com a sorte em um assalto.

Pensando não apenas em nossas vidas, mas nas pessoas que estão reféns dos bandidos, paramos a viatura um pouco distante do foco do arrastão e nos escondemos. Eu estou com minha pistola

pronta para o que vier.

Ricardo, meu parceiro, acerta um tiro em um dos bandidos que ameaça um motorista. O disparo é certo, mas chama a atenção dos outros três bandidos, que começam a disparar em nossa direção. Além de tentar me abrigar, eu grito para que as pessoas se abaixem e saiam da linha de tiro. Eu não temo apenas pela minha vida. Temo por todos os inocentes que, por volta das oito horas da noite de uma sexta-feira carioca, só querem chegar em casa.

Eu tenho o dever de agir, o que me obriga a pensar rápido e partir logo para ação, sem muito tempo para pensar nas consequências. A troca de tiros fica intensa. Já havíamos pedido reforços, mas precisávamos manter a situação sob controle.

É quando eu sinto a queimação no meu ombro esquerdo. Uma dor rapidamente se espalha pelo meu corpo. O sangue começa a escorrer pelo meu braço. Alguns segundos, uma agonia desgraçada. E ao fechar os olhos, eu posso ver o sorriso dela e ouço sua voz sussurrar:

“Tudo vai ficar bem”.

Ricardo rapidamente chega ao meu lado e me traz de volta a minha dolorosa realidade:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Edu, você foi atingido! Aguenta firme, cara!

— Vê como está isso aí! Tá doendo pra caralho!

— Parece que foi de raspão...

Quando ele se prepara para terminar a frase, começa outra chuva de tiros. Os meliantes estão tentando fugir, empurrando as pessoas e efetuando disparos para todo lado, apenas para criar pânico e concluir a fuga. Mesmo com dor e com a minha visão meio turva, efetuo dois disparos, fazendo o possível para atingir o marginal que não está muito longe de nós.

Os tiros cessam. De repente, tudo fica estranhamente em silêncio. Ao olhar em volta, infelizmente percebo que os bandidos fugiram. Vejo pessoas amedrontadas, jogadas no chão, escondidas entre carros abandonados. Percebo um rastro de sangue.

Meu ombro ainda dói, e só parou de sangrar tanto porque improvisamos um curativo até reforço e socorro chegarem. Com dificuldade, resolvo olhar em volta. Ricardo grita que há um bandido ferido, não muito grave, e o imobiliza para que o infeliz não fuja.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sigo o rastro de sangue e encontro uma pessoa ferida. O tiro atingiu um pouco abaixo do seu peito, mas a hemorragia dele é muito forte. Pelo local em que está e por não ter nenhuma arma por perto, acredito que seja uma vítima.

É sempre assim. Nosso estado está em guerra. E no fim, quem sempre paga são os inocentes. Tento estancar o sangue, grito por Ricardo e decido falar com o homem que está perdendo a vida na minha frente. Ao finalmente olhar para o seu rosto, não acredito no que vejo:

— Marcelo!

— Eduardo...

Isso não podia estar acontecendo... Sigo tentando estancar a hemorragia. Faço uma pressão tão forte, que meu ombro volta a sangrar. Ouço a sirene da ambulância ao longe. A voz de Ricardo ecoa em meus ouvidos, mas tudo começa a ficar turvo.

— Salva ele, Ricardo! Ele não pode morrer!

É a última coisa de que me lembro antes de minha vista escurecer e eu apagar...



Mônica

Quando você mora em uma cidade como o Rio de Janeiro, infelizmente você aprende a conviver com o medo do assalto, da bala perdida, da insegurança. Encontrar alguém que nunca tenha sido assaltado é uma raridade. Você só torce para que não vire estatística também.

Entretanto, só a torcida não basta. Cá estou eu, desesperada, dentro do Uber, ligando para que minha amiga Léia vá me encontrar no hospital, pois o Marcelo acabou de levar um tiro em uma tentativa de assalto.

Você ouve tantos relatos na TV, tudo parece tão perto e ao mesmo tempo tão distante, mas não espera que isso aconteça com você. Choro o caminho inteiro, desde que o telefone tocou, me dando a maldita notícia de que meu namorado fora levado para o Hospital Souza Aguiar. Apenas disseram que ele sofreu uma tentativa de assalto e estava internado. O pior foi ter que dar a notícia para a mãe dele.

Depois de um caminho que parecia não ter fim, finalmente chego ao hospital. Tudo passa

como um borrão, não consigo me concentrar em nada. Sou a primeira a chegar e logo vou perguntar sobre o Marcelo. Apenas sou orientada a aguardar. Me jogo em um dos poucos bancos da recepção, pedindo a Deus que salve a vida dele. Algum tempo depois, Léia chega e me abraça. Depois é a vez de Paula, minha sogra, chegar. Choramos abraçadas.

Algumas horas passam, e nenhuma notícia do Marcelo vem. Dentro de mim, um sentimento ruim cresce, mas também uma ansiedade inexplicável, como se algo fosse acontecer a qualquer momento. É então que um médico procura pelos familiares do Marcelo.

Sem a menor cerimônia, ele apenas fala:

— Sinto muito. Fizemos o possível, mas o senhor Marcelo não resistiu.

Dona Paula desaba nos braços de Léia. Eu permaneço em choque. O médico dá as costas. Eu continuo no mesmo lugar. Meu ouvido começa a zunir e minha mente repete sem parar que “isso não está acontecendo”. Sem pensar, vou atrás do médico para que ele me explique o que está havendo. O Marcelo não pode estar morto! Eu falei com ele há menos de duas horas e ele estava vindo

PERIGOSAS NACIONAIS

me buscar para irmos ao cinema. Como ele morreu assim?

Ao me arrastar pelo corredor, ouço uma voz muito familiar, mas que há tempos não escuto, chamar meu nome. Ao me virar, não acredito no que vejo:

— Eduardo?

— Sim, Mônica, sou eu!

Sem saber bem o motivo, apenas vou até ele e o abraço. Quando ele me abraça de volta, é como se finalmente a minha ficha caísse, e então me entrego ao choro. Sem perguntar nada, ele apenas me abraça mais forte, como se pudesse evitar que eu afundasse em minha dor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

“Despedir-se de um amor é despedir-se de si mesmo.

É o arremate de uma história que terminou, externamente, sem nossa concordância, mas que precisa também sair de dentro da gente”.

Martha Medeiros

Eduardo Sete anos atrás

Eu estava vivendo um dos melhores momentos da minha vida. O resultado da prova do concurso da Polícia Militar havia saído. E eu havia sido aprovado. Eu queria comemorar, gritar, pular, afinal, eu ansiava muito por isso. Pode parecer bobagem, capricho ou qualquer outra coisa, mas eu sabia que essa era minha única chance. Eu não era dos mais inteligentes, já estava chegando a uma idade que não me permitia mais errar, e talvez essa fosse a única chance de conseguir algo concreto na

vida.

Entretanto, estava ali na porta da faculdade, com um aperto no coração, esperando Mônica sair. Tinha medo da reação dela. Em todos esses anos juntos, nossas maiores discussões ocorreram após eu decidir que ia entrar para a PM. Eu sabia que ela não queria aquilo, mas eu desejava o suficiente para fazer tudo às escondidas e só contar agora, depois de aprovado. Minha esperança era que, ao ver minha felicidade, ela entendesse o quanto aquilo era importante, não apenas para mim, mas para todo nosso futuro.

Estava no horário de ela sair. Esperei alguns minutos e então senti aquele familiar aperto no peito. Ainda que eu não a tivesse visto, meu corpo sempre parecia reconhecer quando ela estava por perto. Alguns segundos depois, ela finalmente entrou no meu campo de visão. Caminhava despreocupada, conversando com algumas pessoas. Uma de suas amigas apontou para mim, e então nossos olhos finalmente se encontraram.

Já estávamos juntos há quase três anos, e toda vez que ela me olhava e sorria daquela forma, eu me apaixonava um pouco mais. Era como se meu coração inchasse de tanto amor, que chegava a

doer. Eu a amava mais que tudo na vida, e eu só queria que ela me amasse de volta com a mesma intensidade.

Seu sorriso ficou ainda maior ao me ver, e, quando ela começou a caminhar para me encontrar, eu só conseguia pensar no quanto eu era um filho da mãe sortudo por ter alguém como ela na minha vida.

— Que surpresa maravilhosa, Edu! Mas você podia ter me avisado, teria me arrumado melhor para te encontrar — Ela termina de falar e me dá um beijo suave nos lábios.

— Se houvesse aviso não seria surpresa, certo? Agora, vem! Vamos comer alguma coisa antes de eu te levar para casa.

Seguimos conversando sobre o nosso dia em todo o caminho no ônibus, que estava um pouco cheio. Enquanto conversávamos, eu só conseguia pensar que, daqui a um tempo, conseguiria o suficiente para ter um carro e poder dar um conforto maior a ela.

Chegamos ao nosso destino e resolvemos tomar um açaí, um dos lanches favoritos da Mônica. Não era o local apropriado para contar e conversar sobre a novidade, mas se eu não fizesse

isso logo, perderia a coragem. Interrompi o que ela estava falando, e depois de um longo suspiro, falei tudo de uma única vez:

— Fui aprovado na prova da PM.

Eu esperei que ela gritasse, chorasse, fizesse qualquer coisa, mas ela só me encarou, piscando várias vezes, o rosto com uma mistura de sentimentos inexplicáveis. Minutos intermináveis passaram antes de que ela resolvesse falar algo:

— Eu não acredito que você fez isso com a gente.

— Eu fiz isso pela gente, Mônica! Você pode pelo menos me ouvir?

— Você me ouviu antes de fazer a prova, Eduardo? Levou em consideração a minha opinião? Você fez tudo pelas minhas costas, mesmo depois de saber o que eu achava!

— Eu estou fazendo isso pelo nosso futuro! Não é só um sonho meu, é um sonho nosso! Eu quero poder te dar uma vida melhor, e entrar para a PM é a única forma de fazer isso!

— Se eu não concordo, não é um sonho nosso. Eu não quero isso para a minha vida, Eduardo! Não quero viver com medo de você ser morto, de se corromper ou de virar estatística! Você

pensou apenas em você ao realizar essa prova. E isso não é justo!

— Não é justo? Então eu posso apoiar cada ideia e sonho seu, por mais que eu não concorde com eles, e a única vez que eu peço para você me apoiar, você vira as costas? Essa é a sua ideia de companheirismo?

— Do que você está realmente me acusando?

— Eu não estou te acusando, só estou tentando te mostrar o quanto você está sendo egoísta! Eu estou prestes a realizar um sonho, que vai permitir que a gente possa casar, ter uma vida, e o mínimo que eu esperava era um abraço seu. Só isso! Mas você só pensa em você! Só importa o que você quer! Como vamos manter um relacionamento assim? Me diz!

— O que você quer dizer com isso, Eduardo? Você está querendo terminar o nosso namoro?

— É você que está terminando com a gente, Mônica. Não dá para manter um relacionamento quando os dois não sonham juntos.

— Espero que você não se arrependa. Eu não sou o tipo de pessoa que perdoa. Se você for, não pense que eu vou te esperar.

— Pode deixar, Mônica. Quem sabe um dia

PERIGOSAS NACIONAIS

você escute falar de mim.

Então eu fui embora, sentindo uma das piores dores que já senti na vida. Eu nunca quis dizer adeus, mas eu precisava lutar pelos meus sonhos. Eu precisava provar que eu era capaz. Minha esperança era que a vida me desse uma segunda chance. Talvez, algum dia, a gente se reencontrasse e as coisas pudessem se acertar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

*“A saudade é a inconfortável esperança de
um reencontro”.*

Evandro Luiz

Mônica Dias atuais

Não sei ao certo quanto tempo passa, mas quando finalmente volto ao normal, percebo o que estava fazendo: chorando, em um corredor de hospital, abraçada ao meu ex. Tinha muita coisa errada nessa história... Principalmente o fato de que eu me sentia plenamente confortável e segura nos braços do Edu.

Quando minha sanidade volta, desfaço o abraço, enxugo os olhos e olho para Eduardo. Ele está de farda e vejo que está machucado. Pelo sangue fresco em sua roupa, foi ferido há pouco tempo. Ele não fala nada, apenas continua me olhando daquele jeito dele. Sempre intenso, como se conseguisse enxergar dentro de mim. Por alguns

segundos, eu não consigo falar ou pensar em nada. Eu nunca o tinha visto fardado, não pessoalmente. Aliás, fazia muito tempo que eu não o via. Entretanto, ao estar frente a frente com ele, era como se tivéssemos nos visto ontem. É ele quem interrompe o silêncio:

— O que aconteceu, Mônica? — E sua pergunta faz a realidade bater em minha mente: eu havia perdido o Marcelo.

— Ele morreu — É tudo que consigo dizer.

Minhas pernas fraquejam e minha cabeça fica pesada. Eduardo me segura, enquanto minha mente entra em um estado de completa letargia. Parece que estou assistindo a tudo de longe, pois não consigo responder a nenhum estímulo. Sinto quando Edu me pega no colo, mas não sei se é verdade ou ilusão da minha cabeça. Bem ao longe, escuto meu nome, na voz que acredito ser de Léia. Desisto de tentar lutar contra o peso que me consome e apenas fecho os olhos.



Com certa dificuldade, consigo abrir os

olhos. Minha cabeça dói como se tivesse passado a noite bebendo. Não consigo identificar de primeira onde estou, mas ao olhar para o lado, vejo um homem sentado com um uniforme da Polícia... O que deve ter acontecido para um policial estar me vigiando?

Tento levantar, mas uma tonteira me derruba. Nesse momento, percebo que minha amiga Léia também está no quarto e caminha na minha direção:

— Está melhor?

— O que está acontecendo? Onde estamos e qual é o motivo de ter um policial no quarto?

— Você não lembra? — Ela termina de falar e o policial levanta, finalmente virando-se para mim. É quando eu o reconheço: Eduardo. Tudo então volta como um flash... A ligação, o assalto, Marcelo, reencontro com o Edu, Marcelo morto, desmaio... Tudo começa a girar novamente e eu apenas me jogo na cama. Eduardo aproxima-se, mas eu não me importo com nada no momento.

— Léia, é tudo verdade? O Marcelo está morto?

— Infelizmente sim, amiga — Ela segura a minha mão ao falar, como se tentasse me consolar.

Sinto um toque diferente em minha outra mão, e percebo que Eduardo está ao meu lado, também tentando me acalmar — Cadê a Paula? — Pergunto pela mãe do Marcelo, que deve estar em uma situação pior que a minha.

— Foi reconhecer o corpo, para que ele possa ser liberado.

— E você deixou que ela fosse sozinha?

— Eu estava te procurando para isso. Mas quando te achei, você estava desmaiando nos braços do seu ex. Aliás, Eduardo, o que você está fazendo aqui?

— Eu tomei um tiro — Ele fala como se fosse a coisa mais normal do mundo — Foi de raspão, então já fui liberado. Estava saindo quando encontrei com a Mônica. Ela não me parecia bem, não podia deixá-la sozinha.

— Como se você já não tivesse feito isso antes, né? — Léia sussurra de uma forma que somente eu possa ouvir. Ela nunca perdoou o Edu pelo nosso término. Nem eu.

— O que você disse, Ediléia? — Eduardo pergunta, claramente confuso.

— Que bom que você estava por perto. Mas agora pode deixar, que eu tomo conta dela.

Obrigada por ceder o quarto e a cama em que estava para que ela pudesse descansar. Você deve estar cansado e precisa tirar esse sangue da sua roupa. Obrigada por tudo, mas eu assumo daqui.

Ele chega bem perto e diz:

— Precisa de algo?

Por algum motivo idiota, meu coração resolve acelerar justamente nesse momento, então apenas respondo que não.

— Toma, esse é o meu telefone pessoal. Avise-me ao sair e se precisar de algo. Sei que é um momento difícil e estou disposto a te ajudar.

— Obrigada — Ele acena e sai, me deixando perplexa e ainda mais confusa. Como tantas coisas podem acontecer em tão poucos minutos? Porém, agora eu não tinha tempo para perder com o Eduardo. Precisava ajudar minha sogra a passar pelo pior momento de nossas vidas: íamos ter que enterrar o Marcelo.

— Já pedi à enfermeira para chamar o médico — Léia me desperta — Ele já vem para te ver. Estando tudo certo, ele te libera, e aí vamos encontrar com a Paula.

— Ok, Léia — Digo sem a menor vontade. Neste momento, é como se eu estivesse

anestesiada. Como se tivesse me desligado de tudo e estivesse agindo em piloto automático. O fato é que a minha ficha ainda não tinha caído. Mas eu sabia que não ia demorar...



— Tem certeza que você quer passar por isso? — Minha amiga me pergunta pela quinta vez.

— Absoluta. Eu preciso confirmar se é o Marcelo mesmo.

— A Paula vai fazer isso, Mônica...

— Se o cara com quem você planeja casar fosse arrancado da sua vida, você não ia querer confirmar por você mesma que é verdade? Ou ia ficar tranquila enquanto os outros comprovavam por você? Eu não vou conseguir aceitar que é real se não fizer isso.

Nesse momento, Paula chega ao nosso lado, junto com Marcos, o irmão mais novo do Marcelo. Ela não fala nada, apenas me olha, e eu aceno com a cabeça. Seguro sua mão, enquanto ela se apoia no braço de Marcos. Entramos os três juntos após o chamado do legista. Caminhamos por uma sala fria

PERIGOSAS NACIONAIS

e sem som que parece ter cheiro de morte. Paramos ao lado de uma maca, sobre a qual é possível perceber que há um corpo coberto.

Todo meu corpo treme e parece que sou capaz de sentir meu sangue circular fria e lentamente. Cada segundo parece uma eternidade. Não consigo ouvir uma palavra do que o médico diz. É como se ele falasse em uma língua completamente estranha.

De repente, ele levanta o lençol. E então eu vejo: deitado na maca, completamente pálido, está o Marcelo. Meu namorado. Meu amor. O cara com quem eu tinha um futuro pela frente. Mal percebo quando Paula e Marcos se afastam. Como se houvesse um ímã me atraindo, chego mais perto e toco seu rosto, como se o meu toque pudesse despertá-lo daquele sono profundo. Sua pele está fria, e seu semblante, sereno. Ele não se mexe. Não há o menor sinal de respiração ou vida nele. Não há mais nada. Eu retiro minha mão do seu rosto, me viro e saio correndo.

Pela segunda vez, meu coração tinha um pedaço arrancado. A primeira vez foi há sete anos, quando o Eduardo me deixou. Agora, a vida tinha me tirado o Marcelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Será que amar valia realmente a pena?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

*“Aqueles que nos amam nunca nos deixam
de verdade”.*
Sirius Black

Mônica

Quanto tempo um dia pode durar? Não digo do tempo cronometrado, das vinte e quatro horas, dos mil, quatrocentos e quarenta minutos, dos oitenta e seis mil e quatrocentos segundos que compõem um dia. Falo do sentimento que um dia pode carregar, e do quanto ele pode transformar vinte e quatro horas em um milênio.

Paula ficou de resolver todos os assuntos burocráticos a respeito do enterro do Marcelo. Marcos estaria com ela, o que me deixa mais tranquila. Eu não tenho condições de resolver nada. Me sinto uma inútil, a dor está me paralisando. Meu cérebro não consegue processar informações simples. Se não fosse minha amiga ao meu lado, eu não me lembraria nem de comer.

Depois de tudo que passamos no hospital,

estar em casa deveria parecer reconfortante, mas eu não consigo achar conforto em nenhum local. Para cada canto que eu olhe, há um pouco de Marcelo. Não só pelas nossas fotos, mas por todas as nossas lembranças. São mais que lembretes, são uma tortura de tudo que eu não terei mais. Nunca mais.

Muito a contragosto, tomo um banho e tento comer algo, sempre com Léia em meu encalço. Vou para o quarto e tento dormir, mas, apesar do extremo cansaço, minha mente não desliga. Meu corpo implora por descanso, mas meu cérebro insiste em reviver toda a tragédia do meu dia.

Ao pegar a roupa para colocar para lavar, um papel cai do meu bolso. É um cartão, o cartão do Eduardo. Fico com ele em mãos, olhando para aqueles números... O quão errado seria entrar em contato com ele nesse momento?

Bom, sem pensar duas vezes, salvo o número dele e mando uma mensagem no *WhatsApp*:

“Tá aí? É a Mônica”.

Respiro fundo e sento na cama, aguardando sua resposta. Me sinto patética por estar ansiosa por uma simples mensagem de *WhatsApp*, ainda mais em um momento como esse, mas não estou sendo coerente em nada. Alguns minutos passam, e

quando decido jogar o celular na cama, ele vibra:

“Eu vou estar sempre aqui para você”.

A pequena frase me deixa sem palavras. Por mais que eu tente encarar apenas como algo que um amigo diria em um momento difícil, confesso que me desperta memórias de um passado que eu me esforcei demais para esquecer. Um passado que me fez feliz, mas que me fez sofrer de uma maneira que ninguém nunca soube.



Sete anos atrás

— Eu vim o mais rápido que pude, amiga. O que aconteceu? Você estava tão nervosa no telefone...

— O Eduardo... — Não consigo terminar a frase. Não consigo falar, pois falar vai tornar tudo mais real. Como se, no momento em que eu disser que ele me deixou, isso vai realmente virar um fato, e não apenas uma possibilidade.

— O que tem o Eduardo, Mônica? — Léia me encara. A semicareta que ela faz demonstra bem

a confusão que devo estar fazendo na cabeça dela, mas como posso dizer que ele foi embora? Ele vai voltar, foi só uma briga. Casais brigam o tempo todo. Somos interrompidas pelo toque do seu telefone — Falando no diabo... Vou falar com ele e tentar entender o que está acontecendo aqui — Ela se afasta um pouco e uma ponta de esperança toma conta do meu coração. Talvez ele esteja me procurando.

Encaro minha amiga enquanto ela conversa ao telefone. Ela pouco fala, apenas palavras como “*Ok*”, “*sim*”, “*entendo*”... Apesar de ter consciência que o tempo era curto, ele parecia longo demais para quem estava esperando. Ao desligar o telefone, ela percebe que eu estava encarando-a com olhos curiosos e esperançosos, então ela caminha até mim, me abraça e diz:

— Sinto muito! Vamos passar por isso juntas! E eu só não vou matar o Eduardo porque isso te faria sofrer ainda mais.

Estava feito. Ele realmente havia me deixado. Provavelmente ligou para a Léia e pediu que ela cuidasse de mim. Se ele achava que eu ia ficar mal com o término, ele estava completamente certo. Só que ninguém precisava saber disso, principalmente

ele.

Aproveitei o abraço de minha amiga. Sabia que ela ajudaria a me manter inteira. Desabei. Chorei de soluçar. Deus, como eu amava aquele homem! Amava até as coisas que me irritavam, e eu não conseguia imaginar como me manteria inteira ou aguentaria ficar sem ele. Todos os planos do meu futuro estavam ligados a ele. Meus sonhos eram os nossos sonhos. Assim, mergulhada em lágrimas e incertezas, agarrando-me ao abraço de minha melhor amiga, eu sobrevivi à primeira noite. Apenas a primeira de várias outras noites insones, doloridas e regadas a lágrimas. Várias noites que eram o meu segredo. Eduardo jamais saberia a dor que havia me causado. Ele havia feito a escolha dele. Agora, eu faria a minha.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

*“A vida se resume às memórias...
Daquilo que se quer esquecer e
do que não se quer lembrar”.*
Autor desconhecido

Mônica
Dias atuais

Desperto da minha curta viagem nostálgica e percebo que há lágrimas silenciosas escorrendo pelo meu rosto. Você pode esconder suas feridas por anos, mas quando elas não cicatrizam como deveriam, você sempre corre o risco de voltar a sangrar.

Decido responder a mensagem apenas com um “*Obrigada*” e deixo o telefone de lado. Já havia bastantes problemas na minha vida neste momento. A ideia de ter que assistir ao adeus definitivo ao Marcelo me causava náuseas. Sei que é errado, que normalmente não pensaria assim, mas eu queria muito que o responsável por aquele maldito tiro pagasse com a própria vida. Se possível, que

sentisse a mesma dor que está nos causando.

Marcelo era um cara incrível. Coordenador da ONG na qual eu lecionava caratê, no Complexo da Maré, era idolatrado pela comunidade. Sua vida era ajudar ao próximo. O brilho nos seus olhos cada vez que falava do trabalho comunitário, a força incansável para não perder ninguém para o tráfico e o entusiasmo em fazer o projeto crescer cativavam qualquer um. Eu não era apenas apaixonada por ele, eu admirava quem ele era.

Eu o conheci na ONG, quando me ofereci para dar aulas de caratê. Havia me formado há pouco tempo, o esporte tinha me ajudado a vencer um período difícil da minha vida, e uma conhecida comentou sobre o projeto social. Sempre tive vontade de realizar trabalho voluntário, então resolvi ir até lá e me oferecer. Ele fez a minha entrevista e falou com tanto entusiasmo do trabalho, que eu cogitei implorar pela vaga. Não foi necessário, pois eles procuravam mesmo um esporte de luta para inserir nos projetos oferecidos.

Com o tempo, conheci não apenas o profissional, mas a personalidade do Marcelo. Ele venceu todas as adversidades e possibilidades negativas, deu a volta por cima, sem nunca se

perder. Marcelo trazia calma para a minha vida. Foi fácil me envolver, me apaixonar e planejar uma vida com ele. Ele não era nada do que pedi, mas era exatamente o que eu precisava. Todos torciam pela gente, éramos o casal modelo da ONG, e nosso casamento estava sendo planejado para o próximo ano.

Por que toda vez que eu estou muito perto de realizar meus sonhos e ser feliz, a vida dá um jeito de mudar tudo para pior?

Forço-me a adormecer, depois de receber uma mensagem de minha sogra. O velório está marcado para dez horas, e o enterro será às treze, no Cemitério do Caju.

É definitivo: em algumas horas, eu darei adeus para o Marcelo. Mais uma vez, eu terei que, sozinha, reconstruir minha vida e meus sonhos.

Até quando seria assim?



Eduardo

Tive de ir do hospital direto para a delegacia,

para prestar informações sobre o corrido. Mas minha cabeça e meu coração haviam ficado lá. Por mais que eu tivesse sonhado e planejado nosso reencontro por tanto tempo, nunca imaginei que seria assim, e não estava preparado para tudo que eu sentiria.

Quando vi a Mônica naquele corredor de hospital, não sabia o que fazer ou dizer. Por fora, eu estava paralisado. Por dentro, era como se uma represa tivesse arrebentado. Eram sete anos de amor, mágoa, saudade e frustração. Eu era, de novo, o cara com medo de ser rejeitado pela mulher que amava. Só que, agora, a mulher que eu amava estava com outro. Eu havia perdido, antes de sequer estar novamente no jogo. Tudo que consegui foi dizer seu nome. Quando ela parou no corredor e olhou para mim, minha vontade foi de correr até ela e abraçá-la, de forma que ela nunca mais pudesse sair. Mas eu não consegui me mexer.

Não esperava que fosse ela a tomar a iniciativa e se jogar nos meus braços. Chorando. Por ele. Eu sabia o motivo de ela estar no hospital. Eu estava lá, eu o vi. Eu ajudei a socorrer o Marcelo. Eu sabia quem ele era e tudo que ele representava para ela. Eles estavam de casamento

marcado. Mas naquele momento, eu só queria que aquele instante durasse, por mais bizarro que ele fosse. Cedo demais o abraço se desfez. Ele havia morrido. E Deus me perdoe, mas eu não conseguia ficar cem por cento triste com isso.

Estava me preparando para me despedir quando ela desmaiou. Foram minutos de angústia, ao vê-la tão frágil, em uma cama de hospital, por causa de outra pessoa. Mônica não era o tipo de pessoa que demonstrava seus sentimentos, principalmente suas dores. Sempre preferiu se fechar e encarar tudo sozinha. Por isso, era uma surpresa e uma facada no meu coração ter de encarar o quão fragilizada ela estava. Aguardei até que ela despertasse, e foram os minutos mais angustiantes do dia. Sentei-me na poltrona do canto, enquanto sua amiga Ediléia fica perto dela. Desde quando terminamos, Ediléia me afastou. Por algumas vezes, tentei ainda manter a amizade que tínhamos construído e retirar alguma informação sobre a Mônica, mas ela se manteve irredutível. Nunca me perdoou pela minha escolha e disse que eu me arrependeria amargamente pelo que tinha feito. O pior é que ela tinha toda razão.



Seis anos atrás

Dia da formatura do Eduardo no CFAP

O grande dia havia enfim chegado, após longos meses de treinamento duro e pesado. Não foi nada fácil, eu realmente achei que não conseguiria, mas eu tinha um objetivo e lutaria por ele até o final. E hoje estava me formando. Oficialmente, eu me tornava um Policial Militar do Estado do Rio de Janeiro.

Mesmo sabendo que não adiantaria de nada, eu mandei uma mensagem para a Mônica, informado dia e horário da formatura. Ela me respondeu apenas com um “*parabéns*”. Já havia passado quase um ano do nosso fim, eu ainda a amava como sempre, mas nunca mais conversamos sobre isso, ou sobre qualquer outra coisa. Nos encontramos, sem querer, por duas vezes na rua, e ela simplesmente me olhou, virou a cabeça e seguiu em frente.

Eu distraía a cabeça como dava. Nada adiantava, pois ao final do dia, quando deitava no

silêncio do meu quarto, era o rosto dela que vinha em minha cabeça. Era a companhia dela que eu desejava, e nada conseguia amenizar ou substituir isso. E isso era uma grande merda. Ninguém te prepara para sofrer por amor. Todo mundo faz parecer tão fácil... Ela vivia assistindo a uns filmes que eram inspirados nos livros de um tal Nicholas Sparks. Sempre havia sofrimento, o cara adorava matar personagens, mas o amor sempre vencia. Havia um que era o favorito dela: “*Diário de uma paixão*”. E eu comecei a assistir a esse filme como um louco. Precisava aprender algo, e eu estava disposto a esperar, assim como o Noah, se no final a minha Allie voltasse para mim e tivéssemos o nosso final feliz. Que eu esperava ser um pouco melhor que o do filme.

Já fardado e em posição, observava as pessoas chegando. Demorou algum tempo até avistar minha mãe e meu pai sentados, com um sorriso de satisfação ao me encontrar. Sabia o quanto significava para o meu pai me ver ali, mas também sabia o quanto minha mãe tinha medo do futuro que escolhi para mim. O irmão do meu pai foi policial, um dos melhores. Infelizmente, morreu em uma emboscada, pelas mãos de policiais

PERIGOSAS NACIONAIS

corruptos. Nunca conseguimos comprovar a causa da morte: se ele era corrupto e morreu em uma disputa de poder, ou se ele era inocente e morreu justamente por isso. Minha mãe temia que o mesmo acontecesse comigo, assim como a Mônica, e esse era um dos principais motivos de ela ser contra a minha decisão. Eu sabia os riscos que corria, e ainda assim eu escolhi arriscar. Agora, ao ver o olhar de orgulho que meu pai me dirigia, eu sabia que tinha feito a escolha certa. Mesmo que ela tivesse custado o meu coração.

Durante toda a cerimônia, eu esperei que a Mônica fosse usar o convite que eu dei um jeito que chegasse até ela. Só que ela não foi, e posteriormente eu confirmei que não havia nenhuma mensagem em meu telefone. Ela não se importava. Mas o que eu queria, não é mesmo? Que tipo de amor sobrevive ao tempo, à distância e ao adeus? Acho que só o meu. Por isso, resolvi guardar minhas mágoas e aproveitar o meu momento. Eu teria tempo para tentar consertar os erros do passado. Por hoje, eu tinha apenas que comemorar o presente.

PERIGOSAS ACHERON



Dias Atuais

Aqueles minutos com ela haviam me perturbado mais que o tiro. Encontro com Ricardo e vamos à Delegacia para ajeitar as coisas. Minha noite está apenas começando.

Ao chegar, faço todo o procedimento de forma mecânica. Apenas meu corpo está ali. Todo o resto havia ficado com ela no hospital. Eu queria voltar correndo para lá, até que tudo ficasse bem e ela se sentisse forte novamente. Mas eu não podia. Pelo menos não agora.

Algumas horas passam, e minha cabeça dói pela exaustão do dia e dos acontecimentos. Ficarei alguns dias afastado por conta do tiro no ombro e pela investigação. Isso não me preocupa, pois é de praxe, e eu tenho quase certeza de que o tiro que atingiu o Marcelo foi disparado pelos bandidos. O que me deixa frustrado é que será quase impossível conseguir pegá-los. Fomos informados que a investigação provavelmente correrá em segredo, devido ao cargo que o Marcelo ocupava em uma

ONG grande dentro de uma violenta e famosa favela do Rio. Não queríamos que a morte dele se transformasse em um carnaval, nem que trouxesse ainda mais publicidade negativa para a corporação. Em pouco tempo, teremos o laudo da perícia e poderemos encerrar o assunto.

No caminho para casa, meu telefone vibra, informando o recebimento de uma nova mensagem. Não reconheço o número, mas é como ganhar um presente há muito tempo esperado:

“Tá aí? É a Mônica”.

Fico algum tempo tentando me convencer de que a mensagem é real e de como devo responder. É uma grande bosta deixar que o coração tome conta das suas ações. Quando dei por mim, tinha enviado a seguinte frase:

“Eu vou estar sempre aqui para você”.

Ela ia me odiar. Perceberia que eu estou tentando paquerar no dia em que o noivo morreu. Eu sou um desgraçado da cabeça mesmo! Nunca aprendo e sempre faço tudo errado! Fico estático, olhando para o telefone, esperando uma resposta ou até mesmo um xingamento. Conforme o tempo passa, eu me xingo cada vez mais. Esperei tanto por esse momento, e só faço uma besteira atrás da

outra. Quando ia discar o número para ligar e formalizar minhas desculpas, chega outra mensagem dela: “*Obrigada*”.

Curta, grossa, mas pelo menos não era um xingamento. Talvez ela lembre o quanto sou desastrado e ruim com as palavras. Chego a minha casa e tomo um banho longo e merecido. Pela primeira vez em anos, durmo sem esforço.

Desperto no dia seguinte com o telefone tocando. É o Ricardo:

— Fala, irmão! Você não dorme, não?

— Já são quase dez da manhã, Bela Adormecida! Você está fazendo corpo mole só porque está com um machucadinho no ombro.

— Da próxima vez, espero que o tiro seja em você. Aí quero ver você ficar falando tanta besteira. Mas fala logo o que você quer.

— Só pra te avisar que deu ruim o lance de ontem. Saiu na primeira página, está nos portais de notícias e todo mundo está comentando. O cara que morreu era queridinho e importante lá na Maré, e estão acusando a Polícia de ser a responsável pelo tiro que o matou. Já estão até fazendo protesto e vários ônibus estão indo para o velório no Cemitério do Caju. Isso vai trazer dor de cabeça pra

PERIGOSAS NACIONAIS

gente, cara.

— Sabe que horas é o enterro?

— Cara, eu falo que vamos enfrentar um inferno e você preocupado com enterro de alguém que você não conhece? Qual é o seu problema?

— Eu o conhecia. Ele é o noivo da Mônica.

— Que Mônica?... Espera, a sua Mônica? Aquela Mônica do passado, a que você nunca esqueceu?

— Exatamente.

— Puta merda! Isso já deu muita merda! Você já pensou se o tiro foi nosso? Pior, se o tiro que matou o cara foi seu? Como você vai contar pra ela? Como você vai provar que não foi intencional? Você não atirou no cara só porque ele é o noivo da ex que você é fissurado, não é, Edu?

— Ricardo! Eu nunca atiraria em um inocente! Eu só reconheci quem era quando o encontrei caído no chão, e depois eu desmaiei. Não contei a ela. Mal nos falamos ontem, como ia falar uma coisa dessas?

— Cara, você devia contar, mesmo que não dê em nada. Sei lá, só pra evitar confusão. Não sei, mas sinto que toda essa história não vai acabar bem.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou pensar, cara. Tá tudo muito confuso e recente. Eu realmente não sei o que fazer.

— Vai lá, cara. Sei que é isso que você quer fazer. Você não fala muito disso, mas eu sei que você sente algo muito forte por essa mulher há anos. E ela precisa de todo apoio que puder. Não vá como o Eduardo que a quer de volta, vá como o cara que está disposto a cuidar dela. Ela precisa de gente que goste dela de verdade nesse momento. E duvido que qualquer pessoa lá goste mais dela do que você.

— Ok. Se mantenha vivo!

— Pode deixar. Quem gosta de tomar tiro aqui é você.

Desligo o telefone e as palavras do Ricardo ecoam em minha mente:

“Se o tiro que matou o cara foi seu?”.

Eu não tinha nem cogitado essa possibilidade. Em que mundo doentio esse tipo de coisa poderia acontecer? Eu esperei por sete anos o momento de reencontrar o grande amor da minha vida, e quando a reencontro, é desta forma... Eu jamais chegaria para a Mônica e diria:

“Oi, Mônica! Então, sabe o tiro que matou seu noivo? Pode meio que ter sido eu que dei, sabe,

eu estava na troca de tiros. Mas juro que não foi intencional”.

Resolvo esquecer esse assunto por um tempo, ou vou enlouquecer. Levanto e me arrumo para ir até o local do enterro. Pretendo ficar de longe e só no final me aproximar da Mônica. Antes de sair, a possibilidade de ser o responsável por esse enterro volta a me assombrar, mas eu afasto o pensamento.

A vida não seria tão cruel com a gente, seria?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

*“A morte é um assalto.
Rouba mais do que a vida de quem ela
levou.
Rouba a vida de quem fica, sonhos,
esperanças e amores.
A morte apenas tira e impossibilita qualquer
conforto”.*
Dresa Guerra

Mônica

Tudo está uma grande loucura. De repente, a morte do Marcelo estampa a capa dos jornais. Há pessoas saindo em ônibus para o enterro, realizando protestos com cartazes e camisas, repórteres querendo falar comigo... Como a morte de uma pessoa pode virar um circo de horrores dessa forma?

Poucas pessoas estão preocupadas de verdade com o que aconteceu, a maioria só quer conseguir colher detalhes, curiosos pela tristeza alheia. Quando nossa sociedade ficou tão doente a esse

ponto, quando uma morte vira uma disputa de quem descobre mais e uma enxurrada de notícias falsas?

Em algumas horas, vejo exaltarem a imagem do Marcelo, mas também assisto mancharem tudo de bom que ele havia construído, com notícias falsas e especulações absurdas apenas por ele trabalhar em uma ONG na favela. As pessoas esquecem que a imensa maioria dos moradores de favela não são bandidos. Querem mesmo uma oportunidade de mudar de vida, e era por isso que o Marcelo lutava.

O caminho até o cemitério é uma via crucis. Não apenas pelos protestos e repórteres, que parecem urubus disputando o último pedaço de carniça, mas por encontrar pessoas que realmente gostavam do Marcelo e estão sofrendo pela sua partida. Cada vez que eu vejo um rosto conhecido e que está sofrendo pelo Marcelo, eu perco mais um pedaço do meu coração. É uma grande perda para todos. E dizer adeus é muito difícil.

Com muita dificuldade, consigo acompanhar o cortejo. Somos tantas pessoas reunidas para dizer adeus, que chego a ficar emocionada com o carinho que demonstram por ele. Marcelo havia tocado

muitas vidas, e a prova disso são as pessoas ali reunidas para prestar uma última homenagem. Quando as crianças se reúnem e cantam “Pais e filhos”, da Legião Urbana, eu desabo e preciso ser amparada por amigos. Dessa vez, eu sei que não haverá um amanhã para nós dois.

Apesar de tudo, me mantenho firme até o final do enterro, ou tão firme quanto possível. Depois das palavras de um dos líderes religiosos que realiza trabalho na ONG, chega o momento mais desesperador: começam a descer o caixão. Não há palavras que possam definir o que esse momento nos faz sentir. Não é como se você esperasse que a pessoa levantasse e fosse embora do cemitério com você, mas quando começam a jogar terra em cima do caixão, sua ficha realmente cai: é definitivo. É um nunca mais, o único de que temos total certeza.

Com toda força que ainda me resta, caminho até a cova e jogo nela flores azuis, minhas favoritas, como se assim pudesse deixar com ele um pedaço meu. Como se ainda houvesse uma chance de permanecermos conectados. Não consigo falar com ninguém, simplesmente me viro e saio caminhando, sem rumo certo ou direção. Eu só

preciso sair daquele cemitério o mais rápido possível.

Ao longe, escuto algumas pessoas me chamando, mas eu não quero falar com ninguém. Eu só quero ficar sozinha e chorar até meu coração parar de doer. Como se fosse possível amenizar toda dor e confusão que eu estou sentindo no momento... Com os olhos embaçados pelas lágrimas, não enxergo muito bem o meu caminho, até que sinto braços vindo em minha direção. Enxugo os olhos e tento ver quem está na minha frente. Acho que é alucinação, mas quando ele me puxa para um abraço, vejo que é verdade:

— Eduardo, o que você está fazendo aqui?

— Eu disse que estaria sempre aqui por você. Eu não estava brincando.

Fiquei algum tempo absorvendo suas palavras e tentando me recuperar. Ao perceber que não ia conseguir, olhei para ele e, quase em uma súplica, pedi:

— Me tira daqui?

— Só se for agora.

Permito que ele me conduza para qualquer lugar longe dali. Nesse momento, nada mais importa. Eu só quero ficar longe de tudo e todos,

mesmo que para isso tenha que ficar perto do cara que havia partido meu coração anos atrás. Ele é tudo que eu tenho no momento, e eu só posso aceitar e esperar que isso não me quebre ainda mais.



Eduardo

Eu acompanhei todo o enterro de longe. E, cara, o Ricardo tinha razão: isso ia dar uma merda gigante pra gente! Tinha muito mais coisa envolvida do que podíamos imaginar. O cara era tipo um líder dentro da comunidade. Havia tanta gente protestando e participando do enterro, que eu achei que não ia conseguir encontrar a Mônica. Mas parece que velhos hábitos não se perdem, pois eu consegui sentir quando ela finalmente chegou.

Amparada por sua amiga Ediléia, estava mergulhada em tristeza e sofrimento, mas continuava linda. Sabia que ela devia estar irritada com toda a confusão que estavam causando no enterro, ela sempre foi avessa a esse tipo de coisas.

Me mantive de longe, observando. Vi que ela se mantinha afastada, tentando manter-se firme, mas quando algumas crianças começaram a cantar, ela desabou. De longe, eu conseguia ver como ela chorava e o quanto aquilo devia ser doloroso para ela. Vi quando jogou flores azuis, que sempre foram suas favoritas, na cova dele, e como saiu desnorteada, tentando fugir. Eu não planejava falar com ela ali, mas ao vê-la naquele estado, precisei intervir.

Quando ela me abraçou e pediu que eu a tirasse dali, não pensei duas vezes. Fomos até o meu carro, esperei que ela se acomodasse e dei partida. Só aí o pânico me tomou: eu não sabia para onde ir. Por tantas vezes, eu quis que ela estivesse no meu carro, para que ela pudesse ver que eu havia conseguido e cumprido minha promessa, mas não nessa situação. Esse não era um momento nosso, nem algo que ela ia querer relembrar. Eu era apenas sua tábua de salvação momentânea. Então me lembrei das palavras do Ricardo: *“Não vá como o Eduardo que a quer de volta, vá como o cara que está disposto a cuidar dela. Ela precisa de gente que goste dela de verdade nesse momento. E duvido que qualquer pessoa lá goste mais dela do*

que você”.

Ele tinha razão. Nesse momento, ela precisava de um amigo, não de um cara apaixonado. Então eu finalmente decidi para onde íamos. Algum tempo depois, eu estaciono o carro na orla do Aterro do Flamengo:

— Mônica, chegamos — Ela parece estar alheia a tudo em sua volta, mas pelo menos havia parado de chorar.

— Nem percebi. Estamos na praia? — Vejo a confusão passar pelo seu olhar — O que estamos fazendo aqui?

— Achei que você podia querer respirar um pouco. E a natureza sempre ajuda. Além disso, tem um quiosque ali na frente que faz um açaí maravilhoso, e como sei que você não deve ter comido nada, pensei que seria uma boa escolha. Mas se você achar que é muito para você, posso te levar para casa, ou qualquer outro lugar.

Ela fica em silêncio por alguns segundos, depois começa a olhar em volta. Por ser um dia de semana, o local está meio vazio, mas há algumas pessoas caminhando na orla, realizando exercícios e aproveitando o dia. De repente, ela para de olhar em volta e me encara:

— Acho que foi uma boa escolha — E sai caminhando em direção à areia — Você não vem? — Ela diz, e eu fico tentando me convencer de que isso não é um sonho.

Sentamos em um dos bancos, enquanto Mônica permanece perdida olhando para o horizonte. Ela está ali, mas também não está. Eu tento disfarçar, mas não consigo parar de olhar para ela. Depois de sete anos, eu finalmente estou ao lado da pessoa que mais amo na vida. Não nas condições mais favoráveis, mas, ainda assim, ela está aqui. Quantas vezes eu sonhei com isso... Quantas vezes eu ensaiei palavras para o nosso reencontro... E agora ela está aqui, ao alcance das minhas mãos, e eu não consigo formular uma frase decente para iniciar uma conversa.

— Eduardo... — Sou interrompido pela sua voz — Você está me ouvindo? — Ela me olha, apertando os olhos, como se estivesse me estudando.

— Desculpa, o que você disse? Eu me distraí com meus pensamentos.

— Sem problemas. Eu disse que talvez seja melhor ir embora. Eu não avisei a ninguém para onde ia, nem falei com a família do Marcelo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Devem estar todos preocupados ou chateados comigo.

— Eu te levo embora. Mas vamos comer o açaí que eu falei.

— Não sei se é uma boa ideia...

— Você não gosta mais de açaí? Pelo que me lembro, era uma das suas coisas favoritas na vida.

— Eu amo açaí, mas da última vez que você me convidou para um açaí, as coisas não terminaram bem. E eu já tive minha cota de coisas ruins por hoje.

Se ela tivesse me dado um soco no estômago, teria doído menos. Eu sei exatamente do que ela estava falando. Só não esperava que ela fosse tocar nesse assunto em um momento como esse e com tamanha naturalidade. Talvez a mágoa dela seja ainda mais profunda do que eu imaginava.

— É, a gente pode comer outra coisa. Eu posso ficar em silêncio, pra não correr o risco de estragar o dia. Só estou preocupado com você, pois sei que não deve ter comido e provavelmente não vai comer nada quando voltar.

De repente ela faz o que eu menos esperava: começa a rir, uma risada realmente alegre e espontânea.

PERIGOSAS ACHERON

— Só você para conseguir me fazer rir, Eduardo! Você precisava ver a sua cara quando falei da última vez que tomamos açaí. Eu estava apenas brincando, tentando amenizar a situação e distrair um pouco a cabeça. Você não pode mais me machucar, Edu, eu não sou mais aquela Mônica. Além disso, a vida já me tirou o que mais importava, não tem nada que possa doer mais nesse momento. Anda, vamos experimentar esse açaí e ver se é tão bom assim mesmo.

Eu apenas assinto e forço um sorriso. Suas palavras cortaram fundo. Eu não tinha nenhuma esperança que ainda houvesse algum tipo de sentimento dela por mim, mas ouvir isso da sua boca, de uma maneira tão calma e despreocupada, me machucou mais do que eu esperava. Foi como mergulhar novamente em toda dor que o passado havia me causado. Por um momento, eu acho que não conseguirei reagir, mas quando vejo sua mão estendida, me chamando para ir até o açaí que eu havia mencionado, eu simplesmente engulo a dor que estou sentindo e vou até ela. Nesse momento, a minha dor não é importante.

Tudo que importa é consolar a mulher que eu amo pela perda do homem que ela amava. A vida

PERIGOSAS NACIONAIS

tem um jeito muito estranho de fazer as coisas acontecerem. Eu só espero que, no fim, tudo dê certo.

Nossa história havia terminado com um açaí. Nada mais justo que pudesse recomeçar da mesma forma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

*“E recomeçar é doloroso.
Faz-se necessário investigar novas verdades,
adequar novos valores e conceitos.
Não cabe reconstruir duas vezes
a mesma vida numa só existência”.*
Caio Fernando Abreu

Mônica

Apesar de tudo, o tempo que passo com o Eduardo é agradável e faz amenizar a dor que eu estou sentindo no momento. Posso perceber que ele não mudou tanto. Está mais duro, mais na dele, mas sua essência permanece a mesma. Ainda há aquele brilho no olhar quando ele menciona algo que gosta. E eu acreditei quando ele me respondeu que não havia se corrompido. Ele sempre foi uma boa pessoa. Saber que ele não havia perdido isso me deixa aliviada.

Não conversamos sobre nada específico. Nosso passado não é mencionado em nenhum momento, nem minha situação atual. Parecemos

velhos amigos conversando em uma tarde à beira-mar. Entretanto, à medida que o tempo passa, a dor volta e eu começo a ficar angustiada. Ignorei as chamadas no meu telefone, mas não posso fugir para sempre. Eu preciso voltar para meu mundo e encarar a realidade que me espera.

— Eduardo, obrigada por tudo, mas acho que eu preciso ir. Já passou muito tempo e as pessoas devem estar preocupadas.

— Claro, deixa só eu pagar a conta que já te levo embora.

— Não precisa, eu pego um táxi.

— Eu te trouxe, eu te levo. Só um minuto, ok?

Concordo e, enquanto ele vai até o caixa do quiosque, pego meu telefone e aviso para Léia que já estou indo para casa. Ela me bombardeia de perguntas, mas eu apenas respondo que ligo para ela quando chegar. Ela está me esperando na minha casa, pois tinha ido até lá para me procurar. Envio um “*ok*” e guardo o celular, bem no momento em que Eduardo chega e me chama para ir.

Seguimos em silêncio até o seu carro. Eu não havia reparado, mas é azul, como ele sempre havia dito que compraria, por ser a minha cor favorita.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu carro é azul — Falo sem querer.

— Como? — Ele parece não entender minha colocação.

— Disse que seu carro é bonito.

— Ah, eu achei que... Nada. Obrigado! Vamos? Me diz para onde você quer ir, que eu te levo. Quase um Uber. Só não tenho bala, mas também não cobro a corrida no final — Ele tenta sorrir. Sei o que ele está fazendo. Ele sempre teve a mania de fazer piadas para me distrair quando eu estava triste ou chateada.

— Suas piadas continuam ruins, mas vou aceitar a oferta. Só porque é de graça.

— Para onde vamos?

— Minha casa. Eu moro em Nilópolis, conhece?

— Sim. Só me dizer a rua e as coordenadas. Vai demorar um pouco, mas chegaremos lá.

Passo o endereço e observo enquanto ele digita no GPS. Por um momento, me distraio, e minha mente viaja para o passado, para um momento nosso:

— *Um dia, eu vou ter um carro, e sua vida vai ser mais fácil. Imagino o quanto deve ser cansativo carregar todo seu material da faculdade*

PERIGOSAS ACHERON

pelo metrô e ônibus lotados.

— *Você vai ser meu motorista particular? — Conversávamos no ponto do ônibus. Ele tinha ido me buscar na faculdade e eu estava atolada de xerox.*

— *Qualquer coisa para te ver feliz. Vou comprar um carro azul, em sua homenagem, e vamos andar por aí ouvindo todas as suas bandas favoritas no último volume.*

— *Vou esperar por esse dia ansiosamente.*

— *Mesmo que demore, ele vai chegar. É uma promessa.*

— Quer que eu ligue o som? — Eduardo interrompe meu devaneio. Era estranho que aquela promessa fosse realmente cumprida, mas não da forma que esperávamos.

— Desculpa, me distraí. Claro, pode ligar. O carro é seu, finja que não estou aqui. O que você escutaria se estivesse sozinho?

— Depende do momento. Eu escuto muitas coisas. Às vezes, só coloco a *playlist* e deixo no modo aleatório, o destino decide o que vai tocar. Tenho todas as músicas que gosto de ouvir na *playlist*.

— Vamos fazer isso. O que será que o

destino vai sugerir? — Maldita hora em que falei isso... Ele dá *play* na música, e aquela voz rouca que eu adoro preenche o ambiente. E não podia ser uma música pior:

*Te prometi nunca te deixar
Você me falou que era pra sempre
Ontem foi o fim, sei lá, melhor assim...
Não foi erro seu
Nem foi meu também
A gente decidiu deixar de se ver*

O desconforto entre nós é visível. Essa música mexe em feridas do nosso passado, um assunto em que nunca mais tocamos, e eu pretendia não voltar a tocar. Vejo quando Eduardo puxa o ar, tentando controlar sua respiração. Eu passo a mão em meu peito, como se isso pudesse massagear todas as minhas dores.

*Tudo o que há de bom em mim
Eu já te dei, eu já te dei
Tudo o que há de bom me faz
Lembrar você, você...
Se quer saber, ainda te espero baby*

*Se quer saber, essa canção é pra você
Voltar pra mim*

O ar torna-se pesado, ambos estamos
estáticos e com medo até de respirar. Tentando
amenizar, faço um comentário aleatório:

— Não sabia que você gostava de Maurício
Manieri.

— Aprendi a gostar quando as músicas dele
começaram a fazer sentido pra mim.

E mais uma vez o silêncio reina.

*O que se passou, agora tanto faz
Sem o seu olhar, nem me conheço mais
Como é louco o mundo, o mundo sem nós
dois...*

*E não vou te enganar,
Existe algo em mim que me faz pensar em
você
De novo...*

*Tudo o que há de bom em mim
Eu já te dei, eu já te dei
Tudo o que há de bom me faz
Lembrar você...*

— Eu posso trocar de música, se você quiser.

— Imagina... Eu adoro o Maurício. Essa música é linda — E também é a música que ouvi por meses, depois que você me deixou.

Ele sorri, a música continua. Eu só consigo encostar a cabeça na janela e fechar os olhos. Isso tudo só está me afetando porque eu estou frágil. Eduardo é um assunto resolvido e muito bem enterrado na minha cabeça e coração.

*Se quer saber, ainda te espero baby
Se quer saber, essa canção é pra você
Voltar pra mim*

Quando a voz do Maurício finalmente some, é substituída por uma daquelas gritarias infernais do rock que Edu gosta. Nunca curti, mas, nesse momento, dou graças a Deus. Assim não precisaríamos conversar. Tudo que eu quero é chegar em casa e me trancar no meu quarto, ignorando todo o mundo ao meu redor. Ele parece perceber minha mudança de humor, pois se mantém em silêncio pelo restante do trajeto. Cochilo e acordo ao sentir alguém balançando meu braço:

— Chegamos, Mônica. Está entregue.

— Obrigada, Eduardo. Por tudo. Hoje você foi incrível.

— Sempre que precisar. Espero que a gente não se afaste. Você tem meu número agora, pode me chamar a hora que for, mesmo que seja só pra conversar no *WhatsApp*.

— Pode deixar, Eduardo. Se cuida, viu? Vai direitinho para casa.

Ele me dá um beijo na testa, diz um “*tchau*” e entra no carro. Antes de dar partida, ele para e me olha. Não qualquer olhar, mas aquele olhar. O olhar que eu conheci tão bem por anos. O olhar que há algum tempo me desestabilizava. O olhar de quem me amava.

Eu apenas sacudo a cabeça e entro em casa. Eu realmente preciso me desligar de tudo. É coisa demais acontecendo em tão pouco tempo.

Ao entrar, Léia já me espera. Depois de um interrogatório, ela lança uma outra bomba:

— O advogado dos Direitos Humanos entrou em contato. Eles querem processar o Estado pela morte do Marcelo.

— E por qual motivo eu faria isso?

— Eles acreditam que foi o tiro da PM que

PERIGOSAS NACIONAIS

matou o Marcelo. Querendo ou não, isso vai virar algo maior. O Marcelo não era qualquer um, ele era o líder da ONG em uma das favelas mais perigosas do Rio. Isso não vai passar despercebido. E eu acho que a família dele vai aceitar. Você está preparada?

Eu apenas assinto e vou tomar banho. É claro que eu não estou preparada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

*“Eu amo tudo o que foi
Tudo o que já não é
A dor que já me não dói
A antiga e errônea fé
O ontem que a dor deixou,
O que deixou alegria
Só porque foi, e voou
E hoje é já outro dia”.*
Fernando Pessoa

Eduardo

Depois de deixar a Mônica em casa, eu apenas dirijo pelo caminho de volta, sem conseguir pensar em nada. Ela mora ao mesmo tempo tão perto e tão longe, era muito difícil não termos nos esbarrado ainda.

Chego em casa exausto, com uma dor de cabeça insuportável, que nem nas minhas piores ressacas eu já havia sentido. Repasso as últimas 48 horas na minha cabeça. Como a vida podia mudar

tanto?

De repente, a mulher que perturbou minha mente e meu coração por anos estava bem ali, novamente ao alcance das minhas mãos. Em contrapartida, ela nunca esteve tão distante. Ela já não é mais minha, seu coração está machucado, e muito provavelmente não há espaço para mim.

Talvez essa seja a minha tão sonhada segunda chance. Mas qual preço eu terei de pagar por ela?

Uma coisa atormenta a minha mente: e se o que Ricardo sugeriu for verdade? Se for meu o disparo que matou o noivo dela? Como eu conseguiria lidar com algo assim? Como eu contaria para a Mônica que, mesmo sem querer, sou eu o responsável por toda dor que ela está sentindo?

Essa possibilidade me deixa angustiado. Apesar de ser policial, ainda não havia me acostumado com a ideia de que eu matava pessoas, ainda mais inocentes. Fazia o possível para atirar para matar apenas quando extremamente necessário. Ainda assim, vez ou outra, isso me assombrava. Saber que um inocente podia ter morrido pelas minhas mãos me tortura ainda mais.

Com a angústia crescendo sem parar no meu peito, resolvo tomar um banho gelado para relaxar e colocar os pensamentos no lugar. Eu preciso agir com a razão, não com o coração.

Depois do banho, vou conferir meu e-mail e verificar minhas redes sociais. Preciso distrair a cabeça. Em um rápido passeio pela Internet, acabo na página da Mônica. Por mais que eu fugisse, era sempre para lá que meu impulso me levava.

Eu olho suas fotos e tento imaginar em que lugar estava, o que estava sentindo, quem tirou a foto, se o sorriso era real. Desde que ela me aceitou em suas redes sociais, há pouco mais de um ano, eu observo tudo de longe. Seu sorriso, sua alegria, seus sonhos se realizando e o seu relacionamento. Eu sou um simples espectador da felicidade da mulher que eu amo.

Nesses sete anos em que estivemos longe, eu tentei seguir com a minha vida. Foquei em ser um bom policial, tanto que em breve receberia uma promoção. Consegui comprar meu tão sonhado carro e dar entrada em uma casa. Financeiramente, apesar do salário não ser dos melhores, eu havia conseguido me estabilizar.

Emocionalmente, as coisas eram

PERIGOSAS NACIONAIS

complicadas. Nunca mais consegui me envolver com alguém de verdade. Era como se eu sempre ficasse com um pé atrás, segurando meu coração, com medo de sofrer ou esperando a Mônica aparecer. Tive vários rolos, que duraram pouco e satisfizeram a carência do momento. Mas nada que curasse o meu coração.

Tentei um relacionamento sério com a Ana, uma menina muito legal, mas que estava mais preocupada com a vida que eu poderia lhe fornecer do que com o nosso relacionamento. Ficamos juntos por um ano, mas nenhum de nós dois sofreu quando o relacionamento acabou. No fundo, acho que ambos éramos apenas uma muleta um para o outro.

Passei os últimos anos tentando preencher o buraco que havia em meu peito. Tudo que eu tentei, foi em vão. Nada parecia se encaixar ou me satisfazer. Era como se eu respirasse saudade, e só havia um jeito de curar isso: estar com ela.

Enquanto vasculho sua página na Internet, vejo que muitas pessoas prestam solidariedade e emitem palavras de conforto sobre o momento delicado. Resolvo dar uma olhada na página do Marcelo.

PERIGOSAS ACHERON

O cara parecia realmente ser muito querido e influente onde morava. Muita gente, mas muita gente mesmo, lamenta sua morte. As homenagens são lindas, e várias pessoas comentam do relacionamento dele com a Mônica e de como esperam que ela tenha força para passar por tudo isso e continuar o trabalho na ONG.

Ao passar pelas várias postagens, uma me chama atenção. Alguém pergunta se a notícia é verdadeira. Alguma página havia compartilhado uma notícia, dizendo que o Marcelo era envolvido com o tráfico da região e que a ONG era só fachada. Que ele não morreu de inocente, mas por estar traficando drogas, e que vagabundo merece esse destino.

Vou até a postagem original. Há mais de trinta mil compartilhamentos e cerca de vinte mil comentários. Alguns defendem o Marcelo, outros falam que já desconfiavam. Muitos marcam a Mônica, para que ela veja e fale algo ou dê uma explicação.

Passo mais de uma hora lendo comentários e verificando postagens como essa. É incrível a rapidez com a qual as coisas se espalham na internet e como o julgamento das pessoas muda por

um simples boato. De herói, Marcelo foi levado a vilão várias vezes. Os ataques à Polícia também começaram, principalmente depois de testemunhas informarem que só um bandido estava com fuzil e que um policial estava perto do Marcelo antes da ambulância chegar.

Tudo isso, em vez de me ajudar a relaxar, só me deixa mais tenso, fazendo meu estômago revirar de tanto nervoso. Se for verdade o que essas páginas dizem, ele era um bandido, portanto não era tão inocente assim. Talvez estivesse até ajudando os assaltantes. O disparo pode ter sido um jeito de preservar várias vidas, inclusive a minha.

Se as notícias forem falsas, Mônica ficará ainda pior com tudo isso. Terá de lutar para provar a idoneidade do Marcelo e pegar os culpados. E a culpa pode muito bem ser da polícia. Até então, as testemunhas só falaram a verdade. Não vi nenhum assaltante com outra arma que não um fuzil. Pensando bem, a única pessoa que não estava de fuzil era eu, que estava com a minha ponto 40.

Uma ideia vem à minha cabeça. Ricardo tem um amigo que trabalha no IML que recebeu o corpo do Marcelo. Pela autópsia, ele poderia informar se foi ou não um fuzil que atingiu o

Marcelo. O resultado de balística viria depois, mas já amenizaria minha dúvida.

Ligo para o Ricardo, explico a situação e ele diz que vai me ajudar. Me despeço dele, que promete me retornar assim que tiver uma resposta. São as horas mais agoniantes da minha vida. Essa resposta pode mudar tudo. E só me resta esperar.

Enquanto aguardo, abro o *WhatsApp* e vou até o contato da Mônica. Fico observando sua foto e admirando seu sorriso. Ela não é diferente, é única. E isso é visível em tudo que ela faz, até nas fotos. Eu pensei que eu não soubesse mais nada sobre ela. Tudo que tinha eram as memórias de sete anos atrás. Será que ela havia mudado muito? Será que seus gostos continuam os mesmos? Percebo que já é noite, então, resolvo mandar uma mensagem, apenas para saber se ela está bem depois de tudo:

“Oi, Mônica. É o Edu. Tô passando apenas para saber se você tá melhor. Fique firme e se cuida”.

Alguns minutos depois, duas notificações chegam no meu telefone. Uma delas é de Mônica. Ela agradece e diz que está tentando ficar bem. A outra é de Ricardo. A mensagem do meu parceiro

PERIGOSAS NACIONAIS

vira ainda mais meu mundo de cabeça pra baixo:

“Não foi fuzil, não, cara. Tá parecendo pistola, das nossas”.

A vida pode, sim, ser cruel. Eu matei o noivo da mulher que eu amo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

*“Amar dói tanto que você fica humilde
e olha de verdade para o mundo,
mas ao mesmo tempo fica gigante
e sente a dor da humanidade inteira.
Amar dói tanto que não dói mais,
como toda dor que de tão insuportável
produz anestesia própria”.*
Tati Bernardi

Mônica

As horas passam doloridas e arrastadas. Eu deito no meu quarto para descansar, pensar em tudo que está acontecendo e sobre toda aquela questão de Direitos Humanos. A gente nem sabe de fato o que aconteceu, e a história já está sendo espalhada e remontada de acordo com a curiosidade alheia.

Já pela noite, recebo uma mensagem do Eduardo, querendo saber como eu estou. É estranho tê-lo de volta na minha vida tão de repente e em uma situação tão absurda. Respondo com poucas palavras, pois não quero conversar com ninguém.

Quero algumas horas de paz e sossego, para depois tentar colocar a minha vida nos eixos.

Embalada por minhas lágrimas silenciosas e por um grande aperto no meu peito, adormeço. Tenho um sonho com o Marcelo. Ele está tranquilo, parece bem. Veste uma camisa azul e bermuda branca, que destacam o quão brilhosa sua pele está.

Estamos em um campo repleto de flores azuis. Um céu limpo e repleto de estrelas completa o ambiente. Ele me abraça e diz:

— Quero que você seja forte. Você precisa seguir em frente. Sei que não vai ser fácil, mas também sei que você é capaz.

— Você não podia ter me deixado...

— Eu não queria. Se pudesse escolher, ficaria e realizaria todos os nossos sonhos, mas existem planos maiores que os nossos. Eu tive de ir, mas você ficou. Vai seguir com seus planos e sonhos e não vai deixar a ONG morrer.

— Eu não sei o que fazer...

— Seja justa, ouça seu coração e ame muito. Não encare tudo sozinha. Não feche o seu coração. Você é forte, mas não é de ferro. Eu vou te amar para sempre. E sei que terei um espaço no seu coração. Mas você está viva e precisa viver.

Mantenha-me na sua memória, mas não ocupe seu coração todo comigo. E não deixe que apaguem o que eu fui e fiz nessa vida. Adeus, minha branca.

Ele some, envolto por uma luz, e sorrindo como nunca. E eu acordo chorando e com uma estranha sensação de alívio. Não consigo voltar a dormir, caminho pela casa e vejo que Léia estava apagada no sofá-cama da sala. Tento fazer o mínimo de barulho possível, pois não quero acordá-la. Ela havia cuidado de mim incansavelmente, precisava descansar.

Volto para o quarto e pego o celular. São quase três da manhã. Abro o *WhatsApp* para ver as mensagens pendentes. Clico na conversa com o Eduardo e aparece que ele está *online*. Provavelmente, só eu e ele estamos *online* a essa hora, então mando uma mensagem para ver se ele está por ali mesmo:

“Você não deveria estar dormindo?”.

Segundos depois, a resposta vem:

“Acho que você também. Mas eu não durmo muito, minha rotina não permite. E a maioria dos meus plantões é de noite. Estou de folga forçado, por conta do tiro que levei”.

“Dói muito? Levar um tiro?”.

“Foi a primeira vez. Parecia algo queimando dentro de mim, e não parava de queimar, cortava tudo por onde passava. A dor me paralisou um pouco, mas eu tive que voltar a agir, estava em um confronto”.

“Você não tem medo dessa vida que você leva? Confrontos, tiros, a insegurança do nosso Estado... Como você lida com tudo isso?”.

Não completo com o fato de que, toda vez que eu vejo uma notícia de que um PM foi morto, eu tenho medo de ser ele. Eu olho as manchetes com medo durante todos esses anos.

“Eu só faço o meu trabalho. O medo anda sempre comigo, mas o dever e a vontade de fazer o certo são maiores. Essa foi a vida que eu escolhi, então tenho que lidar com ela da melhor forma possível”.

“E você já matou alguém?”.

Percebo que ele digita, demora, e eu fico na expectativa. Sempre tive esse tipo de curiosidade, principalmente em relação ao Eduardo, que sempre foi um cara tranquilo e odiava brigas. Depois de alguns minutos, sua resposta aparece:

“Infelizmente, sim. Claro que algumas pessoas, Deus que me perdoe, mereciam isso, mas

depois da adrenalina, de toda situação, eu fico remoendo isso, sabe? Como eu consigo simplesmente tirar a vida de alguém? Então me convenço que é uma vida, para salvar várias. Mas esse tipo de coisa tem um preço: te muda, te deixa mais duro. Você perde um pouco de si quando tem que matar para sobreviver”.

“E você não tem medo de se perder para sempre?”.

“Às vezes. Mas sempre penso que eu tenho um motivo para me manter inteiro, ou tão inteiro quanto eu possa ficar”.

“Qual motivo?”.

“Prefiro não falar disso agora. É meio particular”.

“Ops, claro! Sem problemas... Posso fazer mais uma pergunta?”.

“Quantas você quiser”.

“Como é matar alguém? O que você sentiu quando teve que matar pela primeira vez? Desculpe se estou sendo chata, mas eu sempre tive essa curiosidade. Nunca imaginei que você fosse capaz de matar alguém...”.

“Nem eu. Também achei que nunca conseguiria. Não até ter minha vida em risco. Já

tinha quase dois anos que eu estava na corporação e nunca tinha matado alguém. Era meu dia de folga, e eu voltava de noite pela Dutra. De repente, o pneu do carro furou e tive que encostar. Percebi que era uma armadilha, havia coisas na pista para furar o pneu. Assim que dei a volta para pegar o estepe, três garotos me cercaram. Quando digo garotos, quero dizer que tinham menos de dezoito anos. Dois estavam com arma em punho, gritando e me empurrando. Exigiam que eu abrisse o carro e começaram a me bater. Quando abri o carro, eles começaram a mexer em tudo. Minha farda estava no banco traseiro, tinha mandado lavar. Naquele momento eu só conseguia pensar que, se eles achassem a farda, eu estaria morto. Consegui bater no que estava comigo na frente e pegar a minha arma que estava embaixo do banco do motorista. Atirei na perna do que estava mais atrás. O garoto em quem bati estava desmaiado, mas o outro atirou na minha direção. Sorte que a mira dele era ruim, atingiu o vidro do carro. Eu atirei de volta e o atingi na cabeça, ele caiu já sem vida. Chamei a polícia e aguardei, tive que relatar tudo o que aconteceu e ficou comprovada a legítima defesa.

Nunca esqueci aquela imagem, e sei que, a partir disso, algo mudou em mim. Não sei se para melhor ou pior”.

Eu engulo o bolo que se formou em minha garganta. Eu sinto medo, raiva, culpa... Tanta coisa. Ele poderia estar morto apenas por ser policial. Ou por ter um carro. Ele teve de matar, mas pra salvar sua vida. E ainda assim, suas palavras mostram toda a culpa que ele sente. Eu tenho vontade de abraçá-lo e dizer que está tudo bem, mas como não posso, tento traduzir em palavras:

“Você sabe que fez o certo, né? Era sua vida em jogo. Sei que esse tipo de coisa muda a gente, não deve ser fácil, mas você não perdeu sua essência. Você é um cara bom, de verdade. Tem um coração incrível e se mantém honesto apesar de tudo. Não esqueça quem você é. Seja mais forte do que tudo isso”.

“É bom ouvir de alguém que eu sou bom. E tenho lutado para manter essa parte intacta”.

“Você vai conseguir. Agora tenho de ir... Boa noite! Ou será bom dia?”.

“Pode ser o que você quiser”.

“Até mais, Edu”.

“Até”.

PERIGOSAS NACIONAIS

Largo o telefone, tentando não pensar em tudo que conversamos. De repente, ele não é mais o Eduardo que eu conhecia. E isso é, ao mesmo tempo, assustador e reconfortante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

*“Às vezes tento não ser eu, porque se eu não
for eu,
eu não sentirei essa dor.
Mas o amor é tanto que até as outras todas
que eu posso ser também o sentem”.*
Tati Bernardi

Eduardo

Um dia de merda só podia resultar em uma noite de merda. Eu não consegui pregar o olho. Minha mente dava voltas e mais voltas, analisando todas as possibilidades possíveis. Eu estou muito ferrado, em todos os sentidos. Minha carreira pode ser afetada, logo agora que estou tão perto de conseguir uma promoção. Uma carreira impecável, manchada por um ato impensado.

Além disso, tem toda a complicação que isso trará para a minha vida pessoal. Eu mal tinha reencontrado a Mônica. Ela ia me odiar. Ninguém ia acreditar que não foi intencional.

Diante de tudo isso e das infinitas

possibilidades desastrosas que cercam o meu futuro, eu não consegui dormir. Passei horas tentando elaborar um plano, uma desculpa, qualquer coisa que me ajudasse a me livrar disso.

Já eram quase três da manhã, eu abri o *WhatsApp* para mandar uma mensagem para o Ricardo. Enquanto eu digitava, chegou uma mensagem da Mônica. Eu pensei em ignorar, mas meu coração falou mais alto. Emendamos em um bate-papo incomum, mas que me fez um bem danado.

Eu não sinto falta apenas da Mônica como namorada. Eu sinto falta da amiga, da pessoa com quem eu podia conversar sobre qualquer coisa, da conexão e intimidade que tínhamos. De como era fácil falar sobre qualquer coisa com ela. Por isso que, quando ela perguntou como era matar alguém, eu não dei a resposta mecânica como eu sempre fazia. Eu abri meu coração, falei a verdade.

Contei o que nunca havia confessado para ninguém: matar aquele garoto que tentava me assaltar havia me mudado. Acima de policial, eu sou humano, e não sinto satisfação em acabar com a vida de uma pessoa. Eu ainda acredito na lei, e minha função é fazer com que ela seja cumprida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Algumas vezes, era obrigado a atos extremos, mas nunca foram os meus favoritos.

Eu sou um cara tranquilo, por raras vezes havia brigado na vida, e o que eu mais temia na carreira policial era ter de matar pessoas. Sabia que aconteceria, mas tinha medo do quanto isso me afetaria ou transformaria. Por mais que muitos digam que é fácil matar um vagabundo, ainda é uma vida, e se você tem o mínimo de humanidade, isso ainda mexe com você.

Eu luto muito para me manter são em meio a tudo isso. Para não me perder de mim mesmo, para guardar o que há de bom em mim. Estar todos os dias cara a cara com o que há de pior na sociedade, pode fazer um estrago danado em você. E quando tudo ficava muito difícil, eu me lembrava dos motivos para me manter inteiro: minha família e a Mônica. Eu não queria ser uma decepção para eles. Saber que ela ainda me acha um homem bom me mostra que, apesar de tudo, eu estou no caminho certo.

Cedo demais a conversa acabou e ela se foi.

Eu permaneço da mesma forma, acordado, olhando para o teto e pensando nos rumos que minha vida tomará dali para frente. Eu sei que

PERIGOSAS ACHERON

ainda haverá um processo pela frente, que eu, com muita sorte, conseguirei provar minha inocência. Mas será que, depois de saber do que aconteceu, Mônica ainda me achará um cara bom?

Tento afastar esses pensamentos, colocando uma música para ouvir. Minha *playlist* anda bem deprimente, assim como eu. Mas parece ter funcionado, pois não sei ao certo como, mas adormeço.

Acordo todo dolorido e com uma mensagem do Ricardo:

“Precisamos conversar. É sério. E tem que ser pessoalmente”.

Levanto em um pulo e respondo que estou indo ao seu encontro. O que será que havia acontecido agora?



Mônica

Apesar de dormir pouco, acordo um pouco melhor. Sonhar com o Marcelo me deu alguns momentos de paz e alívio. Ainda não estou cem por cento, mas eu ficarei. Não só por mim, mas

também por ele. Ao olhar o telefone, vejo que a conversa com o Eduardo não foi um sonho, mas prefiro não pensar sobre isso agora.

Decido conferir minhas redes sociais. É um choque. Não apenas com a repercussão da morte do Marcelo, mas com as *fake news* que estão espalhando sobre ele.

Há fotos, montagens, pessoas que claramente não eram ele... Tentam deturpar tudo o que ele era. Alegam que ele era bandido, vagabundo, que a ONG era fachada para tráfico de drogas e que sua morte não foi acidental, mas fruto da vida errada que ele levava.

Postam fotos de um cara muito parecido com ele, com arma na mão, em meio a alguns bandidos da comunidade. Não era o Marcelo. Eu o conhecia bem e conhecia sua índole, mas como eu provaria isso para o mundo, ainda mais depois de algo assim cair nas redes sociais? A quantidade de compartilhamentos e comentários é absurda. Surgem julgamentos de pessoas que nem sabem quem ele era, promovendo um discurso de ódio contra alguém que só levou amor para a comunidade.

Leio alguns xingamentos racistas em relação

a sua cor, como justificativa para atos que ele nem cometeu. Muita gente parabeniza a polícia pelo ótimo serviço prestado, limpando a cidade de mais um *ganso*. É tanta besteira, tanta mentira, que me sinto enojada. Eu não posso deixar que isso fique assim. Não permitirei que manchem a memória do Marcelo desta forma, ou que atrapalhem o trabalho da ONG.

Por isso, assim que Léia levanta, eu tomo uma decisão e lhe pergunto:

— Você tem o contato do advogado dos Direitos Humanos?

— Sim, sabia que você ia precisar.

— Ótimo. Quero marcar uma reunião para hoje ainda. Esses ataques absurdos ao Marcelo não podem continuar. Quero que todos os responsáveis paguem. Seja por implantar notícia falsa, por compartilhar ou por promover um julgamento racista e carregado de ódio. Isso não vai ficar assim.

— E você vai apoiar o processo contra o Estado e a Polícia?

— Se for realmente necessário, sim. Quero me colocar a par de tudo. Descobrir realmente o que aconteceu. Seja quem for o culpado por aquele

tiro, quero que ele pague muito caro. Não trará o Marcelo de volta, mas fará justiça à sua memória. E isso é o mínimo que posso fazer.

— Você tá certa, amiga. Deixa que eu ajeito tudo. Vou entrar em contato com o advogado e com a família do Marcelo. Vamos fazer com que todos os culpados paguem. Teremos justiça.

— É tudo que eu quero. E vou lutar por isso, não importa o quanto demore ou o que tenha de enfrentar.

— Isso mesmo, amiga. E eu vou estar do seu lado. Vamos honrar a memória do Marcelo.

— Exatamente. Pela memória do Marcelo e para manter todo o trabalho que ele fez e que será feito na ONG. Não deixaremos que seu sonho morra com ele, nem que apaguem seu belo trabalho. Faremos justiça.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

*“Neste mundo que parece virado pelo
avesso,
precisamos fazer do fim um recomeço,
precisamos fazer o bem brotar também do
mal”.*
Augusto Branco

Eduardo

Chego ao local onde marquei com o Ricardo em questão de minutos. Estou louco de curiosidade para saber do que se trata. Para ele querer falar apenas pessoalmente, deve ser algo sobre a minha situação.

O estresse dos últimos dias é tão forte, que eu nem lembro da dor no ombro. É a dor no peito que incomoda, a angústia de que a minha vida pode desmoronar a qualquer momento.

Cerca de meia hora depois, o Ricardo chega, atrasado como sempre. Nem bem havia sentado, já começa a falar:

— Olha, Edu, a gente precisa dar um jeito de

resolver essa parada aí, viu... Eu até já andei pensando e acho que sei como aliviar tudo.

— O que está acontecendo, Ricardo?

— Cara, a gente já sabe que, quando terminarem todos os exames e tudo mais burocrático que tem de ser feito, vão descobrir que o tiro saiu da sua pistola. Provavelmente, você vai encarar um processo. Com muita sorte, podemos conseguir que continue correndo em segredo de justiça, mas vai abalar sua carreira e talvez sua promoção. Além disso, vai eliminar todas as chances que você tem com essa tua ex aí, que já não devem ser muitas. Eu só vejo uma solução.

— Qual?

— Eu vou assumir a culpa. Vou dizer que eu estava com a sua pistola, que peguei para atirar na hora em que você machucou o ombro.

— Você tá louco, Ricardo? Acha que eu vou deixar você passar por tudo isso no meu lugar? Arriscar sua carreira?

— Você já salvou minha vida mais vezes do que posso contar. Sempre que eu precisei, você estava ali por mim. É minha vez de retribuir. Eu não tenho nada a perder. Minha carreira não vai avançar agora e eu tô satisfeito com isso por

enquanto. Eu não tenho nenhum amor ou mulher que possa ser perdido se essa merda toda vier à tona. Pensa, Edu! Vai ser melhor assim.

— Não, cara! Isso é mentira! Mentir em juízo é crime!

— É pra salvar a sua pele, cara! Não é justo que você corra o risco de perder tudo que você considera mais importante por um erro bobo.

— Um erro bobo que custou a vida de um inocente!

— Você nem sabe se ele é mesmo inocente! Já viu as notícias que estão aparecendo? Talvez tenha sido até melhor o que aconteceu.

— Ricardo, não começa. Olha, eu agradeço muito o que você quer fazer por mim, mas não posso aceitar. Eu não ia conseguir viver sabendo que você está pagando por um erro meu e que estaria vivendo uma mentira. Eu sei que tá tudo uma merda agora, mas eu vou dar um jeito. Que não estrague a sua vida também.

— Olha, você sabe que eu não ligo. E minha proposta continua de pé. Ainda temos uns dias até que nos convoquem e comecem todos os processos e investigações. Usa esse tempo para pensar. Eu sei o quanto você esperou e quis uma segunda chance

PERIGOSAS NACIONAIS

com essa mulher, mesmo sem falar. Talvez essa seja a sua segunda chance. Você só tem que aproveitar. Usa essa tragédia ao seu favor. Eu vou estar do seu lado.

— Valeu mesmo, cara! Mas você sabe que eu não vou aceitar. Minha consciência jamais aceitaria isso.

— Pelo menos não podemos dizer que eu não tentei, né? Tenho de ir nessa. Trate de curar esse braço pra voltar logo. Chega de corpo mole. E pensa em tudo que te falei.

— E você, mantenha-se vivo. Até!

Observo enquanto ele se afasta, tentando entender a conversa louca que tivemos. Só o Ricardo para pensar em uma maluquice dessas... Mesmo com tudo que eu tenho a perder, eu não seria capaz de mentir.

Eu teria que dar um jeito de conseguir lidar com tudo sem precisar desse tipo de ajuda. Eu não seria capaz de uma coisa dessas, nem pela Mônica. Ou seria?



PERIGOSAS ACHERON

Mônica

Passo grande parte do meu dia resolvendo questões com advogados. Fomos até a Delegacia de Crimes Virtuais para retirar as postagens mentirosas que estão circulando contra o Marcelo. Vai demorar um pouco, mas todas serão eliminadas. Algumas já estão sendo excluídas pelo próprio *Facebook*, mas eu não quero apenas isso. Quero que quem inventou essas mentiras, também pague, por isso me disponho a ir até o final.

Depois de idas e vindas na Delegacia, me reúno com meu advogado e dois representantes do Direitos Humanos, a assessora de imprensa da ONG e o irmão do Marcelo, já que a Paula não está em condições de discutir sobre nada.

Conversamos muito e decidimos que processaremos, sim, o Estado e a PM do Rio de Janeiro. Mesmo que fique comprovado que o tiro não saiu da arma de um policial, foi a atitude deles que desencadeou o tiroteio. Talvez, se eles não tivessem agido da maneira que agiram, o Marcelo não estivesse morto.

O advogado informa que o processo correrá em segredo de justiça, e como eu não sou uma parte

do processo, pois não há ligação legal com o Marcelo, o processo será feito pela família dele. Eu prestarei apoio e farei o meu papel como representante da ONG, mas não terei acesso às informações, como o nome dos policiais envolvidos, por exemplo. Para mim, não faz tanta diferença, desde que os culpados paguem e sofram tanto quanto eu. Marcelo não se tornará só mais uma estatística. Eu vou lutar por justiça!

Já é noite quando volto para casa. Passei o dia tão ocupada, que nem tive tempo de viver a minha dor, o que, no fundo, foi bom. Não queria me entregar ao sofrimento.

A ferida ainda sangra, mas não posso deixar que isso me impeça de lutar. Transformarei minha dor em trabalho e sairei ainda mais forte de tudo isso.

Essa é a primeira vez que fico realmente sozinha depois de tudo que aconteceu. É estranho estar em casa com todas essas memórias. Momentos registrados apenas em mim, alguns em fotografias, mas que nunca poderão ser revividos. Uma vida de sonhos interrompidos.

Sentada na minha cama, olhando nosso álbum de fotos, eu desabo a chorar. Choro até não

PERIGOSAS NACIONAIS

aguentar mais, com soluços e dor. Choro como se as lágrimas pudessem levar a dor que eu teimo em esconder, como se, por meio delas, eu pudesse diminuir minha tristeza.

Não sei quanto tempo passo assim, mas quando sinto que não há mais lágrimas ou força para colocá-las para fora, resolvo me levantar e tomar um banho demorado.

Saio do chuveiro exausta e com a alma dolorida, mas com uma certeza: o tempo do luto terminou. Eu preciso lutar. E eu seguirei em frente. De pé e com a cabeça erguida. Pelo Marcelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

“Tentar ser forte a todo e cada amanhecer”.

Clarisse - Renato Russo

Mônica

Decido voltar ao trabalho da ONG alguns dias depois do enterro do Marcelo. Não conseguiria continuar as férias em casa. Além disso, preciso saber como está tudo. Em um momento como esse, somente o trabalho pode me ajudar.

Chego bem cedo à Maré, o clima está calmo. Rapidamente caminho até a ONG. Eu amo esse lugar. Pude ver e participar do crescimento, e isso me enche de orgulho. O trabalho prestado é sensacional. Saber que, de algum modo, contribuímos de maneira positiva para melhorar o futuro dos moradores de uma região tão castigada, faz tudo valer a pena.

Eu não acompanhei o início do trabalho, mas o Marcelo me contou tudo. Ele chegou lá seis meses depois de sua fundação. Começou como professor voluntário de alfabetização para crianças,

jovens e adultos. Pouco tempo depois, o trabalho começou a dar resultado, a ONG cresceu e ele foi efetivado. De professor, tornou-se auxiliar do diretor, mas nunca abandonou as aulas. Ele amava o que fazia.

Enfrentaram todo o tipo de preconceito para manter o funcionamento: uma ONG na favela, com diretor e auxiliar negros, crescendo sem ajuda do governo e sem envolvimento com o tráfico local? Praticamente impossível — era o que eles sempre ouviam. O trabalho era difícil e muito pesado. Sempre aparecia um problema novo: o preconceito das pessoas, a falta de apoio, o tráfico tentando se aproximar.

Marcelo e Diogo, os responsáveis pela ONG, conseguiram enfrentar e vencer cada um deles, com muito diálogo e força de vontade. Por vezes, tiveram que ficar cara a cara com bandidos de todos os tipos, dos engravatados aos que moravam na favela, para defendê-la e mantê-la neutra nessa guerra de interesses. Ela completa dez anos no fim deste ano, e já há uma festa programada.

Há dois anos, Diogo aposentou-se e deixou Marcelo como diretor e responsável por todos os assuntos do projeto. Felipe era o seu braço direito e

auxiliar direto, e eu o ajudava indiretamente, além de manter as aulas de caratê e ser a responsável pelo núcleo dos esportes. A vida do Marcelo era aquela instituição. Qualquer um que conversasse com ele podia perceber seu amor e entusiasmo em cada palavra. Era quase impossível não se empolgar junto.

Desde que ele assumiu a diretoria, só houve crescimento. Eu cheguei alguns meses antes de Diogo sair e pude acompanhar de perto a transição. Comecei como professora voluntária, hoje sou efetiva. Com o trabalho feito ao longo dos anos, a ONG agora consegue se sustentar e recebe patrocínio de algumas empresas. É um trabalho enorme e lindo. Uma das coisas que mais me encantaram no Marcelo.

Pisar ali após a tragédia que havia nos abatido, é no mínimo doloroso e desesperador. Eu queria dizer que sei o que fazer, que tenho forças para lutar. Mas é como receber outra pancada da vida chegar, me encaminhar para a sala do diretor e não encontrar o sorriso do Marcelo me esperando, nem suas músicas enchendo o ambiente. Tudo está quieto, sem brilho ou cor. Tudo bastante parecido com os meus dias atualmente. É com dor,

escapulidas para lágrimas e muita força de vontade, que consigo chegar ao final desse dia.

E assim eu sigo, um dia por vez, sem grandes planejamentos, expectativas ou sonhos. Eu só penso em duas coisas: sobreviver ao novo dia e fazer com que os responsáveis paguem. Isso me mantém de pé.

Estabeleço uma rotina e me agarro a ela para não enlouquecer: acordar, trabalhar até a exaustão, voltar para casa, pesquisar as redes sociais para verificar se não há nenhuma outra notícia falsa, dormir e recomeçar o mesmo ciclo.

Existe mais um item na minha rotina, que geralmente cobre parte da noite, aquelas horas em que eu demoro para pegar no sono: Eduardo. Desde o encontro no cemitério, a gente conversa todas as noites. Sobre a vida, sobre bobagens, como se fôssemos dois amigos que sempre conviveram e agora estão dividindo suas banalidades do cotidiano.

No fundo, eu sinto que isso é errado. Eduardo não é simplesmente um amigo de longa data. Ele é meu ex-namorado. Não só o cara que mais me fez sofrer na vida por causa de uma separação, mas o primeiro homem que eu ameí.

Quando você ama alguém pela primeira vez, é diferente. Seu coração nunca foi quebrado, então ele ama por completo. Depois da primeira decepção, seu coração perde um pedaço irrecuperável. Ele não é mais o mesmo, nem você. Eduardo havia arrancado um pedaço enorme do meu coração. A melhor parte. Eu nunca mais fui a mesma depois disso. É profundamente estranho me sentir tão bem e tão à vontade com ele, como se o passado não existisse.

A gente não conversa sobre o nosso tempo. Sempre que a conversa parece ir para alguma coisa que remete ao nosso passado em comum, um dos dois rapidamente contorna. É um assunto proibido, mas confesso que, às vezes, eu quero falar sobre isso.

Quero entender o que realmente aconteceu. É uma questão superada, mas não resolvida. Ficou um ponto de interrogação, não um ponto final. Mas eu não tenho coragem de perguntar. Talvez eu tenha mais medo da resposta do que da pergunta.

Além disso, tudo aconteceu há sete anos. Tempo demais para querer sentir ou cobrar algo. O tempo deu um jeito e colocou tudo no seu lugar, independente do que sentíamos.

Sete anos... Havia uma vida de distância entre nós, que deixava de existir no momento em que trocávamos o primeiro “boa noite”.

Será que algo que me faz tão bem pode ser tão errado?



Eduardo

Os dias passam em uma calmaria esquisita e agonizante. Ainda afastado por conta do ombro, não tenho grandes atividades para preencher o meu tempo. Me dedico a alguns estudos e cursos *online*, mas sinto falta da ação e adrenalina que tomavam conta dos meus dias.

Eu amo a minha profissão, e ela faz parte da minha vida. Passar todos esses dias em casa, além de ser uma tortura, não está fazendo bem para minha cabeça, pois eu penso demais no que não devia: Mônica e o possível processo que me espera quando tudo vier à tona.

Desde o enterro do noivo dela, conversamos todos os dias, sempre à noite. São coisas triviais,

banalidades, nada de muito importante, mas isso nos torna próximos. Como se a amizade de outrora nunca tivesse deixado de existir. Como se não houvesse uma história mal resolvida entre nós.

Agimos como amigos de longa data, que apenas se lembram de algumas manias ou gostos do outro, e só. Não há uma brecha para falar sobre a nossa história. Nem uma vírgula que permita encaixar todas as perguntas que eu tenho.

Por várias vezes, eu penso em contar tudo. Relembrar nossos momentos e dizer que, pelo menos para mim, aqueles sete anos não apagaram o que sinto.

Só que aí eu me lembro de que ela está se recuperando de um luto, que provavelmente fui eu que causei. E isso eu ainda não posso, nem sei como contar. Todas as vezes em que eu penso nessa história, eu sei qual será o final: Mônica me odiará, achando que eu fiz tudo de propósito.

Eu não posso confessar o meu amor do passado, para não ser julgado em meus atos do presente. A vida está uma merda. E a cada dia eu me afundo mais, pois cada conversa só serve para comprovar o que eu já sei: todo aquele amor ainda está vivo em mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

É reconfortante saber que a Mônica está ali, ao alcance da minha tela do celular, dividindo momentos comigo. E esses momentos, quando falamos sobre tudo e nada, estão se tornando os melhores do meu dia. Só que sempre que a gente se despede, eu fico com aquele medo: e se essa for a última vez? E se alguém contar que fui eu que dei o tiro?

O medo me ronda. O desespero também. A angústia só cresce com a lentidão do processo. Não saber o que será feito está me matando, pois eu não tenho como pensar ou planejar nada. Estou entregue a minha própria sorte. Ou à falta dela.

Só me resta esperar e pedir, pra quem quer que possa me ouvir, todos os dias, que aquele não seja o último momento com Mônica. Ela não pode ter voltado para minha vida por acaso. E não pode sair sem que eu possa explicar tudo.

Eu só quero uma segunda chance. E se a vida me der, eu me esforçarei para fazer tudo certo dessa vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

*“Mas se nos amássemos novamente,
eu juro que te amaria certo”.
Back to December - Taylor Swift*

Eduardo

Equilibrando entre dias comuns e noites de expectativas, o tempo passa, arrastado e tedioso, mas passa. Depois de quase quarenta dias em casa, eu finalmente posso voltar a trabalhar. Recebi alta médica, fiz alguns exercícios nesse período para fortalecer a musculatura e evitar maiores problemas posteriores no ombro. Amanhã é o dia de me reapresentar, e eu estou nervoso como no meu primeiro dia.

A ansiedade me consome. Não sei o que me espera no trabalho. Não havia surgido nenhuma novidade ou notícia sobre o assunto que eu mais evito. Nem os contatos do Ricardo sabiam informar o que estava acontecendo. O silêncio está me enlouquecendo. Às vezes, eu penso em ir até o meu superior e confessar tudo, só para dar um fim nisso.

Nesses momentos de loucura, eu penso na Mônica e em tudo que aconteceu nesses últimos dias. Com o passar do tempo, ficamos mais próximos. Seguimos conversando todas as noites, algumas vezes no decorrer do dia e em todo e qualquer tempo livre que temos.

Estamos dividindo novamente nossas vidas um com o outro, mesmo que de uma maneira diferente do que eu queria. Somos amigos e eu me sinto completamente à vontade para contar qualquer coisa para ela. Menos o que eu realmente preciso contar.

Sutilmente, permitimos algumas coisas do passado virem à tona, como a nossa conversa de ontem à noite. Eu fui ao aniversário de um amigo e, na volta, passei perto de onde ela morava. Não resisti e mandei uma mensagem:

“Estou passando perto da locadora, aquela que ficava quase na esquina da sua antiga casa”.

“Nossa, foi longe, hein... A locadora ainda existe?”.

“Sim, e a cor da entrada da sua antiga rua ainda é a mesma. Lembra que você alugava o mesmo filme todo final de semana? Aquele do Nicholas Sparks, ‘Diário de uma paixão’”.

“Ahhhhh, eu amo esse filme... Faz tanto tempo que eu não assisto. Ele é tão lindo”.

“Assisti tantas vezes que acabei decorando a história da Allie e do Noah. Tenho que reconhecer que é realmente um bom filme”.

“Que milagre! Na primeira vez que você assistiu, disse que era horrível, meloso demais. Agora tá elogiando? Parece que o tempo refinou o seu gosto!”.

“O tempo ensina, né? Bom, vou pegar a estrada, preciso parar de teclar. Mais tarde nos falamos, ok?”.

“Ok, tenha cuidado! Até depois”.

Encerrei a conversa pois tinha medo do rumo que ela podia tomar.

Eu não estou pronto para dizer o que sinto. A Mônica também não está pronta para ouvir, seu luto é recente e real. Por mais que me doa admitir isso, ela amava o Marcelo. Um amor centrado e maduro, e é impressionante ver o quanto ela está sendo forte, resistindo e lutando contra tudo. Aos poucos, ela está se reconstruindo. E eu tenho um orgulho absurdo da mulher que ela se tornou.

Uma vez, eu li em um dos livros que ela tanto adora, do tal Nicholas Sparks, que “o primeiro

PERIGOSAS NACIONAIS

amor deixa marcas para a vida inteira”. Eu me agarro a isso para seguir em frente e esperar o tempo que for necessário para contar os meus verdadeiros sentimentos.

Fomos o primeiro amor um do outro. Descobrimos como amar e o quanto o amor pode doer. É o tipo de coisa que não se apaga, que deixa marcas. Dizem por aí que a gente nunca esquece o primeiro amor. Eu não esqueci o meu, e espero que pelo menos uma parte da Mônica não tenha me esquecido também.

Eu não estou usando a fragilidade dela para me aproximar, nem fingindo uma amizade para conseguir reconquistá-la. Eu não uso de um momento desses para algo do tipo, seria injusto com ela e com o que eu sinto. Meus sentimentos são verdadeiros e eu não os sujaria dessa forma. Nossa amizade simplesmente aconteceu. Encontramos apoio um no outro para enfrentar as nossas lutas.

Os momentos difíceis e pesados ficam mais leves quando podemos falar sobre isso. Sete anos se foram, mas é impressionante o quanto a gente ainda se conhece. O tempo mudou muita coisa, menos a nossa essência, e eu sou muito grato por isso.

PERIGOSAS ACHERON

Ela ainda é a pessoa com quem eu posso falar sobre qualquer coisa, sem medo de julgamento ou de parecer louco. Eu ainda sou a pessoa que entende as manias esquisitas que só ela tem, que faz as piores piadas apenas para tentar amenizar um momento ruim. A gente ainda dá certo. No fundo, eu estou certo de que há uma esperança para um “nós”.



Foi essa esperança que me ajudou a vencer os dias em casa e agora me coloca de pé, no dia de retomar meu trabalho. Preparo minha farda e espero o Ricardo vir me buscar. Ele disse que gostaria de estar comigo na minha volta. Ele não demora a chegar. Eu não consigo disfarçar a minha alegria de voltar ao trabalho. Sorrio o tempo todo. Talvez as coisas não acontecessem da maneira ruim que eu esperava. Talvez a vida começasse a sorrir para mim.

Chegamos ao batalhão, e eu me arrumo bem rápido. Pode parecer bobagem, mas poder vestir novamente a minha farda me emocionou. É uma

honra ser policial.

Sei que a minha profissão é desvalorizada e malvista por grande parte da sociedade. Não vou negar que, como em qualquer lugar, a corrupção está presente e existem péssimos funcionários, mas eu ainda acredito na justiça e na Instituição.

Sigo de corpo e alma o juramento “*servir à sociedade, mesmo com o sacrifício da própria vida*”, feito na minha formatura. Eu entrei para a Polícia procurando uma oportunidade, tentando uma estabilidade para a minha vida.

Com o passar do tempo, me apaixonei pelo que fazia. Ser policial estava no meu sangue, fazia parte de mim. Eu queria ser um bom policial, não apenas na índole, mas em ação. Minha dedicação era extrema. Meu foco era todo na minha carreira, buscava a ascensão e planejava meus passos para que me levassem a isso. Minha carreira era tudo o que eu tinha. Eu não sabia o que faria caso a perdesse ou algo a manchasse. Dentro de pouco tempo, eu poderia passar a cabo, e isso era uma oportunidade única que eu não perderia. Já fazia um tempo que eu estava me preparando e esperando por ela.

Por isso, tenho muito medo de como a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

história do Marcelo pode se desenrolar. Um erro, e tudo que eu construí, com muita dor, suor e sacrifício pode ruir. A vida não é justa. E eu sei bem o quanto ela pode ser cruel.

Tento afastar da minha cabeça toda a insegurança e focar apenas no trabalho. Fui escalado para fazer a ronda em uma entrada de shopping naquele dia. Algo bem tranquilo.

Apesar da aparente facilidade do trabalho, faço com total dedicação, foco e esforço. Estou retornando depois de um longo período afastado, então quero mostrar que estou em forma.

Estou tão empolgado em poder voltar ao trabalho, que nem percebo o tempo passar. Quando dou por mim, meu companheiro já me chama para retornamos à base e encerrar por aquele dia.

Ao retornar, pegamos um grande engarrafamento, e as memórias daquele fatídico dia vêm à tona. Fico o tempo todo apreensivo, com medo de que algo possa dar errado ali também. Questiono se nossa atitude foi a mais correta naquele momento, se tudo podia ter sido diferente. Uma buzina me desperta e eu volto à realidade: o que estava feito, estava feito, não poderia ser mudado.

PERIGOSAS ACHERON

Com mais de uma hora de atraso, chegamos ao nosso destino. Após realizarmos toda a parte burocrática, vou me trocar. Já está tarde, tudo que eu quero é ir para casa e descansar, conversar um pouco com a Mônica e contar que tinha corrido tudo bem no meu primeiro dia.

Aguardo pelo Ricardo, para que ele me dê carona para casa. Enquanto espero, recebo um recado do meu superior, pedindo que eu compareça a sua sala. Nesse momento, um frio toma minha espinha. Todo medo que eu havia guardado volta com força total. Não podia ser coisa boa.

Levanto com extrema dificuldade. Minhas pernas parecem não querer me obedecer, meu corpo está tenso e eu posso sentir o sangue circular completamente gelado em minhas veias. Quase sem voz, chamo pelo meu chefe após bater em sua porta. Ele me atende de pronto, mandando que eu entre. O caminho da porta até sua mesa nunca pareceu tão longo, e eu me movo como se tivesse uma tonelada nas costas. Depois de perguntar como eu estou e de trocar algumas palavras, ele diz que irá direto ao assunto.

Eu já imaginava o que viria, mas não esperava que tão poucas palavras pudessem me

PERIGOSAS NACIONAIS

machucar tanto:

— Nós vamos ter que te afastar da Polícia por tempo indeterminado, Soldado Urbano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

“O esperado nos mantém fortes, firmes e em pé.

O inesperado nos torna frágeis e propõe recomeços”.

Machado de Assis

Mônica

Recomeçar. Essa foi a palavra que repeti todos os dias do último mês. Todo dia era um recomeço, principalmente quando eu parei de sentir pena de mim mesma e resolvi lutar de verdade.

Entreguei-me ao caratê de corpo e alma. Ele já havia me salvado antes, iria ajudar agora. Voltei a treinar diariamente para o meu exame de faixa. Queria passar de primeiro para segundo Dan em breve, por isso era a primeira a chegar à ONG e a última a sair.

Com a atual situação, Diogo voltou por um tempo para a instituição. Felipe conhecia muito do trabalho, ajudava bastante o Marcelo, mas não era experiente. Era necessário mais que amor e

dedicação para fazer aquele lugar funcionar. Muitas vezes, era necessário pulso firme, ser verdadeiramente enérgico, pois os problemas e tentações eram muitos.

Apesar de ter tudo isso em mente, nada me preparou para o momento nada agradável que enfrentamos agora. Os representantes do tráfico local estão na ONG para oferecer seus serviços em troca de uma parceria. Eles simplesmente chegaram, com seus fuzis em punho, ou sei lá que armas eram aquelas, e pediram para falar com o responsável.

Nunca vi o Felipe tremer tanto. Como eu já tinha passado por coisa parecida junto com o Marcelo, vou ajudá-lo. Vamos com os rapazes para a sala da diretoria, pedimos que abaixem as armas e começamos a conversa. Eles fazem questão de agradecer e elogiar o trabalho do Marcelo, prestam seus sentimentos a minha pessoa, falam o quanto respeitam o trabalho da ONG, e dizem que estão ali por esse motivo.

Eles sabem que o trabalho é bom e ajuda a localidade, por isso querem investir no projeto. Estão dispostos a financiar uma grande reforma e ajudar com uma contribuição mensal. Em troca,

PERIGOSAS NACIONAIS

querem apenas que a gente faça vista grossa para a venda de drogas na porta de entrada. O Marcelo já tinha conversado sobre isso antes e conseguiu que eles saíssem dali.

Felipe me olha com profundo pavor nos olhos. Eu estou assustada, mas não posso deixar que percebam. Alguém tem que defender a nossa ONG, e ao que parece, esse alguém sou eu. Eu preciso dar um jeito nisso.

Com toda coragem que eu consigo reunir, pernas trêmulas e um suor fino e frio escorrendo bem pelo meio das minhas costas, me levanto, empino o nariz e estufo o peito o máximo que posso. Tentando passar a maior segurança possível, com a voz bem fria, começo:

— Nós agradecemos suas condolências e o interesse, mas vamos manter tudo como o Marcelo organizou. O que significa que permaneceremos sem envolvimento com o movimento local, sem aceitar dinheiro de seu patrão e sem venda e consumo de drogas dentro e nos arredores da nossa instituição. Espero que vocês possam respeitar isso — Termino de falar e ergo um pouco mais a cabeça, como um sinal de que não vou me curvar. Eu honraria o legado do Marcelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ô, tia, a senhora *num* quer pensar melhor nisso aí, não? *Pô*, *vamo* fazer um bagulho que fique bom pra geral *aê*. Só *tamo* pedindo um espacinho, nós *num vai* aloprar nada, não. *Vamo* até ajudar na segurança.

— Vocês sabem que nós não fazemos acordo com a sua galera. Temos um acordo de convívio: não mexemos com vocês e vocês não mexem com a gente. Cada um no seu espaço. E vamos manter assim, para o bem de todos. Estamos entendidos?

— *Pô*, tia! Tu *tá* sendo muito ruim, *num* quer nem pensar. Seu Marcelo já se foi, *tá* na hora de fazer uns *trecos* novos pra galera. Tenho certeza que a galera daqui ia curtir. Esse povo curte um negocinho pra ficar relaxado ou mais elétrico pra treinar as coisas que *cês* fazem aqui. Pensa com carinho.

— Com ou sem o Marcelo aqui, nosso jeito de trabalhar é o mesmo. Não há negociação. Nossa resposta é não. E agora, se vocês já terminaram, peço que se retirem, pois ainda temos muito trabalho a fazer.

— Tomara que a senhora *num* se arrependa, tia.

Eles pegam suas armas e vão embora.

PERIGOSAS ACHERON

Quando eles terminam de sair da sala, eu me jogo na poltrona e caio no choro. Felipe permanece imóvel, acredito que está em choque. Todo meu corpo treme e não consigo controlar as lágrimas. O susto é imensurável, e nem sei como consigo me controlar. Alguns minutos mais tarde, Diogo chega apressado à sala:

— Mônica, Felipe, vocês estão bem? — Com seu chamado, Felipe sai do transe e finalmente volta ao normal. Eu tento me acalmar, sem grande sucesso, mas consigo diminuir ao menos um pouco das lágrimas, não o suficiente para falar.

— A Mônica colocou os caras para correr. Ela não abaixou a cabeça e foi firme. Defendeu a ONG e foi muito corajosa. Não sei o que teria acontecido se ela não estivesse aqui — Felipe fala, enquanto tenta pegar um copo d'água. Suas mãos ainda estão trêmulas. Diogo senta ao meu lado e segura em uma de minhas mãos, em um toque quase paternal.

— Menina, você fez um ótimo trabalho. Agora tente ficar calma, já passou. Estamos aqui contigo. Eu já tinha conversado com o Felipe há alguns dias, esperava outro momento para falar com você. Mas acho que é oportuno, pois você

mostrou, mais do que nunca, que merece e é digna do convite. Nós queremos que você assuma a direção da ONG, ocupando o lugar do Marcelo.

Apenas olho para ele. Nunca pensei em ocupar essa posição na ONG, nem mesmo depois da morte do Marcelo. Na realidade, não me sinto preparada para tal. Fico alguns segundos calada, apenas olhando para Diogo. Sou tomada por uma forte emoção, sem saber ao certo explicar do que se trata. Talvez esse seja o meu recomeço, mas não posso fazer nada por impulso.

— Sinceramente, não sei o que dizer. Fico honrada com o convite, mas não sou capaz de responder isso agora. Espero que entenda que preciso de um tempo para pensar e colocar não só os pensamentos, mas minha vida e meus sentimentos no lugar. Ainda estou tentando me recuperar e encontrar um jeito de recomeçar. Prometo pensar com calma.

— Claro, minha filha, tenha o seu tempo. Aliás, acho que você devia tirar os dias restantes de suas férias. Se não forem todos, pelo menos umas duas semanas, para ajudar a organizar tudo. Se me permite um conselho, tente viajar, sair um pouco daqui, ir para um lugar calmo e que você goste. Vá

sozinha, aproveite sua companhia e reflita sobre tudo que você precisa pensar. Você precisa disso — Diogo termina de falar e me abraça. Sempre vi nele um mentor, uma espécie de professor, sábio e cheio de bons conselhos. Por isso, aceito sua proposta sem pensar muito.

— Tá certo, Diogo, você tem razão. Vou tirar o restante das minhas férias, não tudo, mas as próximas duas semanas, para reorganizar as coisas. Uma conhecida minha tem uma pousada em Trindade, lá em Paraty, acho que vou ficar uns dias lá.

— Isso, menina! Eu e o Felipe daremos conta de tudo aqui. Treine para esse tal exame que você tem de fazer, respire novos ares e volte recuperada.

— É o que farei. Vou só organizar as coisas por aqui. No final de semana, eu viajo. Agora, com licença, mas eu acho que vou para casa.

— Claro, descanse. Até amanhã.

Eu saio da ONG e só quero esquecer o dia que eu tive. Resolvo caminhar um pouco e, sem perceber, vou parar na praia à qual o Edu me levou no dia do enterro do Marcelo. Sento no quiosque do açai e penso em enviar uma mensagem para ele, mas lembro que hoje é o dia em que ele retorna ao

seu serviço, e não quero atrapalhar.

Não sei bem como funciona a rotina dele, mas acho que ele não deve ter muito tempo para conversar. Peço um açaí e fico ali, admirando a paisagem, sentindo um pouco o vento e fingindo que a vida é normal. Não sei ao certo quanto tempo passa, mas resolvo ir para casa. Sem muita disposição para treinar, apenas tomo um banho quando chego e coloco um filme para assistir.

Não sei como, nem quando adormeci, mas desperto com o toque do meu telefone. Já passa das dez da noite, e eu me preocupo antes de ver quem é. Quando pego o telefone, fico ainda mais cismada ao ver o nome no visor. Por que o Eduardo estaria me ligando a essa hora?

Com o coração disparado, atendo o telefone:

— Mônica, você tá aí?

— Edu, o que houve?

— Tiraram a minha carreira, Mônica. Eu não sei o que fazer. Eu tô perdido. Acabou tudo, tudo pelo que eu lutei. Todo meu sacrifício, pra nada. Tiraram tudo de mim...

— Edu, você está me assustando. Tenta respirar e me contar o que houve. Onde você está?

— O Ricardo acabou de me deixar em casa,

mas eu não sei se vou ficar aqui. Eu não sei o que fazer.

— Você tá chorando, Eduardo?

— Tô, sim, Mônica. Meu mundo ruiu hoje.

— Você consegue dirigir? Está bem o suficiente para isso?

— Por quê?

— Vem aqui em casa. Não vou deixar você sozinho. Vou te ajudar a passar por isso — Ele apenas diz um “já vou” e desliga. Eu me levanto e tento dar um jeito em tudo, sem pensar no que fiz. Eu acabei de convidar o Eduardo para a minha casa. O que eu tinha na minha cabeça?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

*“Os ventos que às vezes / Levam para longe
o que amamos
São os mesmos / Que trazem algo mais para
ser amado
Nós não podemos chorar pelo / Que nos foi
tirado
Nós não iremos... / Nós não iremos...
Nós amaremos o que nos foi dado
Pois tudo que é realmente nosso... não irá
embora”
Frozen Valley / Silent Heart — Rafael
Wissmann Monteiro*

Eduardo

Eu não ouvi muita coisa depois da primeira frase do meu superior. Tudo era apenas explicação para um fato: eu seria afastado até o fim das investigações e só voltaria dependendo do resultado do julgamento. Eu não estava expulso, mas ficaria em serviço interno, e minha promoção seria congelada. Ou seja, tudo pelo que lutei, todos os

meus sacrifícios, nada importava agora, pois eu cometi um erro e pagaria da pior maneira possível. Eu havia perdido a base do meu mundo.

Era como estar em um filme em câmera lenta. Eu sabia que estava ali, que havia pessoas falando comigo, mas eu não conseguia me concentrar. Era como assistir a tudo de maneira desfocada, com um zunido que não me permitia entender o que era dito. Só percebi que devia sair dali quando Ricardo tocou no meu ombro e me chamou. Eu nem tinha percebido que ele tinha entrado.

Saí daquela sala completamente abatido e derrotado. Meu corpo parecia pesar uma tonelada, e não é exagero dizer que fui praticamente arrastado para casa. Sei que Ricardo tentou falar comigo algumas vezes, mas eu não conseguia me concentrar o suficiente para responder. Na minha mente, a frase “*Você vai ser afastado da Polícia*” repetia-se em um eterno *looping*. As memórias de tudo que eu abri mão para ser policial e de todas as vezes que quase morri ou quase perdi um amigo em ação ficam repassando na minha cabeça, até o dia daquele maldito tiroteio. Aquele disparo que mudaria tudo. Anos prezando pela minha carreira,

para que ela desmoronasse em um único e fatídico dia.

Sem eu perceber, Ricardo me deixou na porta de casa. Despedi-me. Ele insistiu em ficar, mas eu precisava ficar sozinho, colocar os pensamentos no lugar e pensar no que eu faria dali por diante.

Depois de um bom banho, eu ainda não tinha conseguido me acalmar. Aquela dor e aquele peso no meu peito não passavam. Era uma angústia crescente, torturante, quase uma dor física. Eu me sentia perdido, sozinho e sem saída. Peguei o celular para ver as horas, e já passava das dez. Abri a notificação que apitava na tela. Era a mensagem de bom dia da Mônica, que eu ainda não tinha parado para responder.

Ao olhar sua foto ali no aplicativo, tudo veio à tona, como uma enxurrada de sentimentos incontroláveis, doloridos e cheios de mágoa e culpa. Eu larguei tudo para ser policial: o amor da minha vida, nossos sonhos, planos e um futuro juntos. Eu fui implacável e incorruptível por anos na Corporação. Tudo que eu tinha era a minha carreira. E ela estava praticamente acabada. Eu abri mão de tudo por ela, e agora não tinha mais nada.

Chorei como criança, olhando aquela foto e

pensando em tudo que poderíamos ter sido se minhas escolhas fossem diferentes. Talvez agora estivéssemos casados, com filhos e um cachorro, vivendo uma vida simples e comum. Eu poderia estar ao lado dela e não carregaria nas costas a culpa de ter matado um inocente, nem correria o risco de ser julgado e condenado por isso. A vida seria simples e nós dois poderíamos ter sido felizes. Ela não sofreria como sofreu nos últimos dias, não haveria luto em seu coração, e eu a amaria um pouco mais a cada dia.

Cada escolha tem consequência, que nos leva a outras escolhas, outras consequências. De repente, a vida não é mais aquela que você planejou. Então, você se agarra à vida que tem, pois acredita que ela é sua única chance de ser feliz.

Eu não conseguia conter a emoção, nem a dor ou a tristeza. E eu sabia que só existia uma pessoa que conseguiria me acalmar. Por isso, mesmo com dificuldade, disquei seu número. Eu precisava ouvir sua voz para tentar me tranquilizar.

Como um bálsamo, assim que ela atende, sua voz me ajuda a recuperar um pouco do autocontrole. Desabafo com ela sobre tudo que aconteceu, toda dor e angústia que estou sentindo.

Não nego que tudo que eu queria era receber um abraço dela e poder me confortar sentindo seu cheiro e toque. Apesar disso, fico surpreso quando ela me convida para ir até a sua casa. Mesmo querendo muito, eu não esperava por isso. Entretanto, sou egoísta demais para negar.

Sem pensar duas vezes, apenas me levanto e pego a primeira camisa que vejo. Lavo o rosto e pego as chaves do meu carro. Nem me lembro de pegar a minha arma, só quero chegar o mais rápido possível até ela. Sei que o seu abraço é capaz de colar todos os pedaços que estão quebrados aqui dentro de mim.

Dirijo como um louco, querendo controlar o tempo e chegar o mais breve possível ao meu destino. Durante todo percurso, me seguro para não chorar. Eu preciso chegar fisicamente inteiro ao meu destino. Só tinha ido uma vez até sua nova casa, no dia do enterro, mas já tinha decorado o caminho. Aprender e guardar qualquer coisa sobre a Mônica é muito fácil e natural para mim.

Depois de um tempo, que para mim pareceu uma eternidade, consigo chegar até a casa dela. Paro o carro e fico um tempo sentado, tentando controlar o turbilhão de emoções que passam por

minha mente e coração. Eu só queria poder contar tudo, absolutamente tudo para ela.

Contar que, durante todos esses anos, não houve um dia em que eu não a amasse. Que eu vivi respirando saudade, contando dias, meses e anos para poder estar ao seu lado de novo e confessar tudo que eu sentia. Que eu ensaiei mil pedidos de perdão. Que por várias vezes eu pensei em aparecer na porta dela e implorar para que ela voltasse, mas eu era orgulhoso demais para voltar sem ter conquistado nada. Não seria justo ter aberto mão dela por uma carreira e voltar sem nada.

Por sete anos, ela foi a ferida aberta no meu coração. Era a lembrança de amor mais puro e perfeito, mas também era a mágoa da despedida. O meu sentimento mais forte e verdadeiro, mas o único que eu queria ser capaz de esquecer. Ela era o melhor de mim, mas foi por ela que eu conheci o meu pior lado. Mesmo longe, eu a amei incansavelmente por sete longos anos. E eu a amaria por toda a vida se ela me permitisse uma segunda chance.

Só que, além de confessar o meu amor, eu também teria de confessar que eu havia matado o homem que ela agora amava. Cada lágrima que ela

derramou nos últimos dias, toda dor que ela sentiu: era tudo minha culpa. Eu quebrei o coração dela pela segunda vez. Eu não tinha nem certeza se ela havia me perdoado na primeira vez, como poderia esperar o seu perdão agora?

No meio desse conflito interior de sentimentos, sou retirado de meus devaneios quando alguém bate à janela. Sou pego de surpresa e me assusto, procurando logo minha arma, que não está ali. Me acalmo quando ouço a sua voz. Abaixo o vidro, ela encosta na janela e diz:

— Eduardo, vai ficar dentro do carro?

— Desculpa, Mônica, estava tentando me recuperar para te chamar. Não queria chegar até você parecendo um trapo.

— Então você nem ia me chamar, né? Você está péssimo e não vai conseguir se recuperar agora. Anda, vamos entrar, conversar um pouco e ver se você melhora.

Eu desço do carro e caminho logo atrás dela. Mesmo depois de sete anos, ela ainda parece uma menina. Quase não mudou, continua linda como sempre. Mas nem estar perto dela consegue acalmar a dor que está me sufocando. Pelo contrário, só me faz ver, ainda mais de perto e mais

cruelmente, tudo o que eu perdi, e que talvez nunca tenha de volta.

Entramos em sua casa, que é pequena, mas muito organizada e aconchegante. Tudo tem a cara da Mônica na decoração, além do seu perfume espalhado pelo lugar. Vou para a sala e sento no sofá, ficando de frente para uma foto dela e do Marcelo, que fica perto da televisão. É como tomar mais uma pancada em um dia em que fui espancado. Preciso lembrar que ela só me chamou por pena, porque sou seu amigo e estava desesperado. Ela faria isso por qualquer amigo. Ela é assim.

Ela vai até a cozinha e, quando volta, tem uma bacia nas mãos e uma lata de leite condensado na outra. Deixa em cima da mesinha de centro, volta à cozinha e retorna com Coca-Cola, dois copos e uma caixa de Bis.

— Preparei um kit emergência contra a tristeza: pipoca salgada com leite condensado, Coca-Cola e chocolate. Você pode escolher um dos meus DVDs para assistir — Aponta para uma grande coleção de filmes — Sim, eu sou velha e coleciono DVDs dos filmes que mais gosto de assistir para não ter que depender de Internet e TV

a cabo. Hoje eu deixo você escolher, mas não se acostume.

Caminho até a coleção. De repente, uma capa azul, minha velha conhecida, chama minha atenção. Puxo-a com cuidado, para confirmar se é o filme que estou pensando. Ao ter certeza, levo minha escolha até ela, que me olha surpresa:

— *Diário de uma paixão*, Eduardo?

— Se eu chorar, a gente pode dizer que foi culpa do filme.

Ela sorri, e o barulho da sua risada é como um analgésico para toda a dor que eu trago dentro de mim naquele momento. Antes que eu consiga falar mais alguma coisa, ela chega mais perto e me fala:

— Eu sei que você não está bem, que deve ter acontecido algo muito grave para te deixar desse jeito, e sei que você não vai querer falar sobre o que aconteceu. Só queria te dizer que estou aqui com você. Não vou te perguntar nada, mas se você quiser falar, eu vou te ouvir, seja lá o que tenha acontecido, sem te julgar. Você não está sozinho, sou sua amiga e vou te ajudar a superar isso, da mesma forma que você tem me ajudado todos esses dias — Ela termina de falar e me abraça, e tudo que

eu quero é morar no abraço dela para sempre. É como voltar no tempo e ficar em um local seguro, em uma época onde tudo era mais fácil. É como poder segurar o sentido da minha vida com os meus braços. Infelizmente, o abraço acaba, e nos sentamos lado a lado para assistirmos ao filme, o mesmo ao qual já assistimos tantas vezes abraçados uma vida atrás.

O filme começa e assistimos em silêncio. Em um certo momento do filme, ela vai pegar pipoca e acaba derrubando a bacia. Na tela, a cena quando o casal principal se reencontra e, em meio à chuva, tem uma discussão que termina em um acalorado beijo. Ali na sala, eu me abaixo junto com ela para pegar a pipoca espalhada pelo chão. Então nossas mãos se tocam e nosso olhar se encontra.

É como parar no tempo e voltar ao passado, tudo no mesmo instante. É como ter tudo que você mais desejou na vida bem ao alcance das suas mãos e bem longe de você, tudo em uma única fração de segundos. Eu não consigo disfarçar o meu olhar de bobo apaixonado, e tenho certeza que ela percebe, pois fica sem graça, aquela velha reação que eu conheço tão bem. O que me surpreende é que ela não se afasta ou para de olhar. Ela me encara de

PERIGOSAS NACIONAIS

volta, e eu posso jurar que, por um segundo, um bem rápido e curto momento especial na minha vida, ela me olha de volta daquele jeito que ela costumava olhar.

Por um instante, eu pude ver que, bem lá no fundo, ainda existe uma luz para o nosso amor. Uma luz tão linda quanto aquela que eu vi brilhar de relance em seu olhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

*“Esta vida é um punhal de dois gumes
fatais:
não amar é sofrer; amar é sofrer mais”.
Menotti del Picchia*

Mônica

Era estranho dividir o mesmo ambiente de forma tão íntima e descontraída com o Eduardo. Minha mente tentava focar no presente, no filme ali na minha frente. Mas minha memória era traidora e insistia em lembrar tantas vezes que fizemos o mesmo ritual.

Eu costumava dizer que conhecia o Edu melhor do que qualquer pessoa. Não sei afirmar se ainda é assim, mas se sua essência não mudou, talvez alguns hábitos também não tenham mudado. Como não gostar de falar sobre coisas que o incomodam e o fazem sofrer, não até conseguir digerir tudo. Eu sabia que algo estava muito errado, mas se ele ainda fosse o Edu que eu conhecia, ele não ia querer falar sobre o assunto. Por isso,

preparei o meu famoso kit contra a tristeza com pipoca, refrigerante e chocolate. Só não esperava que ele fosse escolher justamente aquele filme.

Houve um tempo em que nossa vida era tranquila. Nossos planos incluíam uma casa, alguns filhos e talvez um cachorro, em um lugar calmo e perto da natureza. Geralmente, tecíamos esses planos aos finais de semana, nos dias de folga do trabalho do Eduardo e meus intervalos de estudo, exatamente assim, comendo pipoca e assistindo a algum filme. Naquele tempo, a dor, a mágoa e um futuro sem nós dois era algo impensável. Acreditávamos que nosso amor bastaria para enfrentar e vencer qualquer coisa na vida. A gente só não contava que teríamos que lutar contra nós mesmos. Acabariamos perdendo a batalha e descobriríamos, da pior forma possível, que nosso amor não era tão forte assim.

Como eu imaginava, o Edu não queria falar. Percebi pela sua demora para sair do carro, pelo jeito como caminhava de cabeça baixa, como que se esquivasse de mim. Peguei tudo que tinha preparado e levei para a sala, e antes do filme, eu o abracei. Era um abraço para confortá-lo, mas fui eu que acabei confortada. Imediatamente, meu corpo e

PERIGOSAS NACIONAIS

meu coração reconheceram aquele calor familiar de seus braços. Era como estar em um lugar seguro. Era como estar em casa. Quando o abraço se desfez, eu senti um leve vazio tomar conta de mim, mas tentei me convencer que era pela situação.

Sentamos próximos para assistir ao filme, e tudo estava correndo bem, até eu derrubar a bacia de pipoca. Não sei se foi a atmosfera familiar ou a cena de reconciliação do casal principal do filme, mas quando nossas mãos se tocaram e nossos olhares se cruzaram, por um segundo eu não estava no presente, mas havia voltado ao passado. Por um breve momento, eu lembrei como era amar e ser amada pelo Edu. E meu coração deu um salto com essa lembrança.



Me recomponho o mais rápido que posso, cato o resto de pipoca que tinha derrubado e tento sentar como se nada tivesse acontecido. Finjo prestar atenção no filme, mas minha cabeça está fervilhando. A situação havia mexido comigo de uma maneira que eu achei que nunca mais mexeria.

PERIGOSAS ACHERON

Eu evito olhar para o Eduardo, sentado ali no meu sofá, mas meus olhos são traidores e vão até ele toda hora. Quando ele tinha ganhado traços tão bem delineados? E aquela cicatriz no ombro, era um tiro? Como ele pode ter mudado tanto e ao mesmo tempo tão pouco em tantos anos? Como meu coração se atrevia a ficar disparado novamente na presença dele?

São tantos devaneios e tantas memórias retornando, que eu nem consigo prestar mais atenção no filme. Retorno ao mundo real quando Edu balança a barra de chocolate na minha frente, perguntando se eu quero. É quando percebo que as letras dos créditos já estão na tela.

— Claro que quero, eu nunca nego chocolate.

— Algumas coisas nunca mudam...

— Principalmente as melhores.

Ele fica em silêncio por um tempo, com a cabeça baixa. Depois de alguns minutos, ele volta a falar, e sua voz vem carregada de tristeza:

— Eu fui afastado da Polícia por um erro que cometi. Não sei como vão ficar as coisas daqui para a frente. Minha promoção não vai mais sair, e parece que tudo que eu fiz de bom na Corporação foi apagado pelo erro. Não adiantou recusar

PERIGOSAS NACIONAIS

propina por várias vezes, fazer grandes apreensões de drogas, entrar na linha de tiro de bandidos quase todo dia, ou dedicar toda a minha vida à PM. Nada disso vai importar agora. Sei que é isso que se espera de um bom policial, mas eu não apenas cumpria com o meu dever, eu amava aquilo ali. Eu não entrei para a polícia por paixão, entrei procurando uma estabilidade, um cargo público. Mas com o passar do tempo, o juramento que fiz e a minha profissão foram me conquistando e tomando um espaço enorme na minha vida. O pior é pensar que eu posso nunca mais voltar a exercê-la.

— E você não tem como consertar ou assumir o erro para, sei lá, amenizar o que aconteceu?

— É um erro sem volta. Nada do que eu faça ou fale pode revertê-lo. E ninguém vai acreditar que foi sem querer.

— Eu acredito em você, na sua palavra — Quando eu termino de falar, ele olha para mim e começa a chorar. Um choro compulsivo e com tanta dor, que chega a me ferir também. Sem saber o que fazer, eu o abraço, tentando amenizar sua dor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me desculpa, Mônica — Ele fala de maneira embolada entre as lágrimas — Me perdoa.

— Calma, Edu, não precisa me pedir desculpas. Eu entendo que é difícil para você.

— Não, não é por isso. Me perdoa por tudo, por toda dor que eu te causei. Eu sei que a gente não fala disso, mas eu preciso te pedir perdão. Eu sei exatamente o que eu fiz no passado, e sei o quanto doeu em você, porque doeu em mim também. Sei que provavelmente você nunca entendeu o que eu fiz, mas eu te juro, na minha cabeça, naquele momento, era o certo a ser feito. Eu tinha um plano, mas ele não saiu como o esperado. Eu queria muito que tivesse dado certo, para que tudo fosse diferente agora, mas não aconteceu, e eu tenho de lidar com as consequências da escolha que eu fiz todos os dias. Eu mentiria se dissesse que eu faria tudo diferente se pudesse voltar no tempo, mas eu sempre quis consertar o meu erro. Por isso, pelo menos por esse erro, eu te peço perdão e espero que você possa me perdoar.

Eu não consigo responder. Quando ele termina de falar, tudo vem como um grande *flash*. Lembro-me das noites em que fiquei sem dormir.

PERIGOSAS ACHERON

Da dor que, de tão grande, parecia física. De como eu esperava que ele voltasse e dissesse que tinha se arrependido. De como eu me afundei em uma tristeza tão grande, que parecia que nunca teria fim. Ele não havia só partido o meu coração. Ele havia desistido de nós, tinha escolhido a sua carreira em vez de mim, sem me dar a chance de argumentar. Foram anos de sofrimento, mágoa e perguntas sem respostas. E eu não sabia o quanto isso ainda podia doer. Até agora. Uma lágrima escorre pelo meu rosto, e eu percebo que estou chorando. Eduardo está diante de mim, me olhando sem ao menos piscar direito:

— Desculpa te fazer chorar mais uma vez, Mônica. Eu não queria remexer em lembranças ruins, mas eu precisava tirar de dentro de mim esse peso que eu carreguei por anos comigo. E eu vou entender se você não puder me perdoar. Se você quiser, eu saio por aquela porta e você nunca mais vai ouvir falar de mim.

— Você nunca vai saber o quanto me fez sofrer, Eduardo, porque as palavras não seriam capazes de descrever a dor e a mágoa que você me causou. Eu também não quero contar o que passei ou o quanto sofri, pois isso é passado. Você fez

uma escolha, então deve arcar com tudo que ela traz. Eu já te perdoei há muito tempo, ou você nem estaria aqui na minha frente. Perdoar não apaga o que você fez, mas me liberta da mágoa que eu carregava. Eu te perdoei assim que te vi naquele hospital. Talvez eu já tivesse te perdoado antes, só não sabia. Tudo que vivemos ficou para trás, o que temos agora é o que importa. Pode tirar esse peso das suas costas. Você me feriu, sim, mas eu já me curei. Só não vá me machucar de novo. A vida não costuma dar segundas chances. Não desperdice a sua — Falo tudo em um fôlego só, sem pensar muito, mas tudo é a mais pura verdade. Apesar de tudo, eu já o havia perdoado. Hoje, eu conseguia pelo menos aceitar melhor a escolha dele, principalmente depois de ver o quanto ele amava a profissão e o quanto ela tinha feito bem para ele.

— Obrigado, Mônica. Você não imagina o quanto isso é importante para mim. É um alívio, na realidade.

— Até parece que não me conhece, Eduardo... Se eu ainda estivesse com raiva ou magoada como você, nunca teria nem te dado “oi”, que dirá deixar você vir ao meu cantinho. Vá lavar esse rosto. E volta rápido, que temos uma barra de

chocolate para terminar.

Eu preciso respirar, por isso aponto para o banheiro e tento fazer com que ele me deixe só por alguns instantes. Não sei o que aconteceu aqui, mas foi estranho e intenso. Mas ele recusa minha oferta:

— Eu agradeço, mas já está muito tarde. É melhor eu ir embora. Sei que você acorda cedo amanhã para o seu treino. Está chegando o exame, né?

— Sim, será daqui a um mês, e dessa vez eu consegui que seja na ONG. Estou muito empolgada, mas também muito nervosa.

— Você sabe que vai mandar muito bem, você é ótima no caratê. Já escolheu o *kata*?

— Ainda estou em dúvida...

— Eu gosto do *Bassai Dai*.

— Desde quando você entende de caratê?

— Eu pesquisei um pouco e vi alguns vídeos. Gostei desse, provavelmente você sabe como fazer. Os movimentos são mais sutis, acho que combina com você.

— Eu realmente estava em dúvida entre ele e outro, talvez eu leve sua opinião em consideração. Obrigada. Vá com cuidado e avise ao chegar.

Ele se despede, deixando um beijo na minha

PERIGOSAS NACIONAIS

testa, e vai direto para o carro, sem olhar para trás. Eu espero que ele dê partida e volto para casa, tentando calar minha cabeça e meu coração. Não sei o que está acontecendo comigo nesse exato momento, mas seja o que for, não pode acontecer.

Eu acabei de perder o meu noivo e não posso ficar balançada por ninguém, principalmente um ex-namorado que já me deu um pé na bunda. Resolvo lavar a louça para me distrair e depois vou deitar.

Só não contava que Eduardo invadissem até os meus sonhos.



Os dias seguintes foram comuns e tediosos. Eu mantinha a rotina de treinar, ir para a ONG, treinar, ir para casa e falar com o Edu. Com ele afastado da PM, conversávamos também durante o dia. Já fazia parte da minha rotina falar com ele. Algo comum e tão incorporado ao meu cotidiano, que eu já acordava mandando “bom dia” para ele, e só ia dormir depois do seu “boa noite”.

Finalmente consegui organizar tudo para tirar

PERIGOSAS ACHERON

as minhas férias. Eu ficaria quinze dias fora. Passaria sete dias em Trindade, uma praia linda e calma de Paraty, no Rio mesmo. Prometi para mim mesma que eu me isolaria do mundo nos dias em que estivesse lá. Sem conexão com Internet, redes sociais, nada disso. Só mandaria mensagem pela manhã e à noite, avisando que estava bem.

Viajo no dia seguinte e é uma experiência maravilhosa. Trindade é um lugar maravilhoso, além de passar uma paz incrível. Fico hospedada em uma pousada aconchegante, praticamente de frente para o mar. É tudo que eu preciso para relaxar.

Aproveito para ir à praia, fazer trilha, conhecer gente nova, comprar artesanato. É como estar em um paraíso particular. Em alguns momentos, eu até consigo esquecer toda a bagunça que está a minha vida. Somos apenas eu e a Natureza.

No quarto dia, porém, algo inesperado acontece: meu celular cai no mar. Fui tirar uma foto e ele escorregou da minha mão. Pifou na hora, e eu não sabia nenhum número de cabeça. Como eu pretendia me desligar do mundo, achei que podia ser um sinal dos céus para me desconectar por

completo.

Sigo minha rotina. No quinto dia, vou caminhar no centro histórico de Paraty. Fico encantada com a cidade, mas muito cansada de andar por aquelas pedras. Faço o que todo turista gostaria de fazer e lamento não ter meu celular para poder tirar algumas fotos. Volto e decido ir a um barzinho no final da rua em que eu estou hospedada, pois vi que haverá show ao vivo de alguma banda local.

Me divirto bastante. A banda toca alguns sucessos dos anos 80, principalmente rock nacional, e eu me permito cantar e dançar como há muito tempo não fazia.

Já passa das três da manhã quando o show acaba. O bairro em que estou é muito tranquilo e a pousada fica perto do local do show, então vou a pé tranquila para lá. De longe, percebo que há alguém sentado na porta da pousada. Não me assusto, pois pode ser algum hóspede.

Ao me aproximar, não consigo acreditar no que os meus olhos veem. Tomo um susto quando ele se levanta e vem até mim:

— Eduardo?

— Graças a Deus, Mônica! Você não dá

PERIGOSAS NACIONAIS

notícia há dois dias. O telefone da pousada que você deixou não atendia... Eu fiquei desesperado, achei que tinha acontecido alguma coisa. Falei com a Léia. Ela disse que não dava notícias e estava preocupada.

— E então você simplesmente pegou o carro e veio para cá?

— Claro! Eu fiquei angustiado com a possibilidade de você estar em perigo.

— Bom, eu estou bem. Não precisava se preocupar tanto — Eu quero ser fria, mas, lá no fundo, uma parte do meu coração está feliz por ele ter se preocupado e ter vindo ver pessoalmente como eu estou. Ele pega o celular e liga para alguém. Eu dou algum espaço, mas então ele me chama:

— Mônica, é pra você!

— Para mim?

— Sim, é a Léia. Ela me deu o endereço da pousada, com a condição de que eu ligasse para ela no momento em que eu te encontrasse.

— Oi, Léia — Eu pego o telefone e falo com minha amiga.

— Cacete, Mônica! Eu quase morri aqui! Achei que tinha acontecido algo ou que você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pudesse ter feito alguma besteira. Por isso dei o endereço para o Edu. Ele continua o mesmo maluco de sempre, nem pensou duas vezes em ir ver como você estava. Tem certeza que vocês são só amigos?

— Pelo amor de Deus, Ediléia! Me respeita e respeita a memória do Marcelo!

— Tá bom, amiga! Só fica bem e não some. O que houve?

— Meu celular caiu no mar e pifou. Você sabe que eu não sei nenhum número de cabeça.

— Já te falei para anotar os números principais. Vou te buscar na rodoviária. O Edu tem meu número, pega com ele e dá um jeito de me avisar.

— Tá bom. Beijo! — Nos despedimos e eu devolvo o telefone para ele.

— Obrigada pela preocupação e por se juntar com a Léia para ver como eu estava.

— Eu daria um jeito de descobrir se ela não me falasse. Eu peguei um quarto, pelo menos até amanhã. Tem algum problema se eu ficar?

— Claro que não, problema algum. Você vai adorar Trindade.

— Então podemos ir à praia amanhã?

— Com certeza. Boa noite, Edu. Até amanhã.

PERIGOSAS ACHERON

— Boa noite!

Entramos na pousada e cada um vai para seu quarto. Eu deito, mas não consigo dormir. De repente, tudo volta. Eu quero me afastar do Eduardo, mas não consigo. Eu tenho medo do que estou sentindo. Não quero criar um vínculo com ele, mas quanto mais o tempo passa, mais essa conexão aumenta.

Por outro lado, eu adoro ser amiga dele. Podemos conversar sobre tudo, ele me ouve sem me julgar e temos uma sintonia tão boa, que parece que nos conhecemos a vida toda. Eu sempre sorrio mais quando falo com ele. Durante os meus piores dias depois da tragédia, ele me ajudou a encarar tudo. Isso me deixa um pouco aliviada. Nossa amizade é sólida e verdadeira. Temos carinho e respeito um pelo outro, com a vantagem de que não corremos o risco de acabarmos apaixonados um pelo outro.

Afinal, ninguém se apaixona pela mesma pessoa duas vezes nessa vida, não é mesmo?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

*“Nem todas as verdades são para todos os
ouvidos.*

*Nem todas as mentiras podem ser
suportadas.*

Certas coisas se sentem com o coração.

*Deixa falar o teu coração, interroga os
rostos,*

não escutes somente as línguas...”

Umberto Eco

Eduardo

Eu havia saído como um louco atrás da Mônica. Quando não deu notícias, eu achei que ela tinha resolvido se afastar. No segundo dia, decidi perguntar para a amiga dela se sabia de algo. Diante da sua negativa, o desespero bateu. Morar em um Estado como o Rio de Janeiro te deixa meio paranoico. Foi uma longa viagem, e o aperto no meu coração só crescia. Cheguei já era tarde da noite, mas fui atendido na pousada em que ela estava. Fui informado que ela não estava lá, mas

tinha passado por ali. Pedi um quarto e resolvi esperar do lado de fora.

Enquanto o tempo passava, eu ficava imaginando o que eu ia falar para a Mônica, por estar ali, na porta da pousada àquela hora da madrugada. Eu não queria parecer maluco, mas eu sabia que era exatamente isso que ia parecer. Eu também tinha decidido, durante o caminho até aqui, que eu contaria para ela o que tinha acontecido no dia do tiroteio que matou o Marcelo. Fui informado que o julgamento está marcado. Em breve, eu serei informado da data. Ainda não tinha sido chamado para prestar depoimento oficialmente, mas eu já havia assumido que fui a única pessoa a usar uma pistola naquele dia. Não que fosse necessário, mas tinha medo de que o Ricardo levasse sua ideia adiante e assumisse a culpa. Esse era um dos motivos para o meu afastamento da polícia. Em alguns dias, eu começaria um trabalho interno, mas a Corregedoria estaria de olho em mim.

Era uma questão de tempo até a verdade vir à tona. O processo correria em sigilo, ou seja, meu nome não seria exposto, mas eu teria de estar presente na audiência. Além disso, eu precisava ser sincero com a Mônica. Não dava para viver em paz

com essa nuvem pairando sobre nossas cabeças o tempo todo.

Sentei na calçada, esperando que ela voltasse, ensaiando o que dizer. Queria mostrar normalidade, mas a verdade é que eu queria vê-la e lhe dar um abraço forte para ter certeza que tudo estava mesmo bem. Já fazia algum tempo que eu estava esperando, quando a avistei ainda longe de mim. Ela vinha caminhando despreocupadamente. Não consigo ver com clareza, mas ela parece sorrir enquanto caminha. Tudo nela parecia estar mais leve, como se os dias isolada tivessem revigorado seu espírito. Esperei até que chegasse mais perto e vi a surpresa cruzar o seu rosto.

Nosso diálogo foi rápido e curto, e eu agradei mentalmente pelo fato de ela não me expulsar e ainda aceitar o meu convite para a praia no dia seguinte. Eu estou disposto a contar a verdade, mas queria ter, pelo menos, alguns momentos com ela naquele lugar maravilhoso.

Entramos juntos na pousada, mas eu não consigo dormir, pois estou ansioso e eufórico pelo dia seguinte. Desde o episódio do filme na casa dela, não tínhamos mais nos visto. Sempre nos falávamos pelo *WhatsApp*, nada havia mudado,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas a possibilidade de passar um dia inteiro ao lado dela, em um dos meus programas favoritos, deixa meu coração aos pulos. Eu não quero criar expectativas, mas a essa altura, já tenho um caminhão delas. Já haviam passado quase dois meses da morte do Marcelo, e eu sei que, mesmo que pouco, Mônica já está melhor e se recuperando. Claro que eu não planejo forçar nada ou investir em um plano de conquista agora, mas quero aproveitar cada segundo ao seu lado e mostrar que ainda pode ser divertido estar comigo.

Dizem que o primeiro amor nunca morre. E eu estou contando com isso.



Tomamos café juntos, de frente para o mar. Ouço Mônica contar sobre os dias em que estive ali, e cada vez que ela fala, eu só consigo ver o quanto ela está ainda mais linda. Aquele brilho nos olhos, que ela costumava ter, está voltando. Seu semblante está mais leve, e sua postura, mais relaxada. Apesar de tudo, eu estou feliz por ver que ela está finalmente se recuperando.

PERIGOSAS ACHERON

Vivemos um dia agradável em umas das praias mais bonitas que já vi. Tudo corre tão naturalmente, que nem percebemos que o sol já está se pondo. Assistimos ao pôr do sol e eu sinto que esse é um bom momento para falar toda a verdade. Interrompo nossa conversa e consigo ter sua atenção toda para mim:

— Mônica, eu quero conversar com você.

— Mas não é isso que estamos fazendo?

— Sim, mas é algo sério. É sobre o tiroteio que levou à morte o Marcelo.

— Então você já sabe? — Meu coração gela com a pergunta dela. Será que ela sabe de tudo e está apenas testando o que eu vou falar? Ou ela está esperando o momento certo para se vingar?

— Já sei o quê?

— O advogado conversou comigo um pouco antes da minha viagem. Ao que tudo indica, foi um tiro da PM que o matou. Vamos processar a polícia e o Estado pela morte dele. Sei que isso pode ser difícil para você, mas espero que isso não afete nossa amizade. Pode parecer estranho, mas eu me acostumei com a sua companhia e com nossas conversas. Isso me tem feito muito bem. Sei que você ama e defende o seu trabalho, mas não posso

deixar isso passar em branco. Devo isso ao Marcelo. Tudo que eu mais quero é que o responsável pague por isso e sofra pelo menos metade do que sofri. Quero que ele aprenda a exercer sua função com responsabilidade, para que ninguém mais tenha que passar por essa dor. Quero justiça, mas não quero ter de encarar o responsável. A audiência será em breve, mas não irei. Não quero conhecer o rosto do homem que mais me fez mal na vida, mas quero que ele pague por tudo que fez. Você entende, certo?

Faço um esforço sobre-humano para engolir o bolo que se forma na minha garganta. Ela nunca me perdoaria. Suas palavras são carregadas de ódio e respingam vingança. Eu a havia machucado mais do que pensava. Antes que ela desconfie de algo, tento formular uma resposta. Minha voz falha um pouco, mas consigo falar:

— Claro que eu entendo. É o seu direito.

— Mais que direito, é um dever! Um inocente morreu por uma irresponsabilidade. Se ele fosse um bom policial, assim como você é, nada disso teria acontecido — Nenhuma palavra que ela havia dito me machucou tanto quanto essa frase. Ela acha que eu sou um modelo de policial, mas a

verdade é que sou o irresponsável que ela tanto queria ver sofrer — Mas, enfim, o que você queria me dizer?

— Ah, bem, era exatamente isso. Que eu entenderia se você resolvesse processar a PM e que eu esperava que isso não fosse um problema entre nós.

— Claro que não será. São coisas diferentes, não é? — Ela levanta e retira um pouco de areia do corpo — Afinal, você não tem nada a ver com essa história. Bom, eu vou nessa. Você vai ficar até amanhã?

— Vou.

— Nos vemos depois então?

— Claro — Ela me surpreende com um beijo no rosto e vai embora. Eu fico parado, observando enquanto ela se afasta. Quando ela finalmente entra na pousada, eu encaro o mar a minha frente. Se ela soubesse que tudo é minha culpa, será que me perdoaria?

Depois de hoje, só tenho mais certeza de que eu vou perdê-la a qualquer momento. E dessa vez, para sempre.

É então que uma coisa estala dentro de mim: Mônica disse que não pretende ir à audiência. É

isso!

Talvez eu consiga passar por toda essa história sem que ela saiba que sou eu. Com muita cautela e um pouco de sorte, tudo pode dar certo no final. Basta que eu consiga manter o segredo sobre o meu afastamento e sobre o processo. Após a audiência, com tudo resolvido e os ânimos mais calmos, eu posso enfim conversar com ela sobre isso. Ela já vai ter conseguido a justiça pelo que aconteceu e talvez me ouça.

Até lá, eu tenho apenas que aproveitar cada momento. Talvez seja a vida me dando a minha tão sonhada segunda chance. Se esse for o preço que eu tenho que pagar, arriscando tudo, eu pagarei contente.

Pela Mônica, vale a pena.

Levanto e volto para o meu quarto. É a primeira vez, desde que tudo aconteceu, que me sinto mais leve e com esperanças reais.

Só preciso manter o segredo por tempo suficiente. E manter um segredo é diferente de mentir. Eu não mentiria para a Mônica, mas guardaria a verdade que pode nos fazer sofrer ainda mais.

Tudo vai ficar bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

*“Aprendi que amar não significa estar
junto,
mas sim querer ver a pessoa feliz,
mesmo que isso custe a sua felicidade”.*
Nicholas Sparks

Mônica

Os últimos dois dias em Trindade foram surpreendentes e incríveis. Eduardo foi uma excelente companhia. Em alguns momentos, era como se fôssemos dois desconhecidos que estavam apenas vivendo o momento. Ríamos, aproveitávamos o sol, comíamos bastante besteira e não conversávamos sobre os nossos problemas, exceto uma conversa que tivemos, na qual contei para ele sobre processar a PM. Tive medo da reação dele, mas ele reagiu bem, e então seguimos a viagem.

Viajamos no dia seguinte pela tarde. Eu já tinha comprado minha passagem de volta, então Edu me deixou na rodoviária e foi seguindo o

ônibus. Quando chegamos ao Rio, ele me deixou em casa e foi embora.

É estranho, mas eu sentia falta dele. Da sua risada, do seu jeito de ver a vida. O Edu sempre foi muito diferente de mim nisso. Para ele, tudo era simples, tudo sempre tinha um lado bom. Ele tentava enxergar tudo de uma forma leve, por isso eu sempre disse que ele era uma eterna criança, pelo menos no coração. Ele não era o tipo de pessoa que guardava raiva, estava sempre tentando fazer os outros rirem, e possuía uma simplicidade que tocava nossa alma. Era ótimo em trocar de assunto quando o clima ficava pesado, e tinha uma música para cada momento.

Com o passar dos anos, isso não mudou. Seus olhos ainda têm aquele pontinho de pureza, e seu sorriso continua com ar de moleque. Lembro que eu me apaixonei pelo sorriso dele, antes de me apaixonar por ele.

Eu o conheci em uma festa da faculdade. Ele era amigo de alguém que estudava no meu campus, mas em um outro curso. Em algum momento da festa, alguém nos apresentou. Não nos largamos mais. Eu não conseguia sair de perto daquele cara que tentava contar piada para chamar minha

atenção e que sorria de um modo único e sincero. Nada aconteceu naquela noite, mas trocamos telefone. Algumas mensagens, um encontro depois, começamos a namorar e nunca mais nos desgradamos, até o Eduardo terminar comigo.

Eu conheci o melhor e o pior do amor com ele. Meus primeiros sorrisos de menina apaixonada foram para ele. As primeiras lágrimas de decepção, também. Por anos, eu guardei essa ferida em meu peito. O assunto intocado e proibido. Eu vivi, conheci outros amores, novas paixões, mas nada foi igual. Só que, com essa reaproximação, algo mudou. Eduardo havia arrancado um pedaço enorme do meu coração, talvez a melhor parte, e isso havia me modificado para sempre. Eu nunca mais consegui ser a mesma depois disso. Não até estar novamente ao seu lado e sentir que só ele podia reconstruir o pedaço que ele havia quebrado.

Eu fui para Trindade para espairer. Consegui, mas voltei com um problema ainda maior: talvez eu estivesse novamente apaixonada pelo Eduardo. Talvez fosse apenas a carência falando mais alto. Ou talvez eu estivesse enganada e devesse aceitar o que a minha amiga Léia já havia me avisado: o que eu sentia nunca morreu, apenas

adormeceu.

Eu amei o Marcelo, não tenho dúvida disso, e o amaria por toda minha vida, estivesse ele aqui ou não. Mas eram amores diferentes. Com o Marcelo, era um amor maduro, tranquilo e controlado. Era como um porto seguro em meio à tempestade.

Com o Eduardo, era como viver sempre no olho do furacão. Não havia calma, nem sossego, era tudo intenso e perturbador o tempo todo. E mesmo depois de sete anos, bastaram apenas alguns encontros para que o furacão surgisse novamente, devastando tudo por dentro.

Eu quero acreditar que é só uma confusão da minha cabeça. Que eu estou fragilizada, carente e que o Edu está preenchendo apenas um vazio na minha vida. Lá no fundo, eu quero me convencer disso, mas eu sei bem a verdade. Eu sei o motivo de eu acompanhar o noticiário e rezar para que não falem o nome dele toda vez que sai uma notícia de que um PM morreu. Eu sei o motivo de ter guardado o primeiro DVD que ele me deu e o anel que representava o nosso relacionamento. Eu sei o motivo de não tocar no nome dele, ou de não falar sobre o que aconteceu no nosso passado, mas acompanhar seu perfil em redes sociais, mesmo

antes de ele me adicionar. Parte de mim mantém uma pequena lembrança acesa.

Eu nunca esqueci o Eduardo, porque eu nunca deixei de amá-lo. Meu amor adormeceu com o tempo, com as mágoas e as feridas da vida. Mas, na primeira oportunidade, ele renasceu, como se fosse a primeira vez.

E isso é um grande problema. Havia apenas dois meses que meu noivo tinha sido assassinado, vem uma grande briga na justiça a caminho e todo o julgamento que isso trará. Eu não posso dar ouvidos ao meu coração, mas também não serei capaz de me afastar do Edu agora. Não tem apenas a ver com os meus sentimentos por ele. Eu fiz dele uma base para suportar o momento pelo qual eu estou passando, e ainda não me sinto pronta para fazer isso ruir. Eu tenho que apenas ser capaz de guardar tudo o que eu sinto. E isso será fácil, desde que eu não tenha que vê-lo. No mundo virtual, é possível disfarçar bem. E tê-lo assim, atrás de uma tela fria de um celular, como as conversas que acalentam as minhas noites, é o suficiente.

Eu quero acreditar que é. Só o tempo poderá dizer. A mim, só resta esperar e rezar para não enlouquecer.



Finalmente chegou o dia do meu exame no caratê. Os dias passaram voando desde a minha volta para o Rio de Janeiro. Minha situação com o Eduardo continua a mesma, entretanto, a cada dia estou mais convencida do que eu sinto. Continuamos amigos, cada dia mais próximos. Conversamos por horas, dividimos sonhos, segredos e banalidades. Não nos vimos mais desde a minha volta. E isso é um alívio. Eu tenho medo de escorregar em alguma palavra ou algum gesto e Eduardo perceber que eu estou apaixonada por ele.

O julgamento está marcado para pouco menos de dois meses. E eu decidi: depois de resolver a questão na justiça, eu terei uma conversa franca com o Edu. Não é justo esconder isso dele. Nunca precisamos mentir um para o outro. Não seria agora que eu começaria.

A ONG está arrumada e pronta para um grande evento, o exame de faixa dos mestres de primeiro Dan de todo Rio de Janeiro. Senseis muito importantes estão presentes na quadra, e eu estou

uma pilha de nervos. Algumas horas antes do evento, ocorreu um tiroteio na Maré e eu fiquei apreensiva, mas não tinha mais como cancelar o evento. Ainda bem que tudo se acalmou.

O evento transcorre de maneira tranquila e dentro do esperado. Em alguns minutos, será minha vez de me apresentar. Estou trocando de roupa. Quando vou guardar o celular na mochila, ele toca. Sorrio ao ver que é o Eduardo. Ele sumiu durante todo o dia, já estava sentindo falta dele. Atendo, contente por conseguir falar com ele antes de me apresentar:

— Oi, Edu!

— Mônica, você já se apresentou?

— Não, estou no vestiário, mas sou uma das próximas.

— Ah, que bom! Então vem aqui na porta do vestiário, quero desejar boa sorte — Fico muda com a sua última frase. Não acredito que ele teve coragem de vir até aqui. Saio do jeito que estou, ainda com o celular na mão, e o vejo de costas para o vestiário. Caminho até ele e paro nas suas costas:

— Eduardo... — Minha voz foi quase um sussurro.

— Achou que eu te deixaria sozinha nessa?

Nunca! Posso te dar um abraço?

— Claro! — Então ele me abraça, e todo meu nervosismo parece sumir ao mesmo tempo que seus braços me envolvem. De repente, eu me sinto segura, tranquila e pronta para enfrentar o que vier. É o efeito Eduardo na minha vida.

— Mônica, esse é o meu amigo, Ricardo, aquele chato de quem eu sempre falo mal para você — Ele apresenta o homem que está ao seu lado, que aperta minha mão e sorri bastante — Agora nós vamos sentar. Vai lá e arrasa. Escolheu o *Kata*?

— Sim, vou apresentar o *Bassai Dai*.

— Boa escolha! Vai lá e mostra do que a minha garota é capaz!

Não quero criar expectativas. Mas ele me chamou de “sua garota” e meu coração deu uma leve flutuada, rapidamente interrompida pelo som do cerimonial, que me chama para minha apresentação. Caminho com passos firmes, me posiciono no centro da quadra, e então eu o vejo. Nossos olhos se encontram e todo o resto some. Eu faço toda a minha apresentação olhando nos olhos do Eduardo, e em nenhum momento ele desvia o olhar. O resto do mundo não importa, só aquele cara ali na minha frente, me olhando como se eu

fosse a melhor carateca do mundo.

Quando termino a apresentação, estou ofegante, e não apenas pelo exercício físico. Nosso contato visual é finalmente quebrado e eu vou para o final da fila aguardar o resultado.

Cerca de uma hora depois, o evento acaba. Eu consegui o segundo Dan e tudo correu muito bem. Quando vou falar com o Eduardo, um intenso tiroteio começa, seguido de correria e muitos gritos. Ao longe, ouço algumas sirenes, e os barulhos de tiro estão cada vez mais perto. No meio da multidão, alguém agarra minha mão. Quando ia gritar, vejo que é o Edu, e logo atrás dele, seu amigo tem uma arma em mãos, como se pudesse nos proteger.

— Você está bem, Mônica?

— Sim, Edu, mas estou assustada. Não sei o que está acontecendo.

— É uma invasão da Polícia, mas eles foram recebidos à bala — Ricardo fala — A gente precisa sair daqui Edu, e tem de ser agora! Se algum *ganso* pegar a gente aqui dentro, a gente tá morto.

— Eu não vou deixar a Mônica.

— Eu vou com vocês. Eu conheço aqui e não posso deixar vocês se arriscarem. Depois eu pego

as minhas coisas.

— Tudo bem, moça. Então vamos. Edu, trouxe a sua arma?

— Já está comigo.

— Ótimo! Eu vou na frente. Coloca a Mônica no meio, e você faz a segurança atrás. O carro está um pouco longe. Vamos tentar chegar até lá, pois o tiroteio parece ser por aqui mesmo.

— Deve ser, sim, tem um ponto de drogas na esquina.

— Nosso carro está na direção contrária. Edu, só vamos atirar em último caso. Não podemos chamar a atenção pra gente.

Saímos, do jeito que Ricardo havia falado, em fila indiana, eu no meio dos dois. Como eu previ, o tiroteio parece acima de nós. Eu estou descalça, então, caminho com um pouco de dificuldade nas partes em que a calçada não colabora.

Caminhamos alguns minutos e o pior parece já ter passado. É quando um novo tiroteio começa, mais forte e intenso que o último. Corremos para um dos becos e nos escondemos ali. Mas quando Eduardo vai entrar, alguém segura no braço dele:

— Ei, quem é você e o que está fazendo

aqui? — O garoto devia ter uns 15 anos. Está armado e aponta a arma para o Edu. Se descobrir que ele é policial, ele será morto na minha frente.

— Calma, amigão — Ricardo me puxa para trás e se coloca ao lado do Eduardo — Só estávamos trabalhando no evento da ONG, estamos protegendo uma das professoras de lá.

— Vocês têm cara de policial, e aqui policial é recebido na bala — Ele termina de falar e atira. No meio de tudo isso, sinto um empurrão e ouço outro tiro, e ele sai correndo. Tudo vira um borrão.

Ouço um grito de dor, e depois eu mesma estou gritando, correndo para chegar perto do Edu, que está cheio de sangue. Eu já estou chorando quando toco nele. E então vejo que, em seus braços, está Ricardo, com um buraco na barriga do qual não para de sair sangue, e Eduardo grita para ele:

— Por que você fez isso? Por que você entrou na minha frente? Você não vai morrer, ouviu? Você não pode morrer!

Tiro a parte de cima do quimono e coloco na ferida, tentando estancar o sangue. Mas quando toco nele, eu percebo que é tarde demais. Acho que Eduardo também percebe, pois deixa seu corpo

PERIGOSAS NACIONAIS

escorregar até o chão e começa a gritar “não” repetidas vezes.

O barulho de tiros para, mas os gritos do Eduardo são muito mais perturbadores. Uma viatura chega ao beco em que estamos. Eu apenas me encolho no canto enquanto eles apontam a arma e gritam com Eduardo, que parece em transe, mas entrega alguma identificação para eles. Ao perceberem do que se trata, falam algo com Edu, e ele sai carregando o corpo ensanguentado de Ricardo para a viatura.

Eu fico ali, encolhida no canto, com o quimono sujo de sangue e aquela imagem terrível na minha mente: o melhor amigo do homem que eu amo morreu na nossa frente, nos braços dele, para nos proteger.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

*“Mesmo sabendo que um dia a vida acaba,
a gente nunca está preparado para perder
alguém”.*

Nicholas Sparks

Eduardo

Poucas coisas são tão incertas quanto a vida de um policial militar no Rio de Janeiro. Minha profissão não é valorizada, lutamos contra o sistema e contra os bandidos. Estamos despreparados, sem armas potentes e contando, muitas vezes, apenas com a sorte.

Em diversas situações eu me vi diante da morte. Aquela certeza de que aquele seria o meu último momento já me cercou por diversas vezes. Na maioria delas, o Ricardo estava comigo. Ele era o irmão que eu não tive. Desde que cheguei ao meu batalhão, ele esteve ao meu lado. Pouca coisa mais antigo na corporação do que eu, me ensinou muito, tanto na vida, quanto na polícia, e foi meu parceiro por todos esses anos. Várias vezes enfrentamos a

morte juntos e saímos ilesos. Funcionamos como uma boa dupla, e, por isso, sempre nos mantiveram juntos.

Nossa parceria ia além do corporativismo militar. Viramos irmãos de vida. O Ricardo não tinha família no Rio. Ele saiu da Bahia e veio tentar a sorte aqui. Depois de dois anos trabalhando em empregos que só o sugavam e não traziam retorno ou estabilidade, resolveu fazer a prova da PM. Passou na terceira tentativa. Desde então, fez disso sua vida. Todo dinheiro que sobrava, mandava para sua mãe e dois irmãos mais novos. Seu sonho era que eles aceitassem vir morar com ele. Por sermos os dois sozinhos, já que meus pais moram em Resende, acabamos nos aproximando fora do trabalho também. Os feriados e festas de fim de ano que conseguíamos folga, passávamos juntos ou com meus pais. Duas vezes por ano, ele visitava sua família, e, por umas três vezes, eu fui com ele. Não éramos irmãos de sangue. A vida havia nos tornado irmãos.

Por isso, era tão doloroso carregar seu corpo banhado de sangue em meus braços. Um tiro de fuzil no abdômen, na minha frente, e eu não pude fazer nada para impedir. Não foi em uma operação,

nem em um assalto, mas em um momento que era para ser feliz. Um momento em que eu fiz com que ele estivesse presente.

O pior disso tudo? O tiro era para mim. Quando entramos no beco e o garoto agarrou meu braço, achei que ele estava pedindo ajuda. Então eu vi o fuzil. Sabia que não ia acabar bem. Meu primeiro pensamento foi para a Mônica, por isso a cobri com o meu corpo. Em segundos, o Ricardo já estava ao meu lado, dando cobertura e empurrando-a ainda mais para trás. Quando ele disse que tínhamos cara de policiais, eu sabia que ele ia atirar. Mas antes que eu pudesse agir, ele atirou. Só senti o empurrão e ouvi o tiro que Ricardo disparou. Quando voltei a me equilibrar, eu o vi caído no chão, com o sangue jorrando do seu corpo como uma cachoeira. Parecia um pesadelo, mas era real. O tempo corria contra a gente e eu não podia deixá-lo morrer. Ao segurá-lo, ele apenas me olhou, tentou sorrir e disse:

— Mantenha-se vivo e feliz.

Eu sabia que, ali, eu tinha perdido o meu melhor amigo, mas eu não queria aceitar. Eu não podia parar de lutar. Vi quando a Mônica tentou estancar o sangue com o quimono, mas não

conseguia prestar atenção em nada. Eu precisava que ele reagisse e aguentasse só mais um pouco. Uma viatura chegou e, depois de alguns gritos, consegui nos identificar. Sem pensar duas vezes, entramos no veículo e corremos em busca de um hospital.

O sangue não parou de escorrer um só momento, e eu sabia que, assim como o sangue escorria, sua vida também escorregava por entre os meus dedos. Chegamos ao hospital, e eu entrei como um louco, correndo e procurando por um médico. Os outros policiais vieram atrás, e acho que, se tentassem nos deter, eu puxaria minha arma e ameaçaria alguém até que socorressem o Ricardo. Alguns minutos depois, apareceu uma maca e o levaram.

Uma hora e quinze minutos. Esse foi o tempo exato que levou para o médico voltar. Ele não precisou falar nada. Eu sabia que ele tinha morrido. Levantei sem falar com ninguém e saí sem destino, todo sujo de sangue e com um ódio infinito crescendo dentro de mim. Consegui pegar um Uber, que ficou visivelmente com medo pelo meu estado, e só manteve a viagem quando me identifiquei como policial. Fui direto para a casa da

PERIGOSAS NACIONAIS

Mônica. Ainda demorou cerca de trinta minutos até que ela chegasse e me encontrasse sentado na calçada, todo sujo e com a minha arma na mão.



- Eduardo, o que houve?
- O que você acha que aconteceu? Aquele desgraçado matou meu amigo.
- Eu sinto muito... Eu nem sei o que dizer.
- Você o conhece?
- Quem?
- O moleque infeliz que atirou no Ricardo.
- Ele é menor, Edu. Deixa, que a justiça resolve isso.
- Você vai protegê-lo? Ele parecia saber muito bem o que estava fazendo quando puxou o gatilho. Se não fosse o Ricardo, seria eu no lugar dele, ou você. Eles não respeitam ninguém, você não entende? Se você não quiser me contar, ótimo, mas eu vou entrar naquela favela. E nem que eu tenha que percorrer todas as ruas e becos daquele lugar, eu vou achar aquele moleque. E quando eu achar, eu não vou ter pena.

PERIGOSAS ACHERON

— E você vai virar um assassino como ele? É isso que você quer para a sua vida?

— Você não entende, não é? Só esse ano são mais de cem policiais mortos. CEM! Não tem passeata quando um de nós morre, nem camisa ou uma grande campanha dos Direitos Humanos. Tem uma família que chora, os amigos que ficam e um enterro com honras militares. E só. E quando sai alguma notícia, é apenas para informar que mais um policial morreu. Como se a nossa vida não tivesse o mesmo valor que a dos outros! Aposto que, se fosse o contrário, e o Ricardo tivesse matado o infeliz, tinha até TV no meio para defender o inocente!

— Se acalma, Eduardo! Olha o seu estado, você não vai resolver nada assim.

— Me acalmar? Olha esse sangue aqui! — Puxo a camisa para que ela veja — É o sangue do meu melhor amigo, que deu a vida para nos proteger. Proteger nós dois, sabe por quê? — Ela faz que não com a cabeça — Porque ele me amava e sabia que eu amo você, e que eu não ia aguentar te perder. Ele morreu para que a gente ficasse vivo! — Eu termino de falar aos gritos. Mônica me olha espantada. No auge do meu nervosismo, eu acabei

confessando o que eu sentia. Não era hora para isso, mas agora não dava mais para voltar atrás.

Por alguns minutos, só existe o silêncio entre nós. O barulho de nossas respirações é o único que corta o ambiente. Eu estou trêmulo, sujo de sangue. Seguro a minha arma com força, como se minha vida dependesse disso. Mônica está de cabeça baixa, encarando o chão. Não tenho forças para me aproximar, minha única vontade é gritar e sair atrás do responsável pela morte do Ricardo. Nem o amor que sinto pela Mônica fala mais alto nesse momento. Tudo em mim só grita raiva e vingança.

— Eu sinto muito pela vida do seu amigo, de verdade. Eu sei como é perder alguém de forma trágica, você sabe disso. Mas matar quem fez isso não vai trazer seu amigo de volta, só vai te tornar tão assassino quanto ele. Você não é assim, só está com raiva. E tem todo o direito de ficar, mas não deixe que a raiva decida quem você é e destrua tudo que você já construiu. Você é maior que a dor e raiva, Eduardo. Não deixe que ela te cegue. Eu perdi o Marcelo, você perdeu o Ricardo, acho que já foram perdas demais. Se você for lá, do jeito que você está, vai ser o cento e um na lista de mortos. É isso que você quer? Você quer quebrar o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

coração de novo? Se você tiver absoluta certeza do que quer fazer, vai lá, corra atrás do garoto e mate. Eu só te digo uma coisa: eu vou estar ao seu lado para te ajudar a superar isso, mas se você escolher pelo caminho da vingança, saiba que vai estar sozinho. Eu vou sofrer muito longe de você, mas jamais ficaria ao lado de um assassino — Ela termina de falar aos prantos, vira-se e entra em casa. Eu fico ali parado, absorto diante de suas palavras.

Eu já era um assassino, de qualquer forma. Portanto, ela já não ficaria ao meu lado de qualquer jeito.

O que eu poderia perder, agora que não tinha mais nada?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

*“Afinal de contas, o amor sempre diz mais
sobre
quem o sente do que sobre a pessoa amada”.*
Nicholas Sparks

Mônica

Eu sempre achei que o pesadelo era apenas um sonho ruim. Que não era algo tangível, que pudesse alcançar a realidade. Entretanto, a vida vem tentando me provar que, muitas vezes, a realidade pode ser o pesadelo do mundo dos sonhos. Primeiro, com o Marcelo. Agora, com o amigo do Eduardo. Ainda estava em choque, enquanto caminhava de volta à ONG, com um quimono banhado de sangue, descalça e completamente perdida. Tudo ainda estava um caos. Eu andava no piloto automático, e foi assim que eu peguei minhas coisas, falei com algumas pessoas e fui para casa. No percurso de volta, só conseguia pensar no Eduardo e em como tudo poderia estar no momento.

Porém, nenhum dos meus pensamentos me preparou para o que vi: Eduardo, sentado no chão da minha calçada, todo sujo de sangue e com uma arma na mão. O medo e o choque bateram forte em mim. Ainda mais depois de nossa conversa. Nunca tinha visto o Edu com tanta raiva, e eu tinha medo do que ele poderia fazer. Apesar de toda essa confusão, sua resposta me deixou alegre e preocupada ao mesmo tempo.

Ele ainda me ama.

Eu controlo a emoção da descoberta, buscando ser o mais racional possível. Tento, com minhas palavras, trazer um pouco de calma, para evitar que o Edu cometa algum erro que pode custar sua vida. Ao terminar meu breve discurso, não consigo mais me controlar e caio no choro, correndo para a minha casa. Olho pela janela e percebo que ele ainda fica um tempo parado, olhando para o chão, espero que pensando no que fazer.

Eu observo de longe, esperando que ele pense melhor e vá para casa. Ou apenas caminhe até a minha porta e peça para entrar. Apesar de não estar bem, eu não me importaria de guardar minha dor para cuidar dele. Nesse momento, tudo que eu

queria era que ele pudesse ficar minimamente bem. No entanto, depois de algum tempo parado, ele olha para minha casa, vira-se e sai caminhando arrasado pela minha rua. Quanto a mim, só cabe acreditar que ele ainda é o Eduardo de sempre, e não vai perder a cabeça e correr atrás de justiça com as próprias mãos.

Horas passam e eu não consigo descansar. Deitada no sofá da sala, depois de um banho que não me relaxou nada e de conversar por quase uma hora com minha amiga Léia, que graças a Deus não pôde ir à ONG hoje, olho o celular pela milésima vez. Nenhuma mensagem ou ligação do Eduardo. E eu sou covarde demais para tentar falar com ele. A espera está me levando à loucura, resolvo ligar a TV em busca de algo que me ajude a passar o tempo.

Assim que ligo, a notícia que aparece me derruba ainda mais: alguém conseguiu gravar a hora em que o Eduardo entrou no hospital com o Ricardo nos braços, coberto de sangue. A cena é desesperadora. Meu coração é esmagado pela dor que ela me traz e por ver o Edu naquela situação. Sem pensar mais, disco o número dele, mas só chama até cair na caixa postal. Meu coração aperta

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda mais, e eu não desisto de ligar. Na sétima tentativa, ele atende:

— Eduardo, pelo amor de Deus! Diz que você tá bem e em casa!

— Eu não estou bem, nem devo ficar tão cedo, Mônica. Mas estou em casa — Sua voz sai sem emoção nenhuma.

— Pelo menos você está seguro em casa. Eu estava com medo e...

Ele interrompe minha fala e diz, ainda com uma voz fria e distante:

— Eu não quero ser grosso, mas não quero conversar com ninguém agora, Mônica. Eu preciso de um tempo sozinho. Espero que você entenda. É muita coisa para digerir, e eu ainda tenho que organizar tudo para o enterro do Ricardo. Desculpa, mas hoje não dá.

— Tudo bem, Edu. Se precisar de algo, eu estou aqui.

— Obrigado.

A ligação é encerrada, mas não a minha preocupação. Não sei por quanto tempo o Eduardo ficará na dele ou o que ele é capaz de fazer para abrandar a tristeza.

PERIGOSAS ACHERON



Dois dias passam, sem notícias. Eduardo não mandou sequer bom dia ou boa noite. Eu, mesmo me remoendo de curiosidade e nervosismo, respeitei sua decisão. Se ele queria ficar sozinho, eu esperaria. Talvez nós dois precisássemos disso. Na noite passada, vi uma rápida notícia no jornal, informando que o PM morto no confronto entre policiais e bandidos na Maré seria enterrado hoje, no cemitério Jardim da Saudade.

Pela manhã, avisei que não iria à ONG e resolvi ir ao enterro. Talvez o Eduardo precisasse de mim nesse momento.

Me arrumo e vou, com o coração disparado de medo, pensando em qual será sua reação.

Chego e o vejo de longe, fardado, ao lado do caixão. Acompanho o cortejo e as honras militares. Nenhuma lágrima cai dos olhos de Eduardo. Ele também não sai de perto do caixão nem por um segundo. Na hora do enterro, ele coloca a bandeira do Flamengo por cima da que já estava no caixão, e essa é a única vez que uma sombra de emoção passa pelos seus olhos.

Ao término de tudo, todos vão embora, mas ele fica parado em frente à cova do amigo. É quando eu resolvo me aproximar, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Percebo que ele conversa com a cova, como se falasse com o amigo:

— Não foi em vão, cara. Eu te prometo. Vou fazer o que você pediu e...

Nesse momento, eu acabo escorregando e caio perto de Eduardo, que, com muito custo, consegue me segurar.

— Desculpa, eu não queria atrapalhar — Falo completamente sem graça.

— Não atrapalha, mas estou surpreso em te ver aqui.

— Eu disse que estaria ao seu lado. Devia me dar um pouco mais de crédito.

— Sim, mas eu sumi e não dei nenhuma explicação.

— Eu conheço você e sua mania de sofrer e resolver tudo sozinho, Eduardo. Como está tudo?

— Uma grande merda. Um representante dos Direitos Humanos até chegou a me procurar, mas não pode fazer muita coisa. O garoto é menor, o Ricardo estava à paisana. A família dele não é do

PERIGOSAS NACIONAIS

Rio. A mãe não conseguiu vir se despedir do filho. Ficou muito abalada e passou mal, pediu que eu cuidasse de tudo e apenas mandasse as coisas dele para ela. Parece que a justiça aqui no Brasil só funciona para quem não anda ao lado dela.

— Eu imagino o que você deve estar passando, Edu.

— Não, Mônica, você não imagina. O Ricardo era policial. Honesto, dedicado e trabalhador. Só isso. Não houve comoção, camisas ou passeatas pedindo paz. Não houve nem *fake news*, pois ele não foi citado em nenhum post do *Facebook*. Não enquanto pessoa, apenas com o “*morre mais um policial*”. Tratam a gente como lixo, mas é a gente que arrisca, todo dia, a nossa vida para proteger vocês. Estão nos assassinando, e ninguém parece se importar. Eu nem posso dizer que queria Direitos Humanos para humanos direitos, pois o Ricardo era uma pessoa direita, e cadê os direitos dele? Somos reduzidos a nada quando escolhemos ser policiais. E muito mal somos lembrados quando mortos... Mas se a gente cometer um erro, um único erro, aí sim todo mundo lembra que a gente existe. Não somos os vilões, mas também não nos deixam ser os mocinhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua raiva ainda não passou, né?

— Nem vai. Infelizmente, eu não gravei o rosto do responsável por isso. O que me consola é saber que gente da laia dele não dura muito. Pena que não serei eu a resolver isso.

— Eu não acredito que você está falando essas coisas. Nem parece você!

— Mas sou eu, Mônica. Esse é o Eduardo, policial, um cara que acredita no que é certo, e por isso faz o que for necessário para punir e acabar com o que está errado.

— Isso significa até matar?

— Se necessário, sim. Essa é a minha profissão, Mônica. Desculpa se eu não sou perfeito, mas, como você pode ver, se eu não matar, posso ser o próximo a morrer.

— Acho que eu não devia ter vindo.

— Bom, eu fico feliz que tenha vindo, de verdade, mas não vou falar coisas bonitas apenas para te agradar. Esse sou eu. Com todos os meus defeitos e qualidades. Ninguém especial, nenhum super-herói, apenas humano.

— Eu vim apenas ver se você está bem. Agora que já vi, acho melhor ir embora. Até qualquer dia, Eduardo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

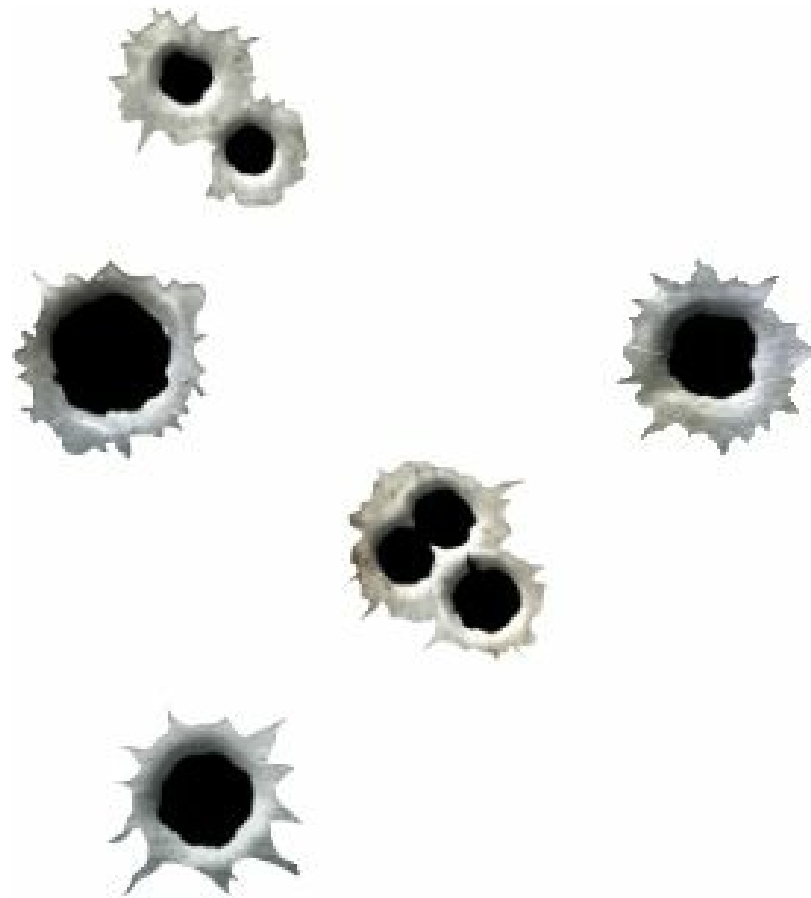
— Calma, Mônica, a gente precisa conversar.
— Sim, mas agora sou eu quem precisa de um tempo.

Não dou oportunidade para que ele volte a falar, apenas me viro e saio dali, mais rápido do que cheguei. Eu entendo a raiva dele, mas sinto medo de suas palavras e em que ele possa ter se transformado. Talvez eu não conheça mais o Eduardo. Talvez eu estivesse apaixonada pelas minhas lembranças e por uma pessoa que existe somente na minha mente.

E se ele não for nada daquilo que eu penso, tudo que me resta é ficar longe, por mais que isso possa doer. Algumas coisas são tão imperdoáveis, que nem o amor pode superá-las. E o Eduardo está caminhando para elas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

*“Eu tenho morrido todos os dias esperando
por você*

*Querida, não tenha medo,
Eu tenho te amado por mil anos
Eu vou te amar por mais mil”.*
A thousand years - Christina Perri

Eduardo

Os dois últimos dias passaram nublados. Como se o tempo voasse, mas eu não conseguisse acompanhar. Várias pessoas me procuraram, tive muita coisa para resolver, e fiz tudo como um robô, de forma automática, sem muito tempo para pensar em nada. Quando chegava em casa, eu apenas me isolava.

Encontrar com a Mônica não estava nos planos. Eu havia decidido me afastar dela até o julgamento. Ambos precisávamos disso. Só que ela resolveu aparecer antes, e eu tive de ser rude. Aquele dia tinha tudo para se tornar um dos piores da vida. Além do enterro, recebi a data do

juízo: seria em quarenta e cinco dias. Minha vida estava uma droga, e tudo que eu queria era um pouco de paz e tranquilidade.

Devido ao vídeo que viralizou comigo carregando o corpo do Ricardo, fui encaminhado para acompanhamento psicológico. A consulta seria somente na próxima semana, mas meu superior já havia me informado que eu seria afastado de todas as minhas atividades por um tempo, até reestabelecer minha saúde emocional. Não tiro a razão dele. Do jeito que eu estava, era capaz de estourar a cabeça de quem me tirasse do sério.

Nunca fui um cara violento, mas a sede de vingança estava me dominando. A sensação de impunidade estava me matando aos poucos. E depois de assistir todo o circo que foi o enterro do Ricardo, eu estava no limite. Honras militares pós-morte não resolvem nada.

Depois da desastrosa conversa com a Mônica, eu ainda fiquei um tempo ali no cemitério, junto à cova do Ricardo. Era difícil acreditar que aquele era um adeus definitivo. Algum tempo depois, eu finalmente resolvi ir para casa. Não havia mais nada que eu pudesse fazer, a não ser

aceitar e tentar seguir em frente.



Já haviam passado mais de quinze dias do enterro do Ricardo. Eu fui a duas consultas com a psicóloga e, por incrível que pareça, estava surtindo efeito. Eu ainda não consegui me livrar da culpa, acho que nunca conseguirei, mas a raiva está diminuindo aos poucos. É um trabalho gradual, mas estou disposto a seguir. Permaneço afastado das minhas atividades, inclusive as internas, mas estou aprendendo a lidar com isso.

Desde o enterro do Ricardo, eu não falo com a Mônica. Dói pra cacete, mas o que são dias para quem havia passado anos sem nem um “oi”? Eu preciso disso, ela também. Deixar as coisas esfriarem, esquecer um pouco as tragédias. Às vezes, eu penso que o nosso tempo já passou. Que esse amor pode até continuar existindo, mas nunca vai ser revivido.

Os dias passam iguais, como uma gangorra: eu oscilo entre bons e maus momentos. Eu vivo de respirar saudade: da minha vida, do Ricardo, da

Mônica. Mas a vida não para até que você esteja pronto para recomeçar. Você tem que seguir, inteiro ou não, ou é arrastado pelas possibilidades. Cada dia é um novo desafio, mas eu sigo lutando. Apesar de tudo, eu não posso desistir.

Já havia conversado com a Corregedoria e com o advogado, que está otimista. Eu já não ligo mais tanto. Estou convencido a encarar o que vier. Além disso, eu perdi minha única e melhor testemunha: o Ricardo. Agora terei que confiar no meu advogado e no bom senso do juiz. Até o momento, o que me alivia é que não foi feita nenhuma referência com o Marcelo e o meu passado com a Mônica. Sem essa ligação, minhas chances são maiores. Provavelmente ficarei afastado do trabalho em campo por alguns meses. Se isso for descoberto e o advogado de acusação tomar ciência... Aí sim eu posso ter problemas, como ser exonerado e julgado por homicídio doloso.

Estou arrumando algumas coisas em casa, quando meu telefone toca. É a mãe do Ricardo. Atendo imediatamente e ela diz que enviou uma carta para mim, que tinha achado no meio das coisas do Ricardo. Ela não sabe do que se trata,

pois não abriu o envelope. Eu agradeço e espero.

Três dias depois, a carta chega a minha casa:

“Eduardo,

Se um dia essa carta chegar às suas mãos, significa que eu estou nas mãos de Deus. Espero que eu tenha morrido como herói e não tenha tido uma morte idiota. Eu sou o cara e mereço mais, até na hora de morrer.

Não quero saber de você chorando minha falta. Eu estou bem, tenha certeza disso. Mas vamos ao que interesse, estou te escrevendo para deixar algumas instruções:

** Mantenha contato com a minha mãe. Ela te ama como um filho, e não quero deixá-la sozinha no mundo. Confira se ela vai pegar o seguro e tudo mais que tiver direito. Oriente e ajude no que for preciso. Ela se faz de forte, mas é uma manteiga;*

** Siga firme no seu plano de carreira. Em todos os meus anos de polícia, poucas vezes vi um policial tão honrado e dedicado. Você merece chegar ao topo, e depende muito mais de você do que de qualquer outra pessoa;*

** Não se corrompa, nunca, por nada, nem por ninguém. Não deixe que a raiva ou a*

frustração apaguem o cara que você é;

** Eu tive de reescrever essa parte, pois eu tinha essa carta pronta desde o nosso terceiro ano trabalhando juntos. A primeira carta, escrevi logo que voltamos da viagem em que você conheceu minha família. Ali eu soube que poderia sempre contar com você. Somos irmãos, cara. E por isso eu te falo: corre atrás da mulher que você ama. Por anos, eu vi você amar à distância. Por mais que você fugisse, negasse e até tentasse esquecer esse amor, ele nunca saiu de você. Ainda me lembro da única vez que você contou sua história com ela. Cara, você tem todos os pneus arriados por essa mulher. Não desperdice essa chance! Você não vai ter outra! Anos atrás, você escolheu a sua carreira. Agora é hora de escolher o amor da sua vida. Esquece o que separa vocês, pensa só em tudo que os une. Um amor como esse não acaba assim.*

Enfim, eu só queria te agradecer. Foi uma honra dividir essa vida com você.

Mantenha-se vivo e seja feliz. Um dia eu volto para te buscar.

*Do seu irmão,
Ricardo”.*

Termino a carta com o rosto banhado pelas lágrimas. Saudade, dor, revolta e culpa se misturam nos sentimentos que afloram sem controle. Mesmo de longe, Ricardo ainda é o amigo que cuida de mim, o irmão capaz de dar a vida para me salvar.

Levanto, lavo o rosto e tomo uma importante decisão: é hora de lutar de verdade pela Mônica. É hora de agarrar a minha segunda chance.



Demoro alguns dias até conseguir colocar todo meu plano em ação. Eu planejei uma declaração perfeita. Preciso mostrar para a Mônica o quanto eu a amo e o quanto ela é importante para mim. Só espero que ela aceite o meu convite, afinal, já faz quase um mês sem nos falarmos.

Verifico mais uma vez se tenho tudo o que preciso e então mando uma mensagem logo pela manhã para ela:

“Acho que precisamos conversar. Pode ser hoje?”

Fico olhando o celular a cada dois segundos, e nada de resposta. Eu já estou desanimado, pensando que não vai dar certo. Três horas e vinte e dois minutos depois, ela responde. Apenas um “sim”, mas é tudo o que eu preciso nesse momento. Informo que um Uber vai buscá-la às 20 horas. Passo a placa e o nome do motorista, que é um amigo meu, e ela apenas confirma com um “ok”. Deixo o telefone de lado e vou terminar de arrumar a casa. Hoje é tudo ou nada.

Às 19:30h, tudo já está arrumado. Da entrada até a sala, fiz um caminho de velas que acaba bem no centro da sala, onde eu estarei esperando por ela com um buquê de flores azuis, as suas favoritas. Para não ter o risco de esquecer, anotei tudo que eu preciso falar. O Uber me avisará quando estiverem por perto, e eu ligarei para ela, pedindo para que ela entre direto. Preparei uma música para tocar enquanto ela caminha até mim. Tinha que ser perfeito e especial.

Quase uma hora e meia depois, chega a mensagem do Uber. Eu ligo para ela e digo:

“A porta está aberta. Entre com cuidado. Tenho uma surpresa”.

São os oito minutos mais longos da minha

PERIGOSAS NACIONAIS

vida. De repente a porta abre, e eu vou ao céu e volto com a expectativa. Assim que ela fecha a porta, coloco a música para tocar:

*Heart beats fast
Colors and promises
How to be brave?
How can I love when I'm afraid to fall?
But watching you stand alone
All of my doubt suddenly goes away somehow
One step closer*

Ela para e olha em volta, confusa. Seu olhar encontra o meu, e eu tenho vontade de chorar. Por mim, por ela, por tudo. Esse é o momento que eu esperei por sete anos. Sem conseguir falar muito, apenas suspiro um “vem” e estico a mão direita. Timidamente, ela caminha por entre as velas, enquanto a música toca, dizendo tudo o que eu mais queria. Começo a chorar. Sou um bobo, mas eu amo essa mulher com tudo o que eu tenho.

Ela parece conhecer a música também, pois dá uma parada sutil para acompanhar a letra. A cada passo que ela dá, meu coração saltita em meu peito. É amor, saudade, medo e muita emoção.

PERIGOSAS ACHERON

*I have died everyday waiting for you
Darling, don't be afraid, I have loved you
For a thousand years
I'll love you for a thousand more
And all along I believed I would find you
Time has brought your heart to me
I have loved you for a thousand years
I'll love you for a thousand more*

Quando a música acaba, ela está na minha frente, com os olhos arregalados e o rosto corado, em uma mistura perfeita de emoção e vergonha. E ali eu percebo que eu a afeto tanto quanto ela me afeta. Entrego o buquê, dou um beijo em sua testa, pego meu rascunho, respiro fundo e começo a falar:

— Mônica, sete anos nos separaram. Uma vida inteira, como você disse uma vez. Em todos esses anos, eu nunca deixei de te amar, nem por um dia, nem por um segundo. Posso ter tido outros corpos, mas meu coração, esse sempre foi seu. Todas as vezes em que estive diante da morte, era o seu rosto que eu via. Meu último pensamento era seu. Eu esperei muito por esse momento. Por sete anos, todos os dias, eu rezava para que a vida me

desse uma segunda chance. E agora ela está acontecendo. Eu não sou perfeito, nem sou o mesmo Eduardo que você conheceu. Provavelmente, eu vou te decepcionar muito, mas de uma coisa você pode ter certeza: o amor que eu sinto é real, verdadeiro e nada pode apagá-lo. Ficamos sete anos longe, e tudo que eu fiz foi sobreviver, respirando saudade, pois tudo que eu fazia era me lembrar de você. Eu fiz uma escolha errada no passado, mas não posso dizer que me arrependo dela, pois hoje eu tenho algo para te oferecer além do meu amor, não sou apenas um cara cheio de sonhos. Eu não sei o que você sente por mim, se é que você sente algo, mas eu quero te pedir para que possamos recomeçar. Ninguém disse que seria fácil, mas também ninguém disse que seria tão difícil. Apesar de tudo, eu acho que é uma pena estarmos separados. Eu quero te pedir uma chance. Sei que pode parecer loucura diante de tudo que aconteceu em nossas vidas nos últimos meses, mas quem irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração? Ou quem irá dizer que não existe razão? Eu te amo, Mônica. E eu não quero apenas que você volte para mim. Não quero simplesmente recomeçar de onde a gente parou. Eu

quero escrever uma nova história. Como se fosse a primeira vez. Você aceita?

Ela olha para as flores, para a sala arrumada, e finalmente me olha. Seus olhos estão marejados, mas brilhando. Ela fica um tempo assim, me olhando. Então ela coloca o buquê no sofá e mexe na bolsa, como se procurasse algo. Ela tira um anel de dentro da bolsa e me entrega. Quando eu o pego, vejo que é o anel que eu dei para ela anos atrás, dizendo que era o símbolo do nosso relacionamento. Enquanto ela estivesse com ele, eu sempre estaria com ela, e um dia eu o trocaria por uma aliança na mão esquerda. Eu olho para o anel na palma da minha mão e olho para ela, que sorri e me diz:

— Eu achei que tinha esquecido você, mas o meu coração nunca te esqueceu. Um amor como o nosso, deixa marcas profundas que não podem ser apagadas. São mais do que apenas lembranças. Nosso amor tem raízes, profundas e fortes. A gente pode cortar o galho, mas não pode arrancar a raiz. Eu te amo, Eduardo, e eu quero uma nova chance com você.

Eu fico sem saber como agir. Por anos, eu sonhei com esse momento, mas nunca imaginei que

ele pudesse ser tão maravilhoso. Permaneço imóvel, olhando do anel para Mônica, sem saber ao certo o que fazer. Então ela estende a mão direita, e eu recoloco o anel no seu dedo, de onde ele nunca deveria ter saído.

— Você não vai me beijar? — Ela indaga com doçura.

— Claro!

Eu nem sei por que respondo! Dou um passo à frente e toco toda a extensão do seu braço, ombro, rosto, como que para comprovar que esse momento é real e eu não estou sonhando. Toco em seus lábios e ela fecha os olhos. Com uma calma que eu nem sabia que tinha, me aproximo. Primeiro, beijo sua testa, depois sua bochecha, e então chego a sua boca. Dou um beijo leve. Tudo em volta desaparece. É como voltar ao tempo, como se nenhuma dor existisse e todo o meu mundo estivesse ali. Aprofundo o beijo e ela me corresponde, e eu experimento pisar no paraíso por alguns segundos. Quando o beijo termina com os dois sem fôlego, nos encaramos e sorrimos.

— Usar algumas das minhas músicas favoritas contra mim não vale, Eduardo! Você usou “*The Scientist*” e “*Eduardo e Mônica*” na sua

declaração!

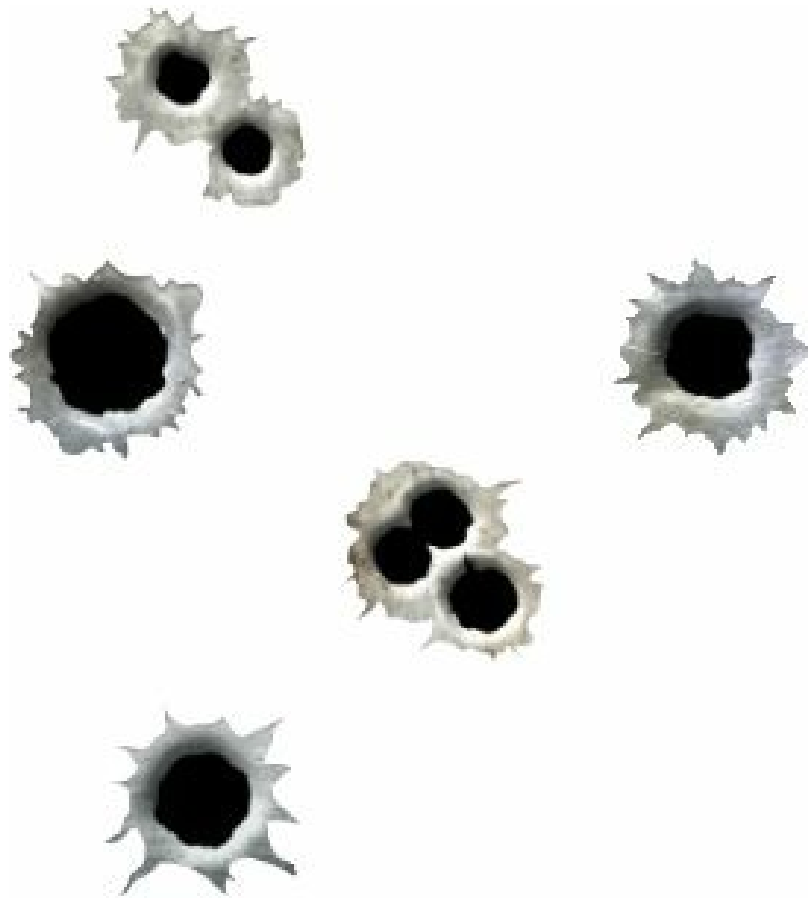
— Uma jogada de mestre, você tem que admitir.

— Só faltou Maurício Manieri.

— Quem disse? Guardei o melhor para o final — Aperto o play, e a voz de Maurício Manieri, cantando “*Pôr do sol*”, invade a sala. Chamo Mônica para dançar, e ficamos os dois ali, rindo e revivendo o nosso amor.

A vida pode, sim, ser maravilhosa. Eu finalmente consegui a minha segunda chance.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

*“Gastei todas as minhas mentiras na
paixão.
Gastei todas as minhas verdades no amor.
O que sobrou sou eu”.
Fabrício Carpinejar*

Mônica

Eu estava vivendo um sonho, era a única explicação. Depois de vivenciar o inferno nos últimos meses, eu agora estava diante de uma das mais lindas declarações de amor que já vi, e não era coisa de filme ou livro. Era real. Era para mim. E era do amor da minha vida.

Foi uma noite inesperada e maravilhosa. Confesso que pensei muito em não ir. Como ele podia sumir por quase um mês e depois simplesmente aparecer querendo conversar? Apesar disso, engoli o meu orgulho e fui. Já tínhamos passado sete anos separados por conta de escolhas ruins e orgulho. A vida havia me ensinado nos últimos meses que o tempo é uma coisa muito

volátil. Hoje você tem, amanhã você pode não ter. Por isso, apesar da raiva que eu estava sentindo, eu me permiti. E foi a minha melhor escolha.

Os dias seguintes foram repletos de amor e calma. Dentro de mim, eu sabia que algo havia mudado. Eu sempre soube que o Edu havia deixado um buraco no meu peito, e que isso nunca poderia ser consertado. Não até estar novamente em seus braços e sentir que só ele podia reconstruir o pedaço que ele havia quebrado.

Vivíamos em uma bolha de paz e felicidade, mas, ainda assim, algo me incomodava. O Edu queria expor nossa felicidade e relação sem medo, mas eu queria ser cautelosa. Não queria que ninguém soubesse por enquanto. Eu queria contar pessoalmente para a mãe do Marcelo sobre o meu relacionamento, não queria que houvesse fofocas ou especulações. Sabia que as pessoas falariam, mas eu devia uma justificativa para a família dele, pois era tudo muito recente.

Além disso, eu não deixava que o Edu me buscasse na ONG, nem muito perto dela. Por mais que ele dissesse que não tinha problema, eu sabia o quanto era perigoso. Eu não falava isso para ele, mas tinha medo quando saíamos e ele levava a

PERIGOSAS NACIONAIS

arma, mesmo a deixando escondida. Meu medo de assalto triplicou, pois agora temia pelas nossas vidas, pois se algum bandido descobrisse que ele era policial, não haveria chance de escapar.

Todos os medos que eu tinha no passado e que ajudaram na nossa separação começaram a me rondar. Eu só ficava um pouco mais tranquila por ele estar afastado das atividades externas, mas ficava com uma pulga atrás da orelha por ele não querer me contar o motivo.

Era como recomeçar. Como se a vida tivesse dado uma segunda chance, e era inacreditável ver que o tempo não foi capaz de apagar nosso amor. Meu coração ainda batia descompassado quando ele estava ao meu lado, seu toque ainda me deixava desconcertada e eu sorria como uma garotinha apaixonada quando o via. Era como se o tempo não tivesse passado, como se nunca tivéssemos nos separado.

Éramos como uma cola uma para o outro, juntando os cacos que a vida tinha deixado. Juntos, conseguíamos ser fortes e vencer nossas dores. Nada acontece no tempo errado. Eu e Eduardo estávamos vivendo isso. Era como ter uma recompensa depois de todas as dores.

PERIGOSAS ACHERON

Em breve, viria o primeiro julgamento sobre o caso do Marcelo. Apesar de passados quase seis meses depois da morte dele, ainda era rápido para a realidade da justiça. Só estava funcionando dessa forma pela influência que o Marcelo tinha na comunidade, o que fez com que a mídia caísse em cima do Estado por uma resposta. Houve políticos entrando na jogada, a ONG nunca foi tão visitada. Transformaram a morte do Marcelo em um palanque eleitoral, e todos queriam posar de bons samaritanos e faziam uma lista infindável de promessas. Por inúmeras vezes, me procuraram. Partidos que nunca tiveram interesse em nada relacionado à ONG, nem à Maré, e agora diziam estar a favor do povo em busca de justiça.

Eu apenas me esquivava e deixava tudo para Diogo resolver, mas todos os jornais me citavam como “*a viúva do Marcelo da Maré*” ou “*a herdeira de uma das maiores ONGs do Rio de Janeiro*”. Esse era um outro motivo que me levava a evitar expor minha relação com o Eduardo. Eu tinha aceitado assumir a ONG logo após o julgamento, e um escândalo agora era tudo que eu não precisava.

Apesar dos pesares, seguíamos felizes e cada

PERIGOSAS NACIONAIS

vez mais unidos. Pode parecer loucura, mas eu achava que nada ia nos separar. Dessa vez, poderíamos viver nosso amor plena e intensamente.



E nesse ritmo de paz, amor e falsa calma, chegamos à véspera do julgamento. Há pouco dias, Eduardo recebeu alta e estava apto a voltar aos serviços internos. Seus plantões caíam à noite por algumas vezes, dessa forma, durante essa semana quase não nos vimos. Ele estará de folga no dia do julgamento. Como eu decidi que não irei, combinamos de nos vermos à noite.

Estou sozinha em casa quando chega uma mensagem do Marcos, meu ex-cunhado, pedindo que eu vá ao hospital, pois sua mãe havia passado mal e estava internada. Tento falar com o Eduardo, sem sucesso. Quando ele está no trabalho, o sinal é péssimo. Mando uma mensagem, mas nem entregue é. Me arrumo o mais rápido que posso e saio.

Como é um hospital particular, o atendimento é de outro nível. Marcos deixou autorização para

PERIGOSAS ACHERON

que eu entrasse, por isso a enfermeira me encaminha diretamente para o quarto onde Paula está.

Ao chegar, percebo que há aparelhos monitorando-a, mas ela está acordada. Com cuidado, entro no quarto, e ela me chama para perto dela:

— O que houve, Paula?

— Ah, o médico disse umas coisas aí...

— AVC isquêmico, ela terá de operar para desobstruir uma artéria — Marcos a interrompe — Foi por isso que ela te chamou.

— Sim, minha filha, eu não poderei ir amanhã. Então peço que você vá no meu lugar e lute por justiça. Olhe na cara do infeliz que tirou a vida do meu filho e assista a sentença, que espero que seja a máxima.

— A senhora tem que controlar as emoções, mãe. E o advogado já disse que é pouco provável que o PM seja preso. Tudo indica que foi um erro, não era intenção dele matar o Marcelo.

— Você precisa parar de ser tão bom, meu filho. Esses policiais não estão nem aí para a vida das pessoas, chegam atirando, cheios de truculência. Isso precisa parar, temos que fazer

justiça pelo seu irmão. Esse cara destruiu as nossas vidas. Eu só quero que ele pague pelo que fez. Mônica, você pode fazer isso por mim e pelo Marcelo?

Eu não quero ir ao julgamento para não ter um rosto para culpar e odiar. Enquanto eu não sei quem é, minha raiva não é direcionada. Além disso, eu não quero gravar o rosto dele para sempre, não quero me lembrar do rosto do assassino do Marcelo. Tudo que ele merece é o desprezo. Mas diante da situação da Paula, eu não posso negar.

— Claro que vou. Mas você tem que me prometer que ficará bem, certo?

— Pode deixar, minha filha, e vou ficar ainda melhor quando souber que o responsável pela morte do meu filho está atrás das grades.

Encerramos esse assunto por ali mesmo e começamos a falar sobre outras coisas. Quando vejo, já é quase madrugada. Meu celular havia descarregado e a audiência será amanhã pela manhã. Marcos me diz para ficar no hospital, pois sua noiva virá pela manhã ficar com Paula. Ele diz que pedirá que ela traga uma roupa para mim, e eu posso tomar banho no banheiro do quarto, assim vamos juntos para a audiência. Resolvo aceitar,

afinal, é melhor uma noite mal dormida do que uma noite sem dormir.

Espero medicarem a Paula e tento me arrumar para dormir por ali. Não consegui falar com o Eduardo. Meu celular descarregou e não tinha um carregador. Mas não fico preocupada, pois ele está trabalhando e só sairá pela manhã. Como combinamos de nos vermos somente à noite, conseguirei ir à audiência e voltar com folga.

A noite passa de forma rápida e tranquila. Mal adormeci e já era hora de levantar. Carol, a noiva do Marcos, já está no hospital e trouxe roupas limpas para mim, como combinado. Tomo banho, troco de roupa, tomamos café na cantina e seguimos juntos, eu e Marcos, para a audiência.

Quando chego ao Tribunal, sinto um aperto no peito, uma sensação estranha, de que algo ruim vai acontecer. Tento ignorar, atrelando a sensação ao nervosismo do momento, mas a cada instante que passa, a sensação só piora. A sensação fica tão forte, que eu sinto o pânico me dominar. Eu sudo frio e me vem um aperto na garganta. Resolvo ir ao banheiro lavar o rosto e, ao passar no corredor, juro ter visto o Eduardo. Mas o homem passa tão rápido, que eu acho que é coisa da minha cabeça.

Molho o rosto, tento me concentrar e fico alguns minutos por ali. A sensação não passa, mas ameniza o suficiente para que eu consiga andar e ir até o local da audiência. Todos já estão em seus lugares, inclusive o réu, mas há pessoas na minha frente, tampando a minha visão, e ele está de costas para mim. Só conseguirei ver o rosto do cara que destruiu parte da minha vida quando o juiz o chamar.

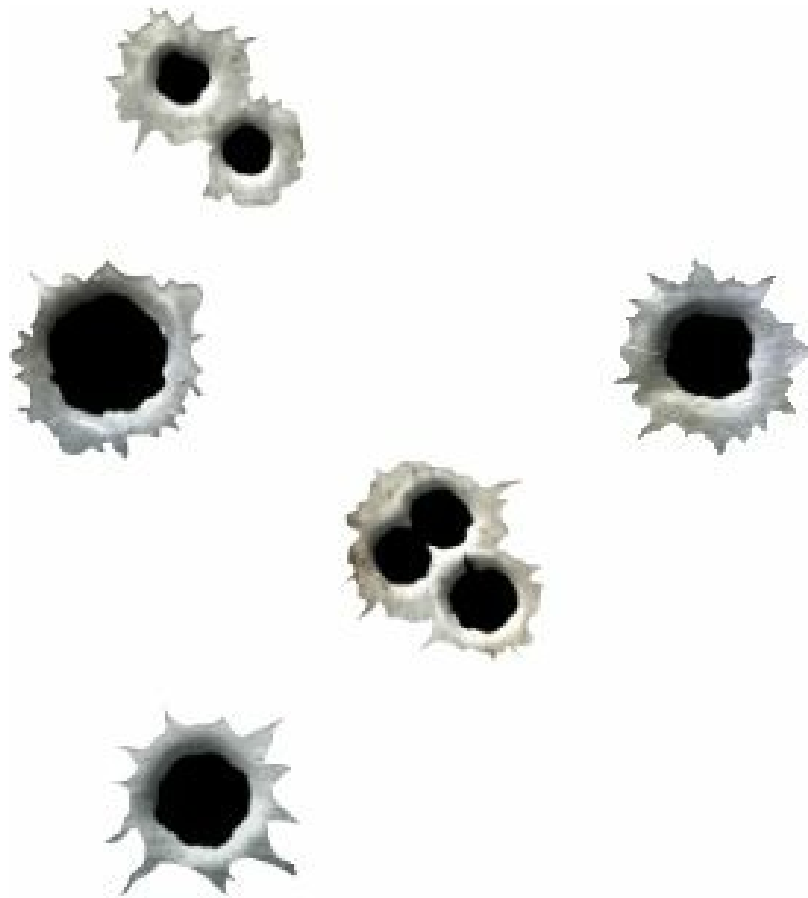
Alguns minutos depois, o juiz entra e começa todo o rito do julgamento. Algumas leituras e palavras que não fazem muito sentido para mim... De repente o mal-estar volta forte, certo, me deixando tonta e com o coração disparado. Penso em levantar novamente, mas minhas pernas não obedecem. Nesse momento, Marcos cochicha no meu ouvido: *“é agora”*. É agora que o juiz vai chamar o réu. Agora eu terei um rosto para descarregar toda minha raiva e frustração.

Então o juiz pede que o réu, o soldado da Polícia Militar Eduardo Urbano, fique de pé e caminhe até o banco dos réus. Tomo um susto ao constatar que o policial tem o mesmo nome do Edu, mas acho que talvez eu tenha ouvido errado devido ao mal-estar. O réu se levanta e vai para a cadeira

indicada. Antes de sentar, fica de frente para mim, e eu posso ver quem é o responsável pela morte do Marcelo. Demora alguns segundos até que o meu cérebro processe a informação. Isso tem que ser um erro ou uma brincadeira de péssimo gosto. Será que eu estou alucinando?

O réu levanta a cabeça e, não sei como, olha diretamente para mim. Nossos olhares se cruzam e eu tenho certeza: o cara que matou o Marcelo, aquele que eu devia odiar, é o Eduardo, o meu namorado. Levanto para sair correndo dali, mas minhas pernas parecem não responder. Sinto meu corpo ficar mole e logo tudo escurece.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

*“— É pecado sonhar?
— Não, Capitu. Nunca foi.
— Então por que essa divindade nos dá
golpes
tão fortes de realidade e parte nossos
sonhos?
— Divindade não destrói sonhos, Capitu.
Somos nós que ficamos esperando,
ao invés de fazer acontecer”.
Dom Casmurro — Machado de Assis*

Eduardo

Tudo indicava que conseguiríamos reverter a situação ao meu favor. O frio na espinha aparenta ser um resultado da ansiedade pelo julgamento. De acordo com meu advogado, provavelmente pegarei alguma conduta disciplinar, mas não serei preso nem exonerado, pois minha defesa baseia-se em mostrar que eu estava trocando tiro com os bandidos. Acertar o Marcelo foi apenas um dano colateral infeliz.

Tudo ia ficar bem.

Sentado de cabeça baixa no banco dos réus, com um aperto inexplicável dentro do peito, não posso esperar pelo que vejo. Ao erguer a cabeça, meus olhos focam naquela que conseguia ser, nesse momento, o meu maior sonho e o meu pior pesadelo: Mônica está assistindo ao julgamento.

Quando nossos olhares se encontram, eu sei que tudo está perdido. Vejo sua testa enrugada, manifestando sua clara confusão, e quando ela arregala os olhos, finalmente compreendo quem sou eu e o que estou fazendo aqui. Vejo a dor e a decepção com que me olha. Ela tenta se levantar para correr, mas desmaia.

Ajo como um louco, tentando chegar até ela, esquecendo-me de onde estou. Sou impedido por um policial. Tento me desprender, mas ele me ameaça, dizendo que serei preso. Meu advogado intervém e, enquanto o policial me arrasta, eu grito que ela é minha namorada e preciso ver se ela está bem. Vejo quando o cara que está ao seu lado olha para mim, espantado com a revelação. Sou conduzido de volta ao banco dos réus, e devido à confusão, o juiz dá um intervalo de meia-hora na audiência. Sou conduzido a uma sala separada, de

onde não devo sair.

Meu advogado está irritado com meu comportamento, alegando que isso pode me prejudicar. Ele tenta falar comigo, mas eu só sei andar de um lado para o outro. Eu preciso saber como a Mônica está.

Insisto que ele vá saber sobre o estado dela. Eu só conseguiria me acalmar e fazer tudo que ele quisesse depois de ter notícias. Ele sai e promete voltar com informações.

De todas as formas que a Mônica podia ficar sabendo disso, essa era a pior delas. Como eu conseguiria explicar tudo para ela agora? Será que ela ainda seria capaz de me ouvir? Dou um murro na mesa, o que chama a atenção do policial que toma conta da porta. Sento, fingindo normalidade. Ele me olha de forma ameaçadora, mas sai em seguida. Eu continuo sentado, tremendo e pedindo que um milagre aconteça e ela me perdoe.

Alguns minutos depois, a porta abre e eu viro para ver quem é, esperando que seja meu advogado com notícias. Mas quando a pessoa entra, é como tomar um soco no estômago: é Mônica, que me encara com olhos tristes e furiosos.

Ela caminha em silêncio e para bem perto de

mim. Não me arrisco a falar nada. Mesmo que eu quisesse falar, não conseguiria. Meu coração bate tão forte, que eu posso sentir na minha cabeça. Levanto e paro de frente para ela, que só me olha, sem dizer absolutamente nada, mas sua respiração descompassada mostra o quanto ela está nervosa. Quando ameaço dar mais um passo para perto dela, um tapa me acerta em cheio, bem no meio da cara.

Não, não é o tapa que me desestabiliza, mas o choro baixinho que sai dos seus lábios. Mônica treme os ombros enquanto lágrimas caem abundantemente dos seus olhos. Quando volta a me olhar, não é mais a minha Mônica que está na minha frente, aquela que me ama e planeja uma vida ao meu lado, mas uma mulher que me odeia.

— Como você pôde, Eduardo? Como você pôde fazer isso comigo? — Sua voz está embargada de emoção, mas não são sentimentos bons.

— Eu posso explicar, meu amor.

— Amor? Explicar? Você acha que eu sou alguma idiota? Como consegue me chamar de amor depois de tudo que você fez? Você viu o quanto eu sofri, o quanto eu queria que o responsável pagasse! Só que o responsável estava do meu lado,

dormindo comigo! Você me enganou, Eduardo!
Você matou o Marcelo!

— Foi sem querer! Eu não atirei nele por querer! Só vi o que tinha acontecido depois, quando ele já estava caído! Você me conhece, Mônica, acha que eu o mataria por querer?

— Conheço, Eduardo? Conheço mesmo? Então por que eu não consigo te reconhecer agora? Se você confia tanto em mim e na sua inocência, por que escondeu isso de mim? Era isso, não era? O erro que você cometeu e não tinha como consertar... Meu Deus! E eu ainda consolei você! Eu consolei o assassino do Marcelo! — Ela coloca a mão na cabeça e começa a chorar, repetindo que havia consolado o assassino do Marcelo e que eu a tinha enganado, visivelmente perturbada e chorando muito. Tento tocá-la, mas ela se afasta — Não me toque! Não ouse me tocar! Você nunca mais vai encostar em mim!

— Mônica, pelo amor de Deus, me ouve! Deixa eu te explicar o que aconteceu! Pelo menos você tem que acreditar em mim!

— Você teve meses para me explicar, Eduardo. Teve inúmeras oportunidades de me contar a verdade, mas preferiu o silêncio. Você fez

PERIGOSAS NACIONAIS

a sua escolha, então lide com as consequências dela. Só não espere uma segunda chance, pois desta vez não haverá — Ela fala e vira para a porta, mas eu seguro seu braço, fazendo com que ela gire o corpo para me olhar.

— Eu te amo, Mônica! Tudo que eu fiz foi por amor!

— Que amor é esse, Eduardo, que destrói e faz doer?

Antes que eu fale algo, o advogado entra e Mônica puxa o braço, se desvencilha de mim e vai embora. Eu tento ir atrás, mas meu advogado me impede. Se eu sair, posso ser preso. Furioso, jogo a cadeira contra a parede, sento no chão e desabo em lágrimas.

Tudo está perdido!

Meu advogado observa de longe, talvez com medo de se aproximar. Eu só consigo pensar que tudo estava acabado. Tenho vontade de gritar, sair correndo, mas sei que devo me conter. Quando meu choro fica mais fraco, meu advogado se aproxima:

— Pode me explicar o que aconteceu?

— Ela é minha namorada, mas antes era a noiva do cara que eu matei naquele dia, o da ONG.

— Quê?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu conheci a Mônica há dez anos. Namoramos por dois anos, tínhamos planos de casar, éramos felizes, mas nos separamos por vários motivos. Passamos sete anos separados. Eu a reencontrei no hospital, no dia do tiroteio. Eu tomei um tiro e fui para o mesmo hospital que o Marcelo, que acabou falecendo. Com tudo isso, acabamos por nos reaproximar. Eu nunca deixei de amá-la durante todos esses anos. Quando tomei coragem para me declarar, descobri que ela também sentia algo por mim. Há quase um mês estamos juntos, mas eu nunca contei para ela que eu era o responsável pelo tiro que matou o Marcelo. Ela descobriu hoje, quando me viu no banco dos réus.

— Cara, que merda! Você não tem noção do problema em que você está metido!

— Obrigado, você está ajudando bastante. Já não basta o jeito que estou aqui?

— Não é da sua vida amorosa que estou falando, Eduardo, apesar de ela estar bem ferrada também.

— Então do que é?

— Sua namorada estava acompanhada do irmão do Marcelo. Se ela contar essa história para ele, eu não vou conseguir te livrar. Você vai ser

indiciado por homicídio doloso. Sabe o que o advogado de acusação vai alegar?

— O que ele pode alegar?

— Bom, ele pode alegar que você e a mocinha armaram tudo para se livrar do Marcelo. Que vocês tinham um caso, que ela queria assumir a ONG e que você deu um jeito de adiantar tudo.

— Não, não podem colocar a Mônica nessa história!

— Calma, amigo, ainda tem mais! Ele pode alegar que você atirou nele por revanche. Reconheceu quem era o cara, e resolveu tirá-lo do seu caminho. Você conseguiu reconquistar a mulher que você queria, certo? Se ele estivesse vivo, haveria alguma chance de vocês ficarem juntos?

Paro um pouco para pensar. Se o Marcelo não tivesse morrido, eu teria alguma chance com a Mônica? Eu me reaproximaria dela? Ela me daria outra chance?

— Não haveria chance de estarmos juntos.

— Analisando assim, parece que a morte dele foi bem conveniente para você, não é mesmo? Você o conhecia? Sabia quem ele era?

— Sim, eu o conhecia de fotos de redes

PERIGOSAS NACIONAIS

sociais. Eu o reconheci quando o vi caído no chão e o socorri. Ele também me reconheceu, provavelmente me conhecia de fotos também.

— Essa história fica cada vez pior. Vamos torcer para que a sua garota não fale nada. Caso contrário, vai ser muito difícil reverter sua situação. Não sei no que você acredita, mas acho que é uma boa hora para começar a rezar. Vamos, o julgamento vai recomeçar.

Caminho atrás dele, de volta para a sala do julgamento, com o coração dilacerado e a mente destruída. Em questão de minutos, tudo foi por água abaixo. Eu perdi a Mônica, e corro o risco de perder minha carreira e minha liberdade.

Eu destruí a vida dela. Agora, minha vida está em suas mãos. O pior é que eu não sei o que falará mais alto para ela: o amor que ela sentia por mim, ou o ódio pelo assassino mentiroso que a enganou por esse tempo todo?

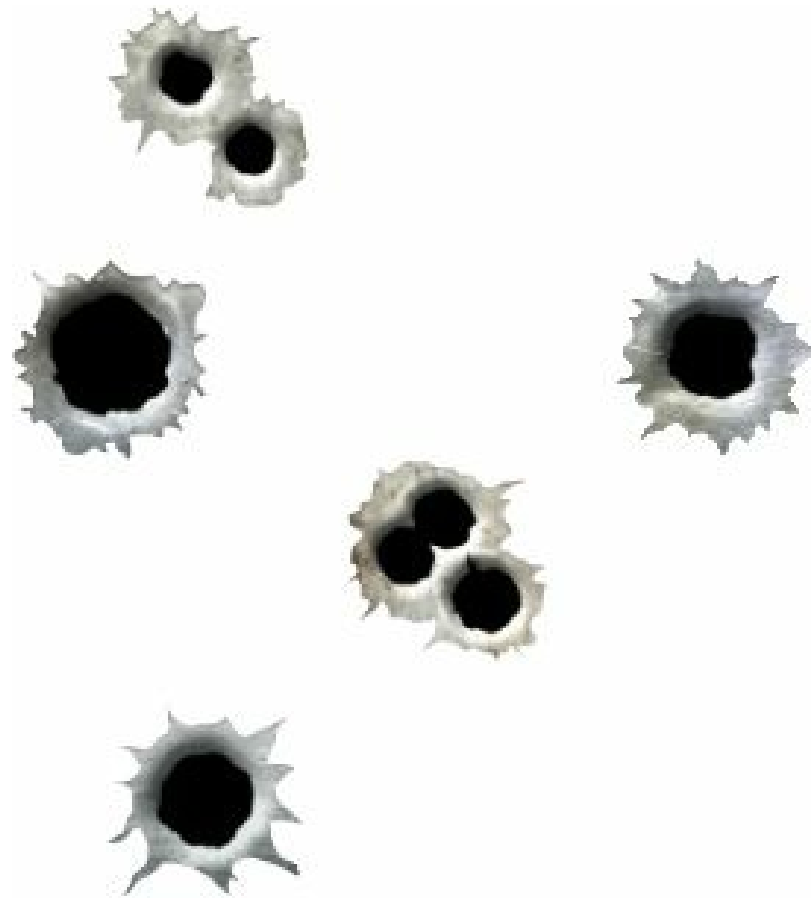
Entro na sala de audiência e me recoloco no banco dos réus. Avisto Mônica no mesmo lugar de antes, o irmão de Marcelo está ao seu lado. Estou prestes a descobrir sua escolha, mas algo me diz que eu não vou gostar nada do que virá pela frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

“A desilusão é a visita da verdade”.
Chico Xavier

Mônica

“Isso não é real. É só um pesadelo. Não é real”.

Eu fico repetindo as frases na minha mente, depois de abrir os olhos e estar deitada em um banco de madeira, em uma sala do fórum. Porém, o andar do Marcos até mim e o olhar que ele me dá, essa cena faz parecer que tudo é mesmo real.

— Você está melhor? — Marcos se aproxima e pergunta.

— Sim, foi apenas uma queda de pressão, não me alimentei muito bem.

— Eu sei que não foi isso, Mônica. Foi porque você descobriu que o seu namorado matou o seu noivo.

Não consigo responder nada. É a primeira vez que alguém coloca dessa maneira. E isso deixa tudo mais real e cruel. Sinto como se tivesse levado

uma pancada na cabeça, no estômago e no coração. Um bolo na garganta, um zunido no ouvido, tudo fica gelado. Como isso tudo foi acontecer?

— Mônica, você está me ouvindo?

— Sim, Marcos. Eu não sabia, jamais podia imaginar que ele...

— Então ele não te contou? Como eu imaginava... Ele só estava te usando, Mônica. Ele quis ficar por perto para saber como estavam as coisas, para descobrir sobre o Marcelo, para ver se conseguia alguma prova contra ele. Filho da mãe esperto! Sabia que você estaria carente e se aproximou! Não te julgo, Mônica, mas espero que você escolha ficar do nosso lado.

Ele me encara com uma expressão séria e um tanto irritada. Sem ter muito o que dizer, eu apenas balanço a cabeça em confirmação. Tudo que eu queria era ir embora dali e me esconder para sempre.

— Ótimo! Vou conversar com o advogado e contar esses novos detalhes! Quero ver se agora ele escapar dessa! Pena que não vamos ter como te colocar de testemunha, a menos que haja um segundo julgamento. Adoraria ver você desmascarando esse infeliz na frente de todo

mundo. Consegue ficar um pouco sozinha? Vou até o advogado — Eu assinto — Toma, é água fresca, vai te ajudar.

Quando fico sozinha, começo a pensar no que vai acontecer agora. Maldito coração traidor que está preocupado se Eduardo pode ser preso e expulso da polícia! Eu só queria conseguir arrancar tudo o que sinto por ele... Como ele foi capaz de me enganar assim? Será que o Marcos tem razão? Eu era só uma peça em seu jogo para ser inocentado? Meu Deus, como eu sou burra! É claro que sim! Ele já havia me deixado antes por conta dessa maldita carreira, antes mesmo de ela existir. Agora que ela existe, ele não abriria mão! Idiota!

Enquanto caio na real, um cara que eu não conheço entra na sala:

— Com licença, mas a senhorita é a namorada do Eduardo?

— Infelizmente, sim.

— Eu sou Henrique, o advogado dele. Ele está muito preocupado, pediu que eu viesse saber como está.

— Tão preocupado que não pode ele mesmo vir aqui?

— Ele não pode sair da sala onde está, ou

pode ser preso. Ele teria vindo, se pudesse. O julgamento parou por isso. Ele praticamente saltou de onde estava para ir até você.

Meu coração aperta diante de suas palavras. Como ele pode continuar fingindo? Como ele pode escolher quebrar novamente o meu coração?

— Eu posso ir até ele?

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Se você conhece bem o seu cliente, sabe que ele não vai se acalmar até falar comigo.

— Ok, mas tem que ser rápido e sem escândalo.

— Eu só quero ver como ele está.

Saímos de onde eu estava e caminhamos pelos corredores razoavelmente lotados. Paramos em frente a uma porta fechada, com um policial na frente. Respiro fundo para tentar me acalmar e tirar forças não sei de onde para conseguir ficar cara a cara com o Eduardo.

— Posso entrar sozinha?

— Tudo bem, mas lembre-se do que eu falei. Dez minutos, no máximo.

— Obrigada — Agradeço, peço licença ao policial e toco a maçaneta da porta. Hesito em abrir, mas sei que preciso fazer isso. Preciso olhar

nos olhos dele para tentar entender o motivo disso tudo. Entro abruptamente. Eduardo está sentado à mesa, de cabeça baixa, e toma um susto ao me ver quando se vira para saber quem entrou.

Caminho até ele, cada passo bem lento e contido, como se a dor aumentasse ao caminhar. Paro o mais perto que aguento chegar dele. Não consigo falar, minha respiração está completamente irregular. Ele me olha por algum tempo e resolve se levantar, mas quando ia chegar mais perto, eu estendo a mão e, com toda a minha raiva, acerto um tapa bem no meio da cara dele!

Nesse momento eu deixo tudo sair em forma de choro. Eu me sinto machucada, traída, perdida. Nada na minha vida faz sentido, e eu não consigo nem formular um pensamento decente. Como alguém que dizia me amar tanto, pôde ser capaz de fazer uma coisa tão grave contra mim? Ele deveria me proteger, é isso que o amor faz, não é?

Travamos uma pequena discussão, mas nada do que o Eduardo fala consegue me acalmar ou atingir. São apenas palavras, e elas não são capazes de amenizar o estrago que ele havia causado. Isso está além de partir o meu coração, é como destruir a minha alma. Quando termino de falar, ele ainda

tenta me segurar, para me manter ali, mas seu advogado retorna e eu aproveito para sair da sala.

Só eu sei o quanto doeu sair e deixar meu coração ali, esfaqueado aos pés do homem que eu mais amei e que mais me fez sofrer em todas as chances que eu lhe dei. Amar o Eduardo é um erro que eu preciso parar de cometer. É imperdoável permitir que ele continue me machucando desse jeito.

Minha mente entende isso. O problema é fazer o meu coração aceitar.

Refaço o caminho de volta até a sala, e Marcos está me esperando. Para não ter que responder perguntas desnecessárias, apenas digo que tinha ido ao banheiro. Ele finge acreditar e diz que o julgamento vai recomeçar, que precisamos ir até os nossos lugares. Eu queria dizer que não mais ficaria, mas isso poderia complicar ainda mais as coisas.

Sem vontade, retorno para aquela maldita sala. Eduardo vem em seguida e se recoloca no banco dos réus. Ele ainda me olha antes de sentar, mas eu ignoro. Eu só queria acordar desse pesadelo.

O julgamento dura três longas horas. Três

horas de tortura, sofrimento e dor. Eu revivo a morte do Marcelo, agora colocando o Eduardo como culpado. Eu revivo nossos momentos, questionando se algum deles foi verdadeiro. O cara que me dizia “eu te amo” havia matado o cara que realmente me amava.

O advogado de acusação afirma que Eduardo me usou para tentar descobrir algo sobre o processo ou para culpar o Marcelo. O advogado do Edu é muito bom, pois consegue desconstruir essa teoria. Eles não sabiam a verdade. Não sabiam que eu e Eduardo já nos conhecíamos antes. É então que uma coisa me ocorre: e se o Eduardo tivesse aproveitado a chance de o Marcelo estar no tiroteio e matado meu noivo para poder se aproximar de mim? Ele seria tão cruel assim? Tal pensamento me enoja tanto, que não consigo ficar até o final para ouvir a sentença. Corro para o banheiro, dessa vez sem chamar atenção. Fico lá por cerca de meia hora. Quando saio, encontro Marcos na porta.

— Estava te procurando. Voltou a passar mal?

— Só um mal-estar. Acabou?

— Sim, aquele infeliz conseguiu se safar! Não vai ser preso. Vai ficar afastado do trabalho

nas ruas por um tempo, mas logo estará de volta às suas atividades. Parece que a conduta dele é inquestionável e que o assassinato do Marcelo foi seu primeiro erro. Você não sabe nada que possa incriminá-lo?

— O quê? Não, não sei.

— Mas se soubesse, contaria?

— Que pergunta mais sem sentido! Claro que eu contaria! Eu quero que o culpado pague tanto quanto você quer — Somos interrompidos pelo toque do seu celular. Ele atende, troca algumas palavras e desliga.

— Tenho de ir, Mônica. Minha mãe teve uma complicação.

— Eu vou com você.

— Tem certeza? — Ela aponta com a cabeça para trás de mim. Eu me viro e vejo Eduardo parado, nos olhando.

— Absoluta. Vamos?

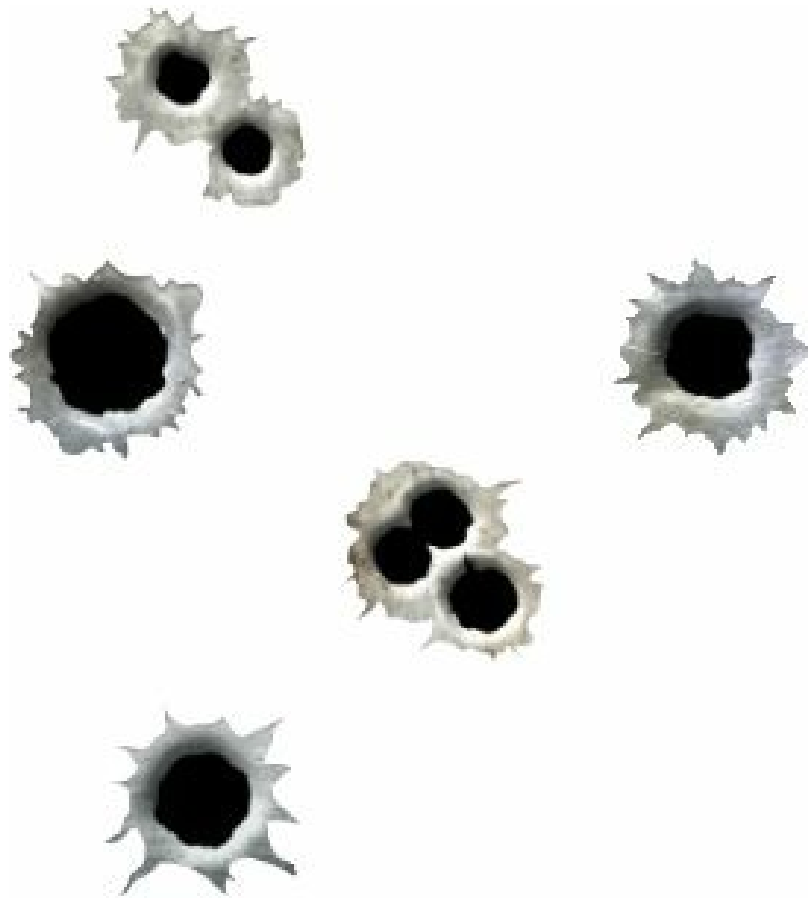
— Vamos.

Seguimos os dois para o hospital, sem olhar para trás. Tudo o que eu mais quero é esquecer o Eduardo. E o quanto antes eu der um jeito de ficar longe dele, mais fácil será. Agora eu tenho outras coisas com que me preocupar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

*“Todo mundo é capaz de dominar uma dor,
exceto quem a sente”.
William Shakespeare*

Eduardo

Enquanto eu observava a Mônica ir embora, sem ao menos olhar para trás, eu pensava no quanto a vida pode ser cruel e irônica.

Depois de confirmar que ela realmente se foi, apenas saio do lugar, andando sem me importar com o destino. Ao longe, percebo uma praça e resolvo caminhar até lá. Sento em um dos bancos, embaixo de uma árvore, e me coloco a pensar na minha vida. Há uns sete meses, eu apenas pensava na minha carreira. Eu tinha um objetivo e batalhava dia após dia por ele. Um policial exemplar, buscando o reconhecimento dentro da corporação que tanto respeitava. Havia o amor pela Mônica, mas ele estava ali, guardado, em segundo plano, quase impossível.

Eu sabia da sua vida, do seu relacionamento e

que não seria justo eu chegar do nada e dizer:

“Oi, Mônica, você se lembra de mim? Eduardo, o namorado que te deixou para viver o sonho dele. É que eu nunca te esqueci e agora que eu alcancei o que queria, vim saber se poderíamos ter uma segunda chance”.

Nunca daria certo. Eu nem tentaria algo assim, seria um insulto a tudo que a Mônica era. Também nunca desisti cem por cento da gente, eu esperava que o destino fizesse algo, sei lá. Talvez o relacionamento dela acabasse. Ou ela podia perceber que nunca deixou de me amar. Mas, quando o destino resolveu finalmente fazer algo para nos unir, fez da maneira mais desastrosa possível.

Eu finalmente tinha a Mônica comigo, mas o preço dessa segunda chance era a vida de uma pessoa inocente, aniquilada, mesmo que acidentalmente, pelas minhas próprias mãos. O preço por uma segunda chance havia sido alto demais, e agora eu tentava achar um jeito de arcar com as consequências. O problema não era ter que viver no inferno, pois eu podia facilmente me acostumar com a estadia lá, já que eu vivi dessa forma por grande parte da minha vida. O problema

era viver no inferno depois de conhecer o paraíso. Era conviver com as memórias tão vivas de um presente tão real e tão distante. Minha vida era um cristal, que havia sido quebrado, sem possibilidade de restauração. Em seis meses, eu havia conseguido tudo que eu queria de maneira quase mágica. Pena que as mágicas sempre acabam, e eu havia perdido tudo o que era importante para mim. Às vezes, não ter uma segunda chance é a melhor chance que a vida pode te dar.

Eu sei que minhas chances com a Mônica acabaram no momento em que ela me viu no banco dos réus. Eu não sou burro, conheço bem aquela mulher. Talvez, se eu tivesse contado a história desde o começo, houvesse uma remota chance de ela me perdoar. Provavelmente nós não estaríamos juntos, mas ela não me odiaria. Era melhor ter uma Mônica indiferente do que uma que me odiasse.

Não sei o caminho que minha carreira tomará, mas sei que não será o mesmo. Você pode ser o melhor por anos, mas, quando erra, isso te torna alguém comum, e tudo o que você fez de bom é apagado em um piscar de olhos. É muito difícil construir uma carreira e uma boa reputação, mas basta apenas um passo em falso para destruir tudo.

E eu não havia apenas dado um passo em falso. Eu descí uma ladeira inteira.

Não sei dizer ao certo o tempo que passei sentado naquela praça, alternando entre pensamentos e memórias que não me levariam a lugar nenhum. Já estava escurecendo quando resolvi ir embora. Olhei o telefone apenas por olhar, não havia ligações ou mensagens. Não da pessoa que eu queria.

E eu sabia que nunca mais teria.



Mônica

O caminho para o hospital é feito em silêncio e, apesar de eu evitar olhar para o Marcos, posso sentir o seu olhar em mim, me acusando e interrogando silenciosamente. Eu não tenho coragem de encará-lo, apenas encosto o rosto na janela do Uber e fico olhando para a cidade. Mas eu não consigo ver nada. Minha mente não para de criar pensamentos cruéis, que só me maltratam mais. Perguntas sem fim, cujas respostas me

deixam ainda pior. Eu sei que tenho de fazer uma coisa, mas não sei como. Eu só quero poder ter um pouco de paz.

A meu ver, o caminho é longo demais, mas acredito que a minha percepção tenha sido alterada diante do fato de que eu não quero estar perto de ninguém. Marcos sai como um foguete do Uber, preocupado com sua mãe. Na poltrona do corredor dos quartos onde sua mãe estava, avisto sua noiva, Carol, sentada, com a cabeça apoiada no braço, como se estivesse chorando e extremamente preocupada. Marcos a alcança antes de mim, por isso perco parte da conversa. Mas ao chegar perto, posso ouvir o final:

— Ela viu a reportagem na TV. Eu só fui até o banheiro, deixei a enfermeira aqui, mas não avisei que ela não podia assistir TV. Ela ouviu quando anunciaram que o policial havia sido absolvido, e, quando eu voltei, já estava uma correria. Ela ficou descontrolada, e parece que isso piorou a situação dela, por isso, tiveram que levá-la às pressas para operar.

Eu não consigo falar nada, apenas viro as costas e caminho o mais rápido que posso para a saída. O medo, a culpa, a raiva e o remorso me

corroem por dentro. A imagem do Eduardo no banco dos réus não sai da minha cabeça. É tudo culpa dele. E ainda assim eu não consigo tirar de mim esse amor maldito que eu carrego por ele!

Por sorte, há um táxi parado na porta do hospital, e eu não preciso fazer nenhum esforço para conseguir um meio de ir para casa. Ao chegar, jogo minhas coisas pela mesa da sala e desabo no sofá. Tudo é surreal demais para fazer sentido nesse momento. Então eu me rendo à única coisa que parece possível no momento: chorar até cair no sono.

Sou acordada na manhã seguinte por batidas insistentes à porta, além de gritos com o meu nome. Ainda atordoada, abro, sem conferir quem é. Por sorte, é Léia. Não aguentaria se fosse qualquer outra pessoa.

— Estou louca há quase dois dias atrás de você. O que aconteceu?

— O Eduardo matou o Marcelo.

Silêncio. Mais silêncio. Cara de espanto. Abrir e fechar de boca. Diversas piscadas de olhos. Por quase cinco minutos, isso é tudo que a Léia faz. Eu a entendo, pois aquelas cinco palavras não fazem o menor sentido. Mas são elas que ocupam a

minha mente desde o dia anterior. Assim, cruas e reais. Como uma ferida aberta, tratada com álcool, para que doa e não cicatrize.

— Isso é alguma brincadeira sua?

— Eu fui ao julgamento. Era o Eduardo no banco dos réus. Ele mesmo me disse que foi dele o tiro que matou o Marcelo.

— Por que o Eduardo faria uma coisa dessas?

— Ele disse que foi sem querer.

— Não, Mônica. Isso, eu sei. Eu não gosto do Eduardo, mas eu o conheço. Eu sei que ele não mataria alguém assim, a sangue frio. Ainda mais uma pessoa importante para você. Olha, o Eduardo foi um babaca no passado, e eu nunca pensei que teria de defendê-lo, mas você tem realmente alguma dúvida de que ele te ama? Você pode acusar o Edu de muitas coisas, mas não acredito que você duvide do que ele sente.

— Então eu não entendi sua pergunta.

— Quero saber o motivo de ele não ter contado que era o culpado. Você o perdoaria se ele tivesse contado a verdade. O erro foi ele ter escondido tudo, não é?

Eu tento absorver suas palavras. A única verdade que eu consigo perceber no momento é que

o Eduardo mentiu para mim. Não consigo enxergar se o seu amor é real ou o motivo de ele ter se aproximado. Nem se eu o perdoaria desde o começo se soubesse de tudo.

— Eu não sei, Léia! Eu não sei de nada no momento. Eu sinto como se não conhecesse o Eduardo, e isso é horrível! Eu confiei nele, e olha o que ele fez... Ele foi lá e ferrou com tudo outra vez! Eu estava bem sem ele, eu tinha uma vida, e ele destruiu tudo! E se não bastasse isso, criou uma ilusão de felicidade e, sem me preparar, foi lá e destruiu tudo. Eu tô sentindo um vazio tão grande aqui dentro, uma sensação tão ruim... Eu tô perdida! O homem que eu amo, que eu mais amei na vida, e que provavelmente eu sempre vou amar, é o responsável pela morte do cara com quem eu ia casar. Como colocar isso de uma forma racional? Diz Léia, como eu vou olhar pro Eduardo e confiar nele depois de ele não só matar o Marcelo, mas esconder isso de mim? De mim, Léia! — Eu apenas desisto de falar e volto a chorar. Sei que estou agindo como uma adolescente e sucumbindo à dor, mas são meses tentando ser forte. Léia não fala nada, apenas me abraça. E eu fico ali, chorando no ombro da minha melhor amiga.

Depois de alguns minutos e uns copos d'água, eu estou mais calma. Resolvo tomar um banho e peço que Léia coloque meu telefone para carregar e pegue o jornal para mim. Preciso saber se saiu algo sobre o julgamento e a ONG. Demoro quase uma hora no banho, em uma tentativa de fazer com que a água leve parte de minhas dores. Infelizmente, a água não pode fazer nada por mim. Ninguém pode.

Já arrumada, volto para a sala e fico surpresa ao ver Léia e Marcos discutindo. Ao perceberem minha chegada, eles param de falar. Marcos vira e fica de frente para mim, e vejo que seus olhos parecem marejados. Só consigo pensar que aconteceu algo com a Paula, mas antes que eu possa perguntar qualquer coisa, ele caminha até mim, com fúria em sua expressão. Vejo que ele tem um jornal em mãos. Ele chega bem perto, como se quisesse me mostrar algo. E então atira o jornal contra mim:

— Espero que seu namoradinho esteja bem satisfeito. Ele não só está na primeira página, como policial inocentado por matar um suspeito em tiroteio. A minha mãe morreu por culpa dele! Se ele não tivesse matado o meu irmão, nada disso

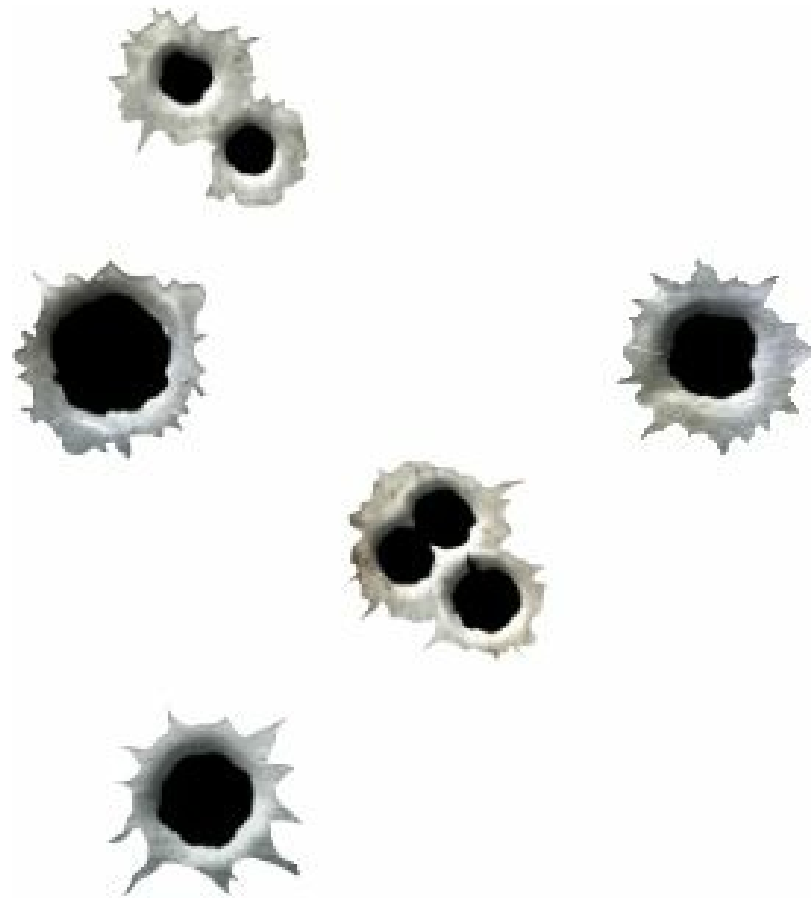
teria acontecido! E você, cunhada, tem culpa nessa história também! Por isso, nem pense em ir ao enterro da minha mãe. E pode ter certeza que você vai sair daquela ONG. Você não é digna de ficar no lugar do meu irmão. O que eu puder fazer para destruir a vida de vocês dois, eu vou fazer! Você me dá nojo! — Termina de falar e sai, batendo a porta.

Atônita, eu pego o jornal e encontro a notícia na primeira página. Após o título e a foto do Eduardo no banco dos réus, há uma pequena chamada, com uma foto minha:

“A primeira dama da ONG estaria envolvida com o responsável pela morte do seu noivo. Parece que essa história ainda não acabou”.

Largo o jornal como se ele estivesse pegando fogo e dou um grito, que sai bem mais fraco do que eu esperava. Tem como isso ficar pior?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

*“Dor de Amor
Corrói feito veneno
Destrói o peito ameno
Tortura sem matar
Ai de mim
Que não fugi a tempo
Eu não mereço tanto
Eu só queria amar”.*
Dor de amor - Vander Lee

Eduardo

A mudança de um dia para o outro não trouxe nenhuma melhora. Estampar a capa de alguns jornais, também não. Pelo contrário, aquela matéria tendenciosa citava a Mônica e tornava tudo pior. Até a imprensa em nosso país não é confiável. A sensação que eu tenho é que todos estamos em uma teia de manipulação, onde será mostrado apenas o que melhor vende. Assim é a vida pública. Fico me perguntando se a Mônica já viu a reportagem e o que ela está achando de tudo isso. Provavelmente,

seu ódio por mim está crescendo e sendo muito bem alimentado.

Eu não tenho muito o que fazer. Estou de folga, mas não tenho ânimo para sair. No fundo, eu quero mesmo ir até a Mônica e conversar, tentar explicar a minha situação para ela. Mesmo que ela nunca me perdoe, eu preciso que ela me ouça. Mas eu sou covarde demais para encará-la. No trabalho, sei que minha promoção será adiada por pelo menos dois anos. Ainda ficarei alguns meses em serviço interno.

Como eu disse, nenhuma melhora.

Decido ir correr um pouco, para tentar esvaziar minha mente. Lamentações não resolverão nada, nem ficar prostrado em casa. A grande ironia da vida é essa: enquanto você está nela, ela sempre continua, querendo ou não.

Depois de algum tempo de corrida, meu telefone toca. Estranho ser uma ligação da Léia, e meu coração dispara com a possibilidade de ter acontecido algo com a Mônica:

— Léia?

— Eduardo, que merda você fez agora? Como você conseguiu fazer uma merda desse tamanho? Eu avisei que eu ia te matar se você

fizesse a minha amiga sofrer de novo, mas você não aprende! Eu vou te matar com minhas próprias mãos, seu desgraçado!

— Como ela está?

— Como você acha? Sabia que a mãe do Marcelo morreu depois que viu a notícia que você tinha sido absolvido? O irmão dele veio aqui e acusou a Mônica de ter culpa nisso. Gritou com ela por conta da reportagem que saiu. Me diz, cara, se era para fazer a garota sofrer, por qual motivo você voltou?

— Não era minha intenção, Léia! Eu...

— De boas intenções, o inferno está cheio! A Mônica nunca te falou sobre isso, aliás, ela nunca falou com ninguém sobre isso, mas quando vocês terminaram, ela ficou muito mal. Não tô falando de ficar mal por uns dias, de choro por fim de relacionamento. Ela ficou mal por anos. Ela se afundou de um jeito, que achei que não ia conseguir salvar minha amiga. A depressão não a abraçou, ela se entregou. Você não viu o que eu vi. Você não tem a menor noção do quanto você a machucou. Eu sei que você escolheu o seu sonho e acreditava estar fazendo o melhor por vocês, mas você não pensou que, ao escolher o seu sonho, você

estava destruindo o dela. O sonho dela era você, o futuro que vocês teriam. E você simplesmente tirou isso dela. Dá para imaginar o quanto isso dói? Como foi difícil trazer a minha amiga de volta? E mesmo assim, ela nunca mais foi a mesma. Eu a conheço melhor do que qualquer pessoa e sempre soube que, sem você, alguma coisa havia mudado. Só que ela conheceu o Marcelo e as coisas melhoraram. Ela já tinha superado você quando o conheceu, mas eu sempre soube que aquele amor de vocês estava guardado em um canto bem profundo do coração dela. Ela não dizia o seu nome nunca, ou não comentava sobre o passado, mas a qualquer notícia sobre policiais, lá estava ela, vidrada, com medo de ser você. Quando deu na TV aquela operação na qual você participou, eu a vi sorrir quando sua foto apareceu. Sorrir de um jeito que ela não sorria mais. Enquanto ela tivesse o Marcelo, eu sabia que ela estaria bem. Ele a amava muito e de verdade. E ela também o amava, mas existem amores e amores, certo? E o amor da vida dela sempre foi você. Então, Eduardo, se eu que tô de fora consigo perceber tudo isso, como você não enxerga? Como você escolhe a pior opção que tinha, Edu? Se você ia estragar tudo, pra que deu

esperanças para ela? Eu esperava mais de você, Eduardo. Esperava que já tivesse aprendido a lição.

— Ela não ia me perdoar se soubesse a verdade.

— Talvez, mas pelo menos você teria dado a ela o direito de escolher. Agora, tudo que você deu foi decepção e dúvidas. Eu espero que você esteja preparado para as consequências.

— Você acha que ela vai aceitar me ver?

— Claro que não! Você não entende nada, não é mesmo? Eu vou te deixar vivo mais um tempo, o sofrimento vai ser maior. Dê uns dias para ela assimilar tudo. Depois você tenta conversar. Não sei se vai funcionar, mas permita que ela tente absorver o que aconteceu.

— Tudo bem. E Léia...

— O que foi?

— Obrigado.

— Eu não estou fazendo isso por você, Eduardo! Nada disso é por você. Que isso fique bem claro!

— Eu entendi.

— Ótimo. Passar bem!

Nem tenho tempo de responder, pois ela desliga o telefone rapidamente. Atordoadado, tento

digerir todas as verdades que ela havia jogado na minha cara. Realmente, eu não sabia o mal que eu tinha feito para a Mônica. Se soubesse, talvez nem tivesse me reaproximado, sabendo que havia tantos riscos de magoá-la novamente.

Ao chegar em casa, percebo que deixei passar uma informação: a mãe do Marcelo havia morrido e o irmão dele a estava culpando. Isso é um absurdo. Se ele está fazendo isso, imagino o que ela sofrerá na ONG. Resolvo ligar para lá, para saber se ela irá hoje. Finjo ser um aluno e recebo a informação que ela só retornará após o final de semana. Fico um pouco mais aliviado, pois ela terá tempo para se preparar. Sem pensar duas vezes, envio uma mensagem para o *WhatsApp* dela:

“Seja forte. Mas se fraquejar, me chame”.

Obviamente, eu não obtenho resposta.



Os dias se arrastam, eu ainda tento voltar à normalidade. Sigo trabalhando. A mídia finalmente nos esqueceu, ou pelo menos deu um tempo. Ainda não tenho notícias da Mônica, eu não a procurei

mais. Ela precisa de um tempo, acho que eu também. Aos poucos, eu começo a aceitar que não haverá outra chance para a gente. Mas eu preciso pelo menos que ela não me odeie, já que perdoar é uma coisa que nem eu mesmo faria.

Eu sempre acreditei que a vida é feita de momentos. No final, não importa o quanto você viveu, mas como você viveu. São os momentos que você consegue lembrar que vão definir a sua vida. Você pode viver cem anos, e os melhores momentos da sua vida podem estar resumidos em apenas um mês. Eu tenho momentos com a Mônica para uma vida inteira, não importa se eu vou viver mais um dia ou um século. E isso faz tudo valer a pena.

Ainda que nunca mais haja um *nós*, ela estará para sempre na minha memória. E isso, ninguém pode mudar.



Mônica

Já havia passado quase um mês do

juízo. Nunca mais falei com o Eduardo e não sei se falarei novamente. Eu pedi demissão da ONG na semana seguinte à morte da Paula. Não podia correr o risco de que um escândalo com o meu nome arruinasse todo o trabalho de várias vidas. Estou trabalhando em montar o meu próprio negócio com a Léia, e também como *personal trainer*.

Não nego que morro de saudades da ONG, mas às vezes temos que sacrificar o que amamos em nome de um bem maior. E nesse caso, eu não falo apenas da ONG. Eu queria dizer que deixei de amar o Eduardo, mas isso seria mentira. Eu ainda o amo como antes, mas sei que não há mais nenhuma chance para a gente, e por isso eu vivo a minha vida, fingindo que ela está completa, ou tão completa quanto poderia estar. Alguns dias são mais difíceis que outros. Hoje é um deles, talvez por ter que ir ao hospital fazer uns exames com o ginecologista. Eu me sinto meio fragilizada, pois as últimas lembranças em hospitais não são boas.

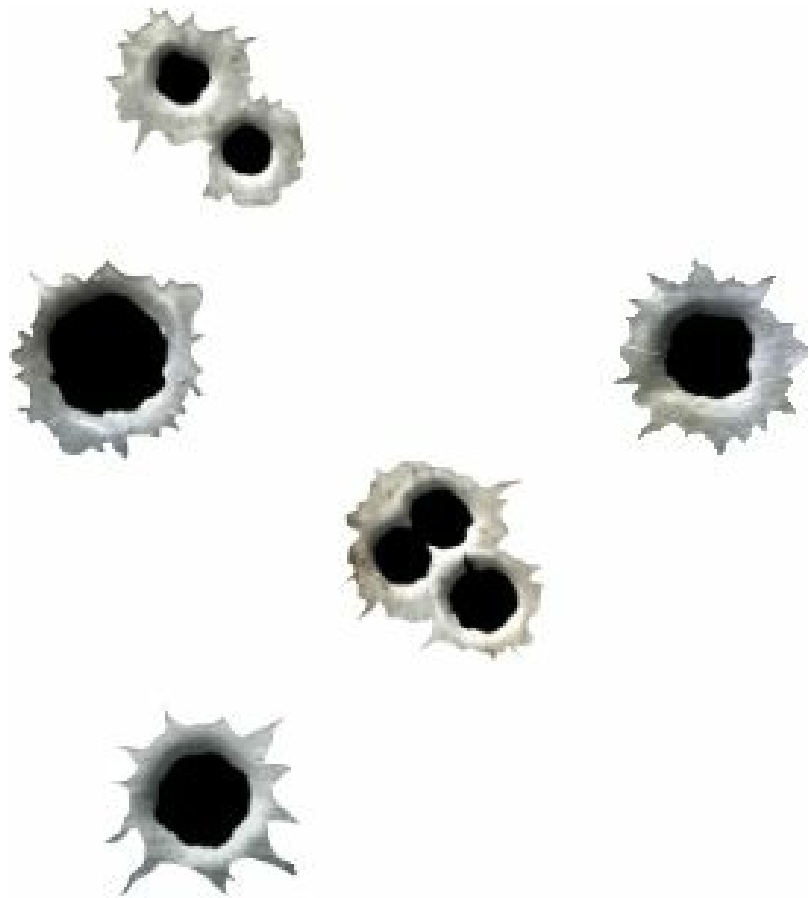
Apesar da tristeza que hoje está mais presente que o normal, ainda estou relativamente tranquila, até a médica interromper a transvaginal e soltar a notícia que bagunça ainda mais a minha vida:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Parabéns, Mônica! Você vai ser mamãe!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

*“Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?”
Eduardo e Mônica — Legião Urbana*

Mônica

Eu não consigo acreditar nas palavras da médica. Eu tomo injeção e uso camisinha sempre. Como eu posso estar grávida?

— Isso não é impossível de acontecer. Alguns medicamentos, como antibióticos, podem cortar o efeito do anticoncepcional. A camisinha, além de estourar, pode conter algum furo ou rasgo mínimo, que podem passar despercebidos, já que ela não “rasga” durante o ato sexual. Sua gravidez está no início, apenas nove semanas. Esse primeiro trimestre é o mais arriscado, então vou recomendar alguns cuidados e um pouco de repouso. Nada de pegar peso ou grandes esforços, alimentação

saudável, e vamos marcar o pré-natal. Vou passar alguns exames para checar sua saúde e verificar sobre DST, tudo bem?

A médica fala, mas é como se eu não estivesse ali. Eu não posso estar grávida do Eduardo! Não agora, não depois de tudo!

Meu Deus, um filho! O que eu ia fazer com um filho nessa situação?

— Mônica, você está me ouvindo? — A médica me chama de volta para a realidade.

— Sim, doutora, estou. Tem alguma chance de o exame estar errado? Eu menstruei normalmente no mês passado.

— O exame está correto, mas eu passei o Beta também para confirmar. Pelo tempo de gravidez, já é possível confirmar pela transvaginal. Em alguns casos, a mulher continua menstruando na data certa, mesmo estando grávida. É um fluxo menor e dura poucos dias. Sangramento durante a gestação só é preocupante quando for contínuo ou ocorrer muitas vezes. Também é preocupante se ocorrer um sangramento muito intenso e vir acompanhado de cólicas fortes, pois pode indicar um aborto. Com o pré-natal, vamos verificar como está a evolução do bebê. Você teve algum

sangramento além da menstruação ou tem sentido cólicas muito fortes?

— Não, tudo normal.

— Ótimo! Vou te encaminhar para uma amiga minha, aqui da clínica mesmo. Ela é obstetra e pode cuidar bem de você e do seu bebê. Ao sair, você já pode marcar a primeira consulta com ela e os exames. Sugiro que os faça o quanto antes, para que fiquem prontos e você possa levar já na primeira consulta. Alguma dúvida?

— Nenhuma.

Ela ainda me informa mais algumas coisas, eu me despeço, passo na recepção, marco os exames e vou para casa.

Grávida! Não consigo acreditar que isso está acontecendo!

Não consigo definir se estou alegre ou triste com a notícia. Há alguns anos, meu maior sonho era ter um filho com o Edu, mas agora não sei se isso é o que quero.

Ao chegar em casa, paro diante do espelho e encaro meu reflexo. Levanto a blusa para verificar se há alguma mudança no meu corpo, mas tudo permanece igual. Tento lembrar de alguma outra mudança, mas só me lembro de ter me sentido mais

cansada pela manhã. Então eu toco minha barriga, pensando que ali dentro há uma vida de pouco mais de dois meses crescendo. Uma vida crescendo dentro de mim, fruto do meu amor com o Eduardo.

Sento no chão, ainda com a mão na barriga, e começo a acariciá-la. Talvez seja verdade esse papo de que os hormônios da gravidez deixam a mulher mais sensível, pois do nada já estou com vontade de chorar. Não é só tristeza ou medo. Uma felicidade inexplicável me invade.

Eu estou grávida do homem que eu amo!

Tudo bem que, nesse momento, isso é quase uma tragédia, mas também é um jeito de a vida dizer que sempre há um recomeço. E eu estou carregando o meu.

Depois do meu *momento mãe* passar, eu resolvo chamar minha amiga Léia para conversar e contar a novidade. Na realidade, eu preciso me abrir com alguém, já que eu não posso sair correndo para contar para o pai da criança. Aliás, eu ainda nem sei se vou contar e como vou contar. Espero que, conversando com a Léia, minha cabeça fique mais tranquila.

Horas depois, ela está na minha sala, tão surpresa quanto eu com a novidade:

— Como assim grávida, Mônica?

— Do tipo de ter um bebê na minha barriga.

— Como isso aconteceu?

— Sério que você não sabe?

— Não é isso! É que você e o Edu estão separados. Como você engravidou?

— Eu estou com pouco mais de dois meses de gravidez. E antes que você pergunte, eu não senti nada e tive uma “menstruação” normal mês passado. Eu também estou em choque, pois eu usava toda proteção possível. Deve existir, sei lá, um por cento de chance de algo assim acontecer. E alguém tem que estar dentro desse um por cento para ele existir. Parece que sou eu.

— E quando você vai contar para o Edu? Você vai contar, certo?

— Não sei. Quer dizer, eu vou contar, mas não agora. Amanhã eu vou fazer alguns exames de sangue, inclusive para confirmar a gravidez, e daí posso pensar melhor nisso.

— Existe alguma chance de isso estar errado?

— Acredito que não — Olho para ela e começo a chorar — Por que a vida é tão cruel comigo?

— Não acho que essa gravidez seja uma

crueldade da vida com você. Lembra como você e o Edu sonhavam com isso anos atrás? Sonhavam com uma menina *meio a meio*, sempre falavam disso.

— Isso era antes. As coisas são diferentes agora...

— Mas o amor é o mesmo. Talvez essa criança sirva para juntar vocês dois. Uma nova vida.

— Eu não sei se consigo confiar no Edu novamente. Não depois de tudo.

— Eu sei. E te entendo. Mas você não acha que vocês deviam pelo menos conversar, ainda mais agora?

— Vamos confirmar essa gravidez, ver como a criança está, e depois pensamos no pai dela. Tenho exames amanhã e consulta daqui a dez dias. Depois disso tudo, eu penso se converso ou não com o Edu.

Passamos o resto do tempo conversando e planejando sobre o bebê. No dia seguinte, faço vários exames, incluindo o de sexagem fetal, para saber o sexo da criança. Ainda bem que todos ficam prontos a tempo da primeira consulta do pré-natal. Eu estou uma pilha de nervos e felicidade. E,

além da gravidez, eu não consigo parar de pensar em uma outra coisa: Eduardo.



— É uma menina, Mônica! — A médica fala após olhar os resultados dos meus exames — Bom, você acabou de ultrapassar a barreira das dez semanas. Em breve completa o primeiro trimestre, que é o que inspira mais cuidados durante a gravidez. Como você tem passado?

Relato para a médica como têm sido os últimos dias. Parece que bastou descobrir a gravidez para os enjoos começarem, além de um sono que me persegue durante todo o dia. Me tornei uma grávida enjoada e preguiçosa, mas, segundo a médica, isso é normal nesse momento. Ela segue explicando todos os exames. Tudo está perfeito comigo e minha filha. Uma menina, como eu e Edu sempre planejamos. Eu não poderia estar mais feliz com isso. Uma menina *meio a meio*, como sempre dizíamos — metade parecida comigo, metade parecida com ele. Termina a consulta e marco a primeira ultra para daqui a dois dias, cheia de recomendações para encerrar esse trimestre da

melhor maneira possível.

Como a clínica é perto de casa, resolvo ir caminhando. Estou sorrindo como uma boba, imaginando como será minha menininha. Penso que quero que ela tenha os olhos e o sorriso do pai, que são irresistíveis e apaixonantes...

O pai... Será que o Edu ficaria feliz em saber que será pai? Será que ele ainda sonha em ser pai de uma menina?

Não é justo esconder isso dele. Nós, melhor do que ninguém, sabemos o quanto esconder as coisas um do outro pode ser ruim. Eu não estou pedindo uma segunda chance para a gente, mas é correto que ele saiba que vai ser pai. Por isso, assim que chego em casa, me sento e ligo para ele. Covardia contar pelo telefone, eu sei, mas não confio em mim perto dele, nem nos meus hormônios cada dia mais inconstantes. Não demora muito até ele atender:

— Mônica... — Sua voz é quase um sussurro e, ainda assim, faz meu coração disparar — Eu estou surpreso. E feliz por você ter ligado.

— Desculpa te ligar assim, mas eu precisava falar com você. Você está podendo falar?

— Claro. O que aconteceu?

— Olha, eu não sei como te contar isso e sei que contar pelo telefone não é a melhor maneira, mas espero que você entenda que, diante de tudo que aconteceu, essa é a única aproximação que eu consigo ter no momento, ok?

— Tudo bem, eu entendo.

— Você está no trabalho? Está sentado?

— Estou em Resende, na casa dos meus pais. Você está me preocupando, Mônica. O que aconteceu?

— Você vai ser pai — Ele fica mudo, não consigo ouvir nem sua respiração — Eduardo, você está aí?

— Repete, Mônica. Repete, por favor, para que não tenha chance de eu ter entendido errado.

— Você vai ser pai. Eu estou grávida. E é uma menina.

— Uma menina? Você já sabe o sexo? De quanto tempo você está grávida? Por que não me chamou para ir ao médico com você? Eu estou voltando agora para o Rio.

— Calma, Eduardo. Eu descobri há alguns dias. Estou com pouco mais de dez semanas. Descobri o sexo por exame de sangue hoje, que foi a primeira consulta do pré-natal. Não te contei

antes porque queria confirmar tudo. E também não sabia como te contar e como você iria reagir.

— Como eu iria reagir? Eu sou louco para ter um filho! Ainda mais com você! Uma menina, como a gente sempre sonhou! Meu Deus, eu estou tão feliz! Mãe, pai, vocês vão ser avós! Mônica, me escuta: Eu sei que você não me quer por perto e eu respeito isso, mas não me afasta da sua gravidez. Eu quero ser o melhor pai para a minha filha. Por favor, não me nega isso. Eu sei que eu não mereço, mas ela não tem culpa.

— Eu não vou impedir nada, Eduardo. Mas não espere que isso mude alguma coisa entre a gente. Só teremos essa criança em comum, e nosso assunto será apenas a gravidez, você consegue entender?

— Claro, Mônica. Eu não esperava nada além disso. Obrigado. Eu vou adiantar minha volta para o Rio. Posso passar amanhã de manhã na sua casa? Vou viajar de madrugada para chegar bem cedo por aí.

— Não precisa, Eduardo.

— Claro que precisa, minha filha já tem quase três meses. Não quero perder um dia de evolução dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amanhã, às dez, pode ser?

— Ótimo. E Mônica...

— Sim, Eduardo.

— Eu te amo. Obrigado por me dar o melhor presente do mundo.

Eu apenas desligo o telefone, antes que eu acabe me traindo e responda um “*eu também*”. O meu coração quer correr para o Eduardo a todo momento. Quer o conforto do seu abraço, o seu carinho, o seu amor. Para o meu coração, não importa o que o Eduardo tenha feito. Meu coração ainda é dele. Mas o meu lado racional me lembra todos os dias não só o que ele fez, mas com quem. E que ele tinha escolhido esconder tudo de mim. Eu amo o Eduardo, mas não confio nele. Acho que nunca mais confiarei, nem serei capaz de perdoar. Não a morte do Marcelo, eu sei que foi acidente, mas a opção dele em me esconder a verdade. Nenhuma relação sobrevive com mentiras.

Conto as horas até o dia seguinte. Acordo com o barulho da chuva. Pelo que pude ver pela janela, caiu um temporal pela madrugada. Ainda chove, mas bem pouco. Olho no relógio, tenho pouco mais de uma hora para me arrumar até o Eduardo chegar. Corro para fazer tudo e eu estou

PERIGOSAS ACHERON

pronta exatamente às dez.

Ao meio-dia, eu já não acredito mais que ele virá. Ligo para o seu telefone, mas só cai na caixa postal. Há uma mensagem dele no meu telefone, perto das três da madrugada, dizendo que já estava na estrada. Começo a me preocupar, pois já havia dado tempo suficiente para ele chegar aqui. Resolvi ligar a TV para esperar e me distrair.

Uma notícia chama a minha atenção: na madrugada, devido à pista escorregadia, ocorreu um acidente na Dutra. Uma carreta colidiu com outra, provocando um engavetamento. Um carro de passeio também se envolveu no acidente e ficou destruído com o impacto. Parecia praticamente impossível que o motorista pudesse ter sobrevivido ao acidente.

Após as imagens do acidente, a reportagem vai para o hospital, informando que o motorista de uma das carretas havia morrido, o outro teve ferimentos leves. O motorista do carro de passeio estava em estado grave, com risco de morte.

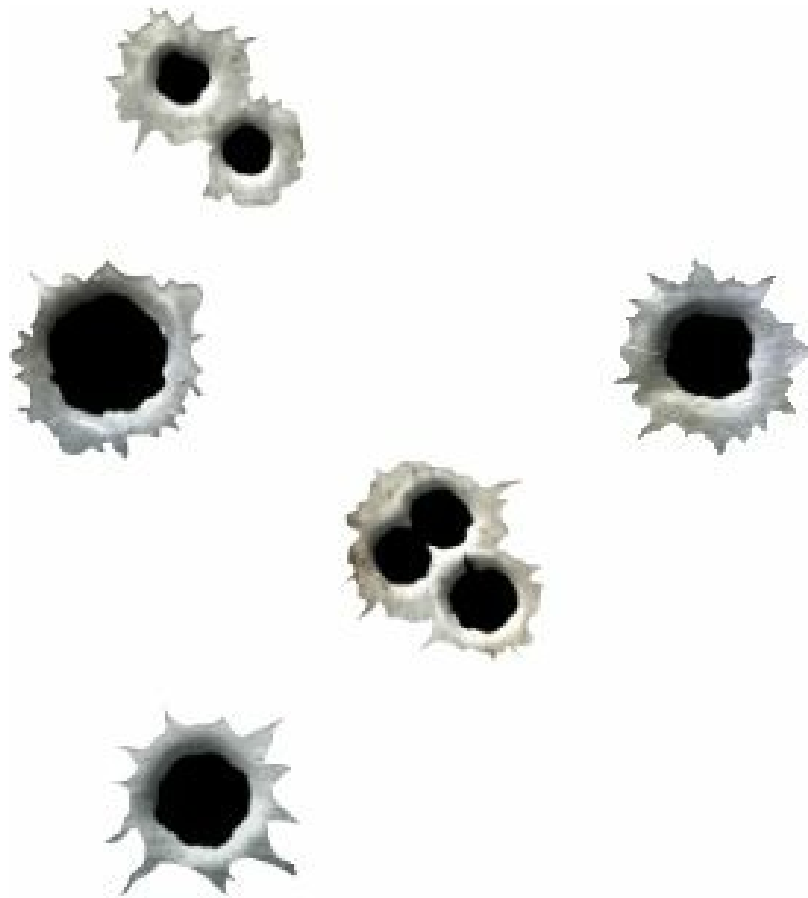
Meus olhos não querem acreditar no que veem: na recepção do hospital, os pais do Eduardo choram. Só pode ser uma alucinação!

Como uma resposta para meu

questionamento, a repórter informa que as vítimas foram identificadas. Minha mente viaja enquanto ela fala o nome dos motoristas das carretas. Mas quando ela fala o nome do motorista do carro de passeio que está entre a vida e a morte, meu coração quase para de bater:

“O policial Eduardo Urbano é a terceira vítima envolvida no acidente, e suas chances de sobreviver, segundo os médicos, são mínimas”.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

*“Não há nada mais certo que nossos
próprios erros.
Vale mais fazer e arrepender, que não fazer
e arrepender”.
Maquiavel*

Eduardo

Eu desliguei o telefone querendo pular de tanta felicidade. Pai! Eu ia ser pai! E de uma menina, com a mulher que eu sempre sonhei. Claro que as chances não estavam a nosso favor. Mas quando elas estiveram? Talvez, com essa novidade, as coisas pudessem melhorar entre nós, apesar de tudo o que ela disse. Há uma vida crescendo dentro dela, resultado do nosso amor. Eu esperava que isso ajudasse a crescer a chance do perdão.

Meus pais ficaram tão eufóricos quanto eu, tanto que não ligaram de eu interromper o final de semana com eles e voltar antes do planejado para o Rio. Como tínhamos um jantar reservado, optei por voltar de madrugada, assim chegaria bem cedo,

poderia descansar e depois passar o resto do dia cuidando da minha filha e sua mãe. Talvez ainda conseguisse comprar algo para levar de presente para a minha princesa. Resolvi andar no centro da cidade para procurar um presente. Comprei um gatinho de pelúcia, pois foi o melhor que consegui no momento, e também por achar bem fofo. Na volta para casa, resolvi escrever duas cartas: uma para a Mônica, e outra para a minha filha, para ser aberta quando ela nascesse. Aproveitei para terminar um presente que eu havia começado para a Mônica: um álbum de recordações, onde eu contava toda a nossa trajetória, inclusive os anos em que ficamos separados. Havia fotos, citações, frases... Pequenos detalhes que compunham a nossa história. Talvez ela nunca me perdoasse, mas eu queria que ela tivesse as mesmas boas memórias que eu tinha de nós.

Passei quase o dia todo terminando o presente, mas valeu a pena pelo resultado. Estava exatamente como eu havia imaginado. Me arrumei para o jantar com meus pais. Planejava viajar por volta das duas da manhã, assim chegaria antes das cinco no Rio, poderia descansar um pouco e ir me encontrar com a Mônica.

Pouco antes de viajar, começou uma chuva fraca. Não gostava de viajar na chuva, mas não podia adiar a minha volta. Despedi-me dos meus pais, que ainda estavam tão felizes quanto eu com a notícia, mas agora com medo da minha viagem, por conta do tempo ruim. Minha mãe insistiu que eu ficasse e viajasse pela manhã, mas eu não podia perder tempo, nem correr o risco de me atrasar. Eu não podia falhar com a Mônica mais uma vez.

Já estava na metade da viagem, quando resolvi mandar uma mensagem para ela. Com o celular grudado no apoio do painel do carro, abri o *WhatsApp* e falei a mensagem para ser digitada. A chuva começava a ficar mais forte, atrapalhando a visibilidade e deixando a pista escorregadia. Logo após uma curva fechada, um farol alto me cegou e eu perdi a direção. O carro derrapou, e, quando percebi, era tarde demais. Eu estava indo de encontro a uma carreta e não conseguia parar, pois meu carro estava rodopiando.

Tudo isso não deve ter levado mais que uns segundos. Foi então que eu senti. Eu sabia. Aquela velha sensação de sentir a morte por perto. O silêncio desesperador antes do final. E aquela imagem, a que sempre me vinha quando eu achava

que era o fim: o rosto dela, sorrindo e me dizendo:
“Tudo vai ficar bem”.

Quando a imagem apagou, eu senti o impacto e uma dor enorme. Só ficou a escuridão.



Mônica

Eu fico parada, olhando para a TV, pois não acredito que isso possa estar acontecendo. Em um minuto, eu esperava o Eduardo chegar para conversarmos sobre a minha gravidez. No outro, eu assistia à notícia de que ele estava à beira da morte.

Me sento no sofá, esperando que, em algum momento, ele apareça e diga que foi tudo um engano. Tento novamente ligar para o seu telefone, sem sucesso. Desesperada, insisto mais algumas vezes e, por fim, deixo um recado, implorando que ele retorne a ligação. Não consigo me mexer ou executar um pensamento ou ação coerente. Percebo que as horas passam, mas não saio do lugar. Algum tempo depois, meu telefone toca, me tirando do transe. Atendo no terceiro toque, sem nem olhar

quem é, repleta de esperança de ser o Eduardo:

— Edu?

— Não, Mônica, é a Léia. Você ainda não sabe o que aconteceu, não é?

— Se for sobre o Eduardo, eu esperava que fosse um engano...

— Infelizmente não é, amiga. Eu estou quase chegando na sua casa, liguei para saber se você está bem e se estava no hospital.

— Eu estou em casa. Na realidade, desde que vi a notícia, não consegui sair do lugar. Por que isso está acontecendo agora? Eu contei para ele, amiga, contei que ele ia ser pai. Ele estava feliz. Ele adiantou a viagem por minha culpa. Esse acidente é culpa minha...

— Mônica, se acalme! Eu já estou chegando. Você não tem culpa de nada. Pensa no seu bebê, você não pode se estressar.

— Léia, eu quero ficar perto do Edu. Por favor, descubra onde ele está e me leva pra lá.

— Tudo bem, eu vou ver o que eu consigo.

Já com a Léia comigo, descobrimos o hospital em que o Edu está graças à reportagem. Vamos o mais rápido que podemos para lá. Entretanto, ao chegarmos, descubro que ele havia

sido transferido, mas não querem me dizer para onde. No meio da recepção do hospital, eu começo a chorar, com medo de perder o Eduardo sem que eu possa me despedir ou pedir perdão por tudo. Eu não posso deixar que ele morra sem saber o que eu sinto. No auge do desespero, sinto uma mão tocar em meu ombro:

— Mônica?

— Senhor Francisco? — Não acredito que o pai do Eduardo está bem ali na minha frente.

— O que você está fazendo aqui? Está tudo bem com a minha neta?

— Sim, eu vim saber do seu filho. Por favor, me diz como ele está.

Ele apenas abaixa a cabeça, sem me dizer nada. Quando levanta, seu olhar está distante, com uma tristeza que me dói n'alma.

— Venha, vou te levar até ele. Nós conseguimos transferência para um hospital particular, pois aqui não conseguiriam dar todo o suporte necessário.

Sem pensar muito, puxo Léia pela mão e vamos as duas com ele.

— Você deu sorte que eu tive de ficar para resolver alguns assuntos burocráticos. Mais alguns

minutos e não nos encontraríamos.

— Não sei se foi sorte, não, mas agradeço por ter conseguido encontrar o senhor. Não queriam me contar para onde o levaram. Como ele está?

— A situação dele é muito crítica, minha querida. Os médicos não nos deram muitas esperanças, mas precisamos aguardar essas primeiras horas, que são fundamentais para a sua recuperação e um diagnóstico preciso. Assim que conseguiram estabilizá-lo, pedimos que fosse realizada a transferência, para termos mais chance de tentar recuperá-lo.

Tudo que consigo responder é um “*entendi*”. Se antes eu estava com medo, agora eu estou desesperada.

Quando chegamos ao hospital, espero o pai do Eduardo resolver assuntos burocráticos e receber notícias dele. Não nos deixam vê-lo, mas dizem que seu quadro permanece o mesmo. O médico fornece uma explicação muito técnica, e as únicas informações que consigo gravar são: traumatismo cranioencefálico, perna quebrada e em uma escala de coma, o seu grau era o três, o que lhe dava vinte por cento de chances de sobreviver, mas

esses números seriam mais precisos após as primeiras vinte e quatro horas.

Quanto a nós, só resta esperar.

Recuso-me a ir embora. Eu tinha medo de sair dali e algo acontecer. A madrugada já está alta quando encontro com a mãe dele, Dona Maria. É ela quem me convence a ir até a cantina comer algo. Sentamos e conversamos um pouco, ela quer saber sobre a gravidez, e eu conto tudo que havia feito até o momento. Também conto que eu e Eduardo não estamos juntos, mas que eu não o impedirei de ficar perto da filha. Léia foi para casa, prometendo voltar no dia seguinte, e o pai dele foi buscar os pertences que haviam sido recuperados no acidente. Somos interrompidas pela sua chegada.

— Alguma novidade, meu velho?

— Nenhuma, meu amor. Mas eu tenho algo para você, Mônica. Recuperamos a bolsa do Eduardo, que conseguiu escapar ilesa do acidente. Estava na parte do carro que não foi atingida. Tem dois embrulhos para você. Gostaria que você ficasse com eles.

Ele me entrega dois embrulhos, mas não tenho coragem de abrir. Peço licença e vou ao

jardim do hospital. Está escuro e deserto, mas não consigo me incomodar com isso. O medo que me assola é maior e mais desesperador do que a escuridão que me cerca.

Sento em um banco debaixo de um dos postes acesos e abro os pacotes com cuidado. O primeiro tem uma gatinha de pelúcia e um envelope escrito “*minha filha*”. Começo a chorar, pensando que esse é o primeiro presente dela e o pai nem pôde entregar. Não tenho coragem de abrir o envelope com a carta para nossa filha. O segundo embrulho é uma caixa com o meu nome. Eu abro, e lá dentro há um caderno encapado com camurça e flores azuis, as minhas favoritas. Junto com ele, um envelope, com o meu nome. Tremendo, eu o abro e encontro uma carta do Eduardo:

“*Mônica,*

Antes de qualquer coisa, eu queria te agradecer e dizer que você me deu o melhor presente da minha vida. Essa criança, mesmo que você negue, é fruto do amor verdadeiro, o que

enche meu coração de esperança.

Eu sei que eu não mereço nada de você, e por isso eu agradeço por ter me contado e deixado que eu participe dessa etapa com você.

Eu comprei um presente para a nossa filha e escrevi uma carta para ela, para ler assim que ela nascer. Sei que ela não vai entender nada, mas quero que ela saiba que eu já penso nela desde sempre e que estarei ao seu lado em todos os momentos da sua vida. Quando ela puder entender a carta, vai saber que o seu pai era louco por ela desde quando ela era apenas uma bolinha de gude na barriga da mãe.

O seu presente é meio feio, mas foi feito com igual amor. Eu fiz um caderno de memórias, dos nossos melhores momentos, dos meus melhores momentos, de como foi a minha vida sem você e de como foram esses últimos meses. Eu sei que eu te magoei muito no passado e consegui te magoar mais ainda agora, mas eu queria que você soubesse que eu te amo muito, mais do que posso colocar em palavras. Se eu tivesse que dizer adeus hoje para a minha vida, eu diria contente, pois eu posso dizer que vivi, em nome de todos os momentos em que estivemos juntos.

Algumas pessoas passam a vida tentando ser felizes. Eu fui feliz em todos os momentos que tive com você, e isso fez a minha valer a pena. Sei que agora terei mais momentos felizes, afinal, terei a minha princesinha para encher minha vida de luz, mas a minha maior felicidade sempre terá você como estrela.

Desenhei uma flor azul em cada página, para que elas fossem únicas e raras, assim como você. Sei que elas são suas favoritas, então, eu quero que, a cada página lida, você sinta como se eu te trouxesse uma flor azul que vai durar para sempre. Não sei se você sabe o significado delas, mas eu fui pesquisar e achei isso aqui: “Flor azul significa sonho, utopia, mistério e infinito.

Tornou-se símbolo da poesia romântica quando o poeta alemão, de pseudônimo Novalis, escreveu, no romance intitulado ‘Heinrich von Ofterdingen’, a história de um jovem poeta medieval que procurava por uma misteriosa flor azul.

A flor azul transformou-se então no símbolo da nostalgia voltada para o infinito, um dos mais duradouros símbolos do movimento romântico.

É vista como uma flor mística, inatingível, e

está associada à conquista de algo impossível. Representa também algo que é irreal, imaginário e fantasioso”.

Parece que você escolheu bem a sua flor favorita! E hoje eu sei que você sempre será a minha flor azul. Peço que não leia o caderno de uma única vez, que vá lendo aos poucos. Talvez nos momentos em que você se sentir sozinha, ou quando seu humor oscilar por conta dos hormônios... Saiba que mesmo distante, eu estarei ao seu lado. E que basta uma mensagem, para que eu largue tudo e venha até você.

Sei que pode ser difícil acreditar no que eu digo, diante de tudo que já passamos, mas como diria Renato Russo: ‘Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer que não existe razão?’.

Tudo vai ficar bem.

Eu te amo. Hoje e para sempre.

Eduardo”.

Termino a carta com os olhos embaçados de tanto choro. Só consigo me arrepender por tanto tempo perdido, por tanta mágoa causada e por tantas decisões erradas que nos afastaram. Hoje

deveríamos estar juntos, comemorando a descoberta da nossa filha, mas estamos novamente separados.

Quando vou abrir o caderno, escuto uma voz me chamar. É Francisco, o pai do Eduardo. Rapidamente recolho tudo e vou até ele. Seu semblante não é dos melhores.

— O que aconteceu? — Ele olha o gatinho de pelúcia na minha mão e começa a chorar.

— É da minha neta, e talvez ela nem conheça o pai...

Eu começo a ficar ainda mais nervosa e falo mais alto do que eu imaginava:

— O que aconteceu com o Eduardo? Me fala, por favor! — Seguro em seu braço, como se pudesse puxá-lo para a realidade.

— Ele sofreu uma parada cardíaca, os médicos estão tentando reanimá-lo.

Cada palavra me acerta como uma facada. Eu apenas saio correndo pelos corredores do hospital, mas sou barrada logo adiante. Seu Francisco chega em seguida, me segura, e eu desabo em seus braços.

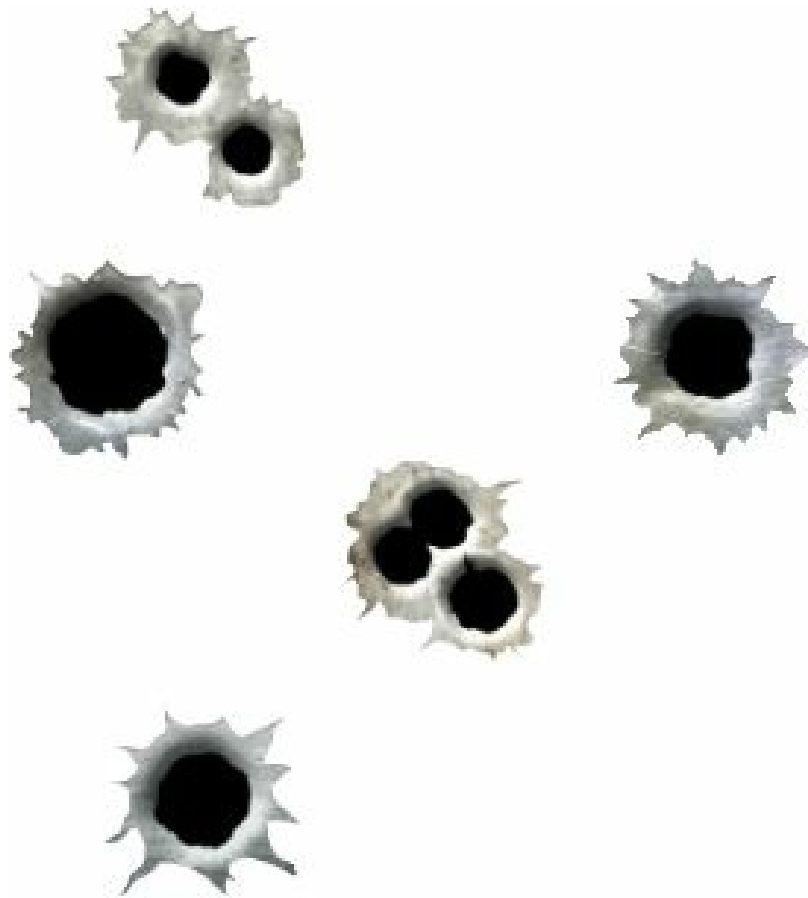
Não há dor maior. Eu estou perdendo o amor da minha vida, sem ter a chance de contar para ele

PERIGOSAS NACIONAIS

o quanto eu o amo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

*“Quando as pessoas se importam umas com
as outras,
sempre dão um jeito de fazer as coisas
darem certo”.*
Nicholas Sparks

Mônica **Dois meses depois**

Eu queria dizer que o Eduardo tinha acordado e tudo tinha se acertado. Que aquela noite do acidente havia ficado para trás e tínhamos conseguido superar. Mas não foi o que aconteceu.

Conseguiram reanimá-lo, mas ele não acordou do coma. Depois de alguns dias, os médicos informaram que ele estava em estado vegetativo. Ainda havia atividade cerebral, mas ele necessitava de aparelhos para sobreviver. Ninguém sabia quando e se ele acordaria, se ele teria sequelas, se ele teria uma vida novamente.

Os primeiros dias foram os mais difíceis. A primeira vez que deixaram que eu o visitasse, eu só

chorei. Olhar o Edu daquele jeito, na cama de hospital, me destruiu por dentro. Eu só queria ficar sentada ao seu lado, esperando até que ele acordasse. Mesmo que as pessoas dissessem o contrário, eu tinha certeza que ele acordaria, por isso vinha todos os dias e ficava horas com ele, enquanto Léia tocava o nosso negócio sozinha.

Depois de duas semanas, eu comecei a me desesperar. Tinha vontade de tentar acordar o Edu, de gritar no ouvido dele. Minha barriga já começava a aparecer, e eu queria que ele estivesse ali para ver, como ele prometeu. Então eu tive uma ideia: as pessoas costumam dizer que quem está em coma ouve o que falam a sua volta. Eu comecei a ler o caderno que ele havia feito para mim. A cada visita, eu lia uma página e recordava aquele momento que ele havia selecionado. Revivia as memórias, a minha versão daquele momento, e era a minha maneira de manter um elo com ele.

Dois meses depois, eu ainda esperava pelo milagre, mesmo quando os médicos diziam que era quase impossível. Eu havia retomado a minha vida, mas passava todos os dias no hospital. Eu vi o Edu perder peso, massa muscular. Acompanhava tudo o que os médicos faziam e passava horas na Internet,

pesquisando qualquer coisa que pudesse ajudar. Nada aparecia. Mas eu não desistiria, como sabia que ele nunca desistiria de mim.

Tudo vai ficar bem.

Eu estarei ao lado dele. Para sempre.



Sete meses depois do acidente

Por sete meses, eu fiz do hospital a minha casa. Os médicos acompanharam a minha barriga crescer, as minhas dores e as minhas angústias. Eu criei um vínculo com toda a equipe médica, que por meses se tornou minha família.

O Eduardo segue em estado vegetativo. Todos me olham com pena, mas eu nunca perdi a esperança de que, em algum momento, ele acordará. Por isso, consegui preparar tudo para o meu parto ser realizado no mesmo hospital em que ele está. É o jeito de ele estar presente nesse momento.

Depois de quatro meses no hospital, eu já tinha lido todo o caderno que ele fez, então resolvi

fazer o mesmo por ele: um diário da minha gravidez. Eu tirei fotos da evolução da minha barriga, relatei o que tinha acontecido nas consultas, o que eu senti a primeira vez que nossa filha mexeu ou quando escutei seu coração bater pela primeira vez. Coloquei fotos da ultra e das roupinhas que eu comprava, e disse o quanto eu queria que ele estivesse aqui.

Eu quero que, quando ele acordar, possa sentir tudo o que eu senti ao acompanhar a evolução da nossa filha. E que, mais tarde, ele possa ler esse livro na companhia dela.

Eu já estou na quadragésima semana de gravidez, e nossa filha pode nascer a qualquer momento. Por isso, deixei uma bolsa com nossas coisas no hospital, que era como uma segunda casa para mim. Estou lendo para o Eduardo a última página do caderno, falando sobre a consulta do dia anterior e do nome que eu escolhi para nossa filha: Abigail, um nome hebraico que significa “alegria de meu pai”, pois toda vez que eu penso em nossa filha, eu me lembro da felicidade do Eduardo em ser pai.

Após encerrar a leitura, eu olho para o homem naquela cama: em nada ele lembra o meu

Eduardo. Não apenas por sua aparência, que mudou drasticamente. Pouco havia sobrado do corpo forte e esguio. Aparelhos o mantêm respirando. Às vezes, algumas escaras se formam devido ao longo tempo na mesma posição. Sua cor é pálida, e qualquer um que olhasse diria que não há vida naquele corpo. Pela primeira vez eu me pergunto se não é egoísmo da nossa parte insistir tanto para o Edu ficar. Ele terá uma avaliação médica amanhã, pois os médicos precisam verificar como estava a atividade cerebral dele.

Então eu me lembro de como o Edu costumava ser. Do cara alegre, ativo, cheio de vida e que amava viver. Do seu sorriso espontâneo, das suas piadas ruins e de como ele gostava de correr. Dos seus planos e da sua carreira na polícia, que ele tanto lutou para conquistar e nunca conseguiu desfrutar por completo. Das vezes em que ele disse que me amava e dos planos que tínhamos. E de como é injusto ele estar desse jeito.

Com dificuldade por conta do peso da barriga e de algumas dores que estou sentindo, eu me levanto e chego bem próximo a ele. Tento manter o controle, respiro fundo e falo perto do seu ouvido:

— Eduardo, eu tenho muito orgulho de você.

PERIGOSAS NACIONAIS

Do homem que você se tornou e de como tem lutado para sobreviver. Eu queria poder te dizer isso te olhando nos olhos, mas não sei se será possível, então vou dizer agora: eu te perdoo. E eu te amo, céus, como eu te amo! Eu nunca deixei de te amar. E eu devia ter percebido isso antes, que nosso amor é maior e mais forte do que todos os problemas que nós nos causamos. Eu queria ter pelo menos mais uma hora com você, vivo e saudável, para que eu pudesse te dizer tudo que eu sinto e poder te beijar e abraçar pelo menos uma última vez. Desculpa por ter deixado a mágoa me cegar e não ter te ouvido. Desculpa por não ter lutado pela gente quando eu podia. Obrigada por me amar e por me tornar uma mulher completa, com a chegada da nossa filha. Eu quero muito que você levante dessa cama e venha viver a vida comigo e com ela, mas eu vou entender se você quiser descansar. Você cumpriu a sua parte. Esteve comigo durante toda a gravidez, e sei que vai estar para sempre. Então, se você estiver cansado demais para continuar, eu te peço: vá descansar. Eu e Abigail vamos te amar para sempre. Eu só não quero que você sofra — Dou um beijo em sua testa e me afasto um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto um líquido escorrer pelas minhas pernas. Minha bolsa estourou e as dores tornaram-se mais fortes e menos distanciadas. Acho que minha filha quer nascer.

Toco a campainha da enfermeira, e, em questão de minutos, ela aparece, provavelmente achando que aconteceu algo com o Eduardo. Ao perceber o chão molhado, ela me olha e pergunta:

— É seu?

— Acho que minha bolsa estourou — Interrompo a fala para gemer de dor — As contrações estão aumentando e ficando em intervalos cada vez menores.

Rapidamente ela me coloca em uma cadeira de rodas e me encaminha para o médico. Alguns minutos depois, estou a caminho do centro cirúrgico. A qualquer momento minha filha pode nascer. E em algumas horas, os médicos vão verificar se o seu pai continua vivo ou não.

As horas passam, as dores aumentam e minha impaciência também. Léia e Dona Maria estão comigo. Sei que um parto pode durar até quinze horas e não estamos nem na metade disso, mas nesse momento eu só quero que a dor passe.

O dia logo amanhece e a correria começa. O

médico informa que é a hora de realizarmos o parto. Minhas amigas seguram minhas mãos, enquanto eu faço força. Já exausta, sinto que não vou conseguir, mas o médico pede que eu continue forçando, pois já consegue ver a cabeça de minha filha.

Fecho os olhos e vejo a imagem do Eduardo, sorrindo para mim. Ele diz que me ama e, em um sussurro, me tranquiliza:

“Tudo vai ficar bem”.

Reúno toda a energia que me resta e faço o maior esforço que consigo, então um choro invade o lugar. Eduardo sorri novamente e então sua imagem se desfaz. Abro os olhos e vejo os médicos realizando os procedimentos com minha filha, e logo a trazem para que eu a veja: é uma mistura perfeita entre mim e Eduardo. Uma menina *meio a meio*, como ele sempre disse.

Antes de o médico sair, ouço quando ele diz:

“Horário do nascimento: oito e quinze da manhã”.

No horário em que nossa filha nascia, Eduardo era avaliado para saber se ainda estava vivo ou não.

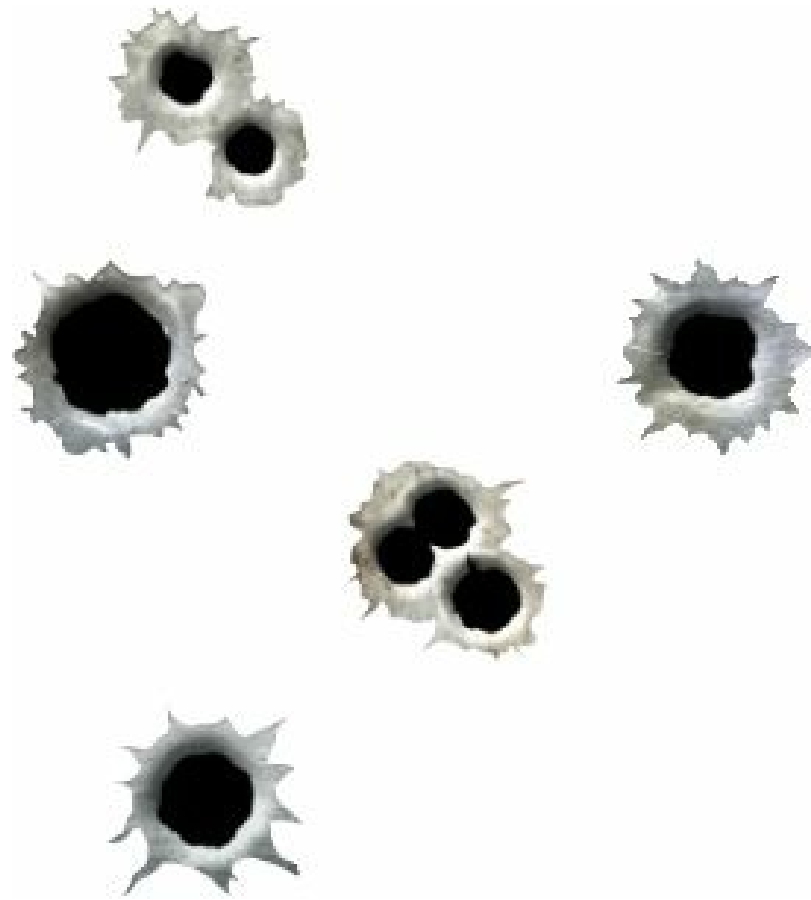
Algumas horas depois, eu saberia que essa foi

PERIGOSAS NACIONAIS

a hora em que foi decretada a sua morte cerebral.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

*“Nossas lembranças são curiosas.
Às vezes são fiéis, mas outras vezes se
transformam no que queremos que sejam”.*

Nicholas Sparks

Mônica **Dois dias depois**

Recebo alta do hospital um dia depois do enterro do Eduardo. Por pedido meu, disse que podiam fazer o enterro sem esperarem por mim. Eu não queria dividir o meu adeus com ninguém. Por isso, quando Léia vai me buscar, peço para que pare no cemitério e fique com a bebê enquanto eu me despeço. Ela trouxe as flores azuis que eu pedi.

Ela me indica o lugar e a direção em que ele está enterrado. Alguns minutos depois, eu estou diante da sua cova. Uma representação fria da pessoa incrível que ele foi. Havia tanto que eu queria falar, mas nenhuma palavra adiantaria nada.

Da pior forma possível, eu aprendi que a vida não permite ensaios, ela é para ser vivida. O depois

é algo imprevisível demais para que possamos contar com ele.

Imperdoável não é o amor que comete falhas, mas o amor que não é vivido por puro egoísmo.

O problema da vida não são as escolhas que temos de fazer, mas lidar com as consequências que elas trazem. Para sempre, eu serei refém das escolhas que eu fiz. Talvez as coisas pudessem ser diferentes se eu tivesse ouvido o Edu, ou se ele tivesse me contado antes a verdade. Se a gente tivesse confiado mais no que sentíamos, talvez hoje estaríamos vivendo o nosso amor. Porém, tudo que ficou foi a saudade e a Abigail, o fruto e a prova de que nosso amor foi real.

Deposito as flores na cova do Edu e digo um “eu te amo” pela última vez. E por mais estranho que possa parecer, nenhuma lágrima cai dos meus olhos. Estou dilacerada por dentro, mas estranhamente tranquila. Lembro a última vez que falei com ele naquele quarto do hospital, e de alguma forma sei que ele me ouviu e escolheu descansar. Não posso lutar contra isso, então apenas me despeço e volto para o carro. Com os últimos acontecimentos da minha vida, eu aprendi que não podemos lutar contra o incontrolável.

Retomamos o caminho para casa. Abigail dorme como um anjo. Ela é linda e muito calma, e é por ela que tenho me mantido forte. Toda vez que olho para ela, me sinto mais capaz. Ela é o meu recomeço.

Já em casa, nos acomodamos e Léia vai embora. A babá que contratei já está a nossa espera, deixo Abigail no berço e vou tomar um banho. Eu achei que ficaria muito pior com a morte do Eduardo, mas há uma estranha sensação de paz em meu coração.

Ao terminar o banho, me recordo do pedido que Eduardo fez na carta que deixou: ler o texto para a nossa filha assim que ela nascesse. Procuro a caixa e pego o envelope. Com Abigail no berço, sento na poltrona e, antes de amamentá-la, leio a carta:

“Minha filha,

Faz apenas algumas horas que eu descobri que vou ser pai, mas essas já são as horas mais felizes da minha vida. Eu escrevi essa carta porque queria que você soubesse que é amada a cada segundo da sua existência, que eu te amei desde quando soube que você existia.

Você é um sonho que se tornou realidade, e você não imagina o quanto eu sonhei e esperei por você. Eu ainda não sei como você é, mas tenho certeza que você é a garota mais linda do mundo.

Daqui a uns anos, você vai poder ler esta carta e saber o quanto seu pai é louco, o que você já terá percebido há muito tempo. Quero que saiba que eu vou te amar e proteger em todos os dias da minha vida. Você sempre terá um ombro amigo, um porto seguro e um companheiro para qualquer coisa que você escolher fazer.

Agora eu quero falar da sua mãe. Eu a amo mais do que a minha própria vida. Não poderia ter mulher melhor no mundo para ser sua mãe. Eu sou o cara mais sortudo do mundo, pois amo as duas mulheres mais incríveis do universo. Infelizmente, o seu pai é burro e magoou a sua mãe. Eu a perdi, mas ganhei você no meio do caminho, o que deixou a caminhada muito mais fácil.

Se quando a sua mãe ler essa carta para você pela primeira vez a gente ainda estiver separado, conta pra ela que a minha vida não faz sentido sem ela. Seu pai só sobrevive longe da sua mãe. Viver só é possível ao lado dela. Diz pra ela que eu me ajoelharia todos os dias aos seus pés,

para pedir perdão por todas as burradas que eu fiz.

Sei que isso não conserta muita coisa, mas conta pra ela que eu procurei o Marcos (ela vai saber quem é) e contei toda a história. Também procurei o Felipe e o Diogo (ela também sabe quem são eles) e conversei sobre a ONG. Eles concordaram que nada mais justo do que ela voltar para lá.

Se não for pedir muito, diz para sua mãe que eu pedi para sair da polícia. Vou abrir o meu próprio negócio, um trabalho mais seguro, no qual eu não vou correr risco de vida, nem arriscar a vida de ninguém.

E por último, conta para a sua mãe que eu a amo, e que assim que for possível e ela me der uma chance, eu vou pedi-la em casamento. E se ela aceitar, vamos nos casar no menor tempo possível, para que eu não corra o risco de ela desistir. Vocês são tudo que eu tenho, são a minha vida, e eu não posso imaginar viver em um mundo sem vocês.

Bem-vinda à nossa vida, filha! Você é a alegria do pai!

Mônica, eu vou te amar para sempre. Se eu pudesse te amar de novo, eu te amaria certo dessa vez. Você é tudo que importa. Me perdoe se eu te

fiz duvidar disso em algum momento. Eu passaria a minha vida tentando te provar que você é a minha prioridade, só dividindo espaço com a nossa filha.

Eu te amo. Por toda a minha vida, com toda a minha vida.

*Nunca se esqueça disso. Nunca duvide disso.
Com todo o meu coração,
Eduardo.”*

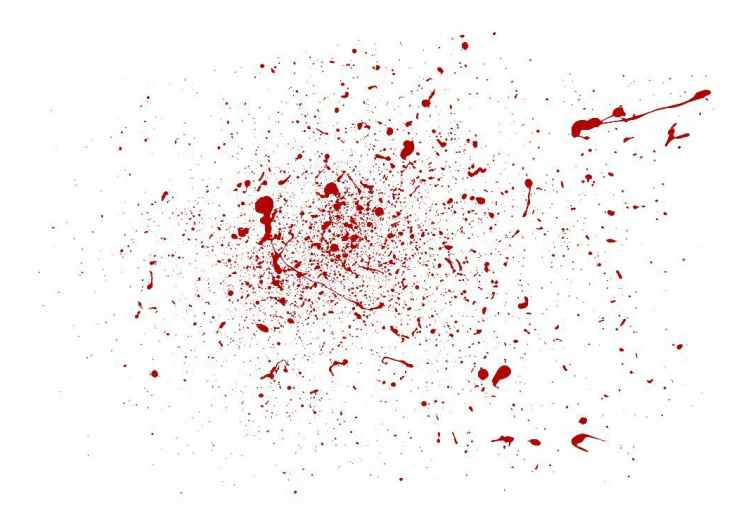
Por incrível que pareça, Abigail apenas me olha durante todo o tempo em que li o texto. Ao terminar, dobro a carta e a coloco na poltrona. Abraço minha filha e me levanto, indo até a cômoda, sobre a qual repousa um porta-retratos com uma foto minha com o Eduardo. Toco no seu lado da foto e sussurro um “*eu te amo*”.

Volto para a poltrona, começo a amamentar nossa filha e fecho os olhos. Posso ver o Edu sorrindo para nós. Seu semblante sereno me tranquiliza e traz a certeza de que estou pronta para recomeçar. Mais rápido do que eu gostaria, sua imagem começa a desaparecer, mas posso sentir no mais fundo do meu coração que ele sempre estará conosco. Em seu caminho de luz, ele parece ainda mais iluminado do que sempre foi. Antes de partir,

Edu me entrega um último olhar apaixonado e abre o sorriso que tanto amo. De seus lábios, escapa a promessa que aquieta minh'alma:

“Amo vocês. Tudo vai ficar bem”.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Esse livro teve fase muito distintas, que tenho absoluta certeza que refletem na história. Em todas elas, mesmo nas piores, eu tive muito apoio. Deve ser cansativo pra vocês lerem os meus agradecimentos de sempre ao meu marido, Bruno Luiz Silva Dantas, mas, cara, é muito real quando digo que não conseguiria nada sem ele. Nossa parceria e sintonia é surreal. Então, de novo, obrigada por tudo, vida.

Também existem outros agradecimentos que preciso fazer:

Karina Altobelli, que me deu um dos maiores e melhores presentes de 2018.

Felipe Saraíça, que não apenas leu a história, mas acompanhou toda a construção e me deu apoio não apenas para a escrita, mas para a vida.

Tatiana Moreira e Daniella Variani, que foram lendo, opinando, lapidando. Vocês fazem parte disso.

Letícia Teixeira, Thiago Itaboraí e Gisele Soares, que me ajudaram nas minhas dúvidas e nas minhas pesquisas, possibilitando um trabalho

melhor e mais realista.

Meus leitores, que entenderam o fato de eu ter que adiar alguns planos, e que ajudaram com várias partes da história, às vezes até sem saber. O apoio de vocês é essencial.

Jéssica Milato, que conheceu, acreditou no meu trabalho e ofereceu a oportunidade para que mais um sonho se tornasse real.

A todos que torceram, comemoraram e mandaram energias positivas para mim durante todo o processo desse livro. Muito obrigada pelo apoio!

À minha família, que sempre me apoia e incentiva, lutando pelos meus sonhos juntos comigo.

E, claro, meu maior agradecimento sempre será a Deus, que, em sua infinita misericórdia, segue me dando mais do que eu mereço.

Por último, meu muito obrigada a você que me deu uma oportunidade e leu o livro até aqui. Esse sonho só existe por você!

Gratidão!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON